

Não controlada

AEGEA

Pro
lagos

Sistema de Esgotamento Sanitário de

Iguaba Grande – RJ

PROJETO EXECUTIVO

Memorial Descritivo


Eng. Civil José Luiz Moreno Bisogenin
CREA 1765/D-MS

Maio/2018

engesam

engenharia e
saneamento ambiental

AEGEA

Pro
lagos

Título:

Projeto Executivo
Memorial Descritivo

Rev 01

11/05/2018

Não controlado

Arquivo:

17137_IG PE MD r1

engesam
engenharia e
saneamento ambiental

EQUIPE TÉCNICA

Antonio Assis de Souza Sobrinho	Engenheiro Sanitarista e Ambiental
Denise Ramos Flores Bisogenin	Engenheira Civil e de Segurança do Trabalho
Diane Ceolin	Engenheira Sanitarista e Ambiental
Guilherme de Oliveira Gardini	Engenheiro Sanitarista e Ambiental
José Luiz Moreno Bisogenin	Engenheiro Civil e Sanitarista
João Matheus Cabral Bexiga	Estagiário de Engenharia Ambiental
Kamilla Ajala Rigol	Gestora Ambiental
Layse Rota Souza	Engenheira Sanitarista e Ambiental
Leandro de Almeida Caldo	Engenheiro Sanitarista e Ambiental
Tiago Batista Ramalho	Engenheiro Sanitarista e Ambiental

VERSÃO DO PROJETO

Data	Responsável	Observação
Mar/2018	Engesam – Engenharia e Saneamento Ambiental	Elaboração de Relatório

Atenção! Este documento foi preparado para impressão frente e verso. Por isso podem ocorrer folhas “em branco” que foram inseridas de forma proposital para melhor editoração.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	14
2	SISTEMA EXISTENTE	15
2.1	Rede Coletora	15
2.2	Interceptores	15
2.3	Estações Elevatórias de Esgoto Bruto e Linha de Recalque	16
2.4	Estação de Tratamento de Esgoto.....	16
3	PARÂMETROS E CONDICIONANTES DE PROJETO	16
3.1	Níveis de Atendimento.....	17
3.2	Vazões de Contribuição.....	17
3.3	Rede Coletora	21
3.4	Interceptores e Emissários por Gravidade.....	31
3.5	Estações Elevatórias de Esgoto Bruto e Linhas de Recalque	32
4	ESTUDO POPULACIONAL	37
4.1	População Residente.....	37
4.2	População Flutuante.....	37
4.3	Distribuição Populacional	38
5	SISTEMA PROPOSTO.....	40
5.1	Área de Projeto	40
5.2	Topografia	40
5.3	Sondagem.....	41
5.4	Cálculo das Vazões de Contribuição	41
5.5	Rede Coletora de Esgotos	43
5.6	Estações Elevatórias de Esgotos.....	44
6	PROJETO DE ESTRUTURA.....	61
7	PROJETO ELÉTRICO.....	61
8	ORÇAMENTO	61
9	BIBLIOGRAFIA	62
10	Anexos.....	64
10.1	Anexo I – Caracterização dos Subsistemas	
10.2	Anexo II – Planilha de Dimensionamento	
10.3	Anexo III – Especificações Técnicas Serviços	
10.4	Anexo IV – Especificações Técnicas de Materiais e Equipamentos	

10.5 Anexo V – Manual de Operação e Manutenção de Estações Elevatórias de Esgotos

TABELAS

Tabela 1 - Metas de Níveis de Atendimento	15
Tabela 2 - Extensões e Diâmetros de Interceptores.....	16
Tabela 3 – EEEB's de Iguaba Grande	16
Tabela 4 – Metas de níveis de atendimento	17
Tabela 5 - Critérios Taxa de Infiltração.....	19
Tabela 6 - Critérios de traçado e localização dos coletores	23
Tabela 7 - Tipos de Escoramentos	24
Tabela 8 - Largura de Valas sem Água.....	24
Tabela 9 - Largura de Valas com Água	26
Tabela 10 - Diâmetros Poços de Visita	28
Tabela 11-Alturas mínimas de degrau	28
Tabela 12 - Recobrimento Mínimo da Rede Coletora	31
Tabela 13 – Padrão para Estações Elevatórias de Esgoto Bruto	32
Tabela 14 - População Residente PDE - Iguaba Grande.....	37
Tabela 15 - População Flutuante PDE - Iguaba Grande.....	37
Tabela 16 - Distribuição Populacional	39
Tabela 17 - Vazões de Contribuição do SES Iguaba Grande	42
Tabela 18 - Resumo de Quantidades – Rede Coletora.....	43
Tabela 19 - Resumo das Estações Elevatórias de Esgoto Bruto.....	45
Tabela 20 - Unidades Projetadas.....	64
Tabela 21 – Resumo Subsistema 01	
Tabela 22- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-01	
Tabela 23 – Resumo Subsistema 02	
Tabela 24- - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-02	
Tabela 25 – Resumo Subsistema 03	
Tabela 26 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-03	
Tabela 27 – Resumo Subsistema 04	
Tabela 28 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-04	
Tabela 29 – Resumo Subsistema 05	
Tabela 30 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-05	
Tabela 31 – Resumo Subsistema 06	
Tabela 32- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-06	
Tabela 33 – Resumo Subsistema 07	
Tabela 34- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-07	

Tabela 35 – Resumo Subsistema 08
Tabela 36 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-08
Tabela 37 – Resumo Subsistema 09
Tabela 38- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-09
Tabela 39 – Resumo Subsistema 10
Tabela 40- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-10
Tabela 41 – Resumo Subsistema 11
Tabela 42- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-11
Tabela 43 – Resumo Subsistema 12
Tabela 44- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-12
Tabela 45 – Resumo Subsistema 13
Tabela 46- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-13
Tabela 47 – Resumo Subsistema 14
Tabela 48- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-14
Tabela 49 – Resumo Subsistema 15
Tabela 50- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-15
Tabela 51 – Resumo Subsistema 16
Tabela 52- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-16
Tabela 53 – Resumo Subsistema 17
Tabela 54- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-17
Tabela 55 – Resumo Subsistema 18
Tabela 56- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-18
Tabela 57 – Resumo Subsistema 19
Tabela 58- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-19
Tabela 59 – Resumo Subsistema 20
Tabela 60- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-20
Tabela 61 – Resumo Subsistema 21
Tabela 62- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-21
Tabela 63 – Resumo Subsistema 22
Tabela 64 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-22
Tabela 65 – Resumo Subsistema 23
Tabela 66 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-23
Tabela 67 – Resumo Subsistema 24
Tabela 68 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-24
Tabela 69 – Resumo Subsistema 25
Tabela 70- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-25

Tabela 71 – Resumo Subsistema 26

Tabela 72 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-26

Tabela 73 – Resumo Subsistema 27

Tabela 74- Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-27

Tabela 75 – Resumo Subsistema 28

Tabela 76 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-28

Tabela 77 – Resumo Subsistema 29

Tabela 78 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-29

FIGURAS

Figura 1 – Limites Municipais.....	40
Figura 2 – Apresentação dos Coletores e PV's no Projeto Executivo de Rede.....	44
Figura 3 – Travessia Linha de Recalque SS3 – Recalcando do SS3 para o SS2.....	75
Figura 4 – Travessia Linha de Recalque SS4 – Recalcando do SS4 para a ETE Iguaba Grande ..	80
Figura 5 – Travessia Linha de Recalque SS5 – Recalcando do SS5 para SS2.....	85

Não controlada

DESENHOS

	Código	Unidade	Descrição
Projeto Hidráulico	17137_IG_01 PE HID RCE CON	Rede Coletora	Localização Subsistema de Esgotamento
	17137_IG_02 PE HID RCE FLX	Rede Coletora	Fluxograma Subsistema de Esgotamento
	17137_IG_03 PE HID RCE DET	Rede Coletora	Detalhamento Hidráulico
	17137_IG_04 PE HID INT01	Interceptor INT IG-01	Projeto Hidráulico (Planta e Perfil)
	17137_IG_05 PE HID EEB01	Estação Elevatória EEEB IG-01	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_06 PE HID EEB02	Estação Elevatória EEEB IG-02	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_07 PE HID EEB03	Estação Elevatória EEEB IG-03	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_08 PE HID EEB04	Estação Elevatória EEEB IG-04	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_09 PE HID EEB05	Estação Elevatória EEEB IG-05	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_10 PE HID EEB06	Estação Elevatória EEEB IG-06	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_11 PE HID EEB07	Estação Elevatória EEEB IG-07	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_12 PE HID EEB08	Estação Elevatória EEEB IG-08	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_13 PE HID EEB09	Estação Elevatória EEEB IG-09	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_14 PE HID EEB10	Estação Elevatória EEEB IG-10	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_15 PE HID EEB11	Estação Elevatória EEEB IG-11	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_16 PE HID EEB12	Estação Elevatória EEEB IG-12	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_17 PE HID EEB13	Estação Elevatória EEEB IG-13	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_18 PE HID EEB14	Estação Elevatória EEEB IG-14	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_19 PE HID EEB15	Estação Elevatória EEEB IG-15	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_20 PE HID EEB16	Estação Elevatória EEEB IG-16	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_21 PE HID EEB17	Estação Elevatória EEEB IG-17	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_22 PE HID EEB18	Estação Elevatória EEEB IG-18	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_23 PE HID EEB19	Estação Elevatória EEEB IG-19	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_24 PE HID EEB20	Estação Elevatória EEEB IG-20	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_25 PE HID EEB21	Estação Elevatória EEEB IG-21	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_26 PE HID EEB22	Estação Elevatória EEEB IG-22	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_27 PE HID EEB23	Estação Elevatória EEEB IG-23	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_28 PE HID EEB24	Estação Elevatória EEEB IG-24	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_29 PE HID EEB25	Estação Elevatória EEEB IG-25	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_30 PE HID EEB26	Estação Elevatória EEEB IG-26	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_31 PE HID EEB27	Estação Elevatória EEEB IG-27	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_32 PE HID EEB28	Estação Elevatória EEEB IG-28	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_33 PE HID EEB29	Estação Elevatória EEEB IG-29	Projeto Hidráulico e implantação
	17137_IG_34 PE HID LR02	Linha de Recalque LR IG-02	Projeto Hidráulico
	17137_IG_35 PE HID LR03	Linha de Recalque LR IG-03	Projeto Hidráulico
	17137_IG_36 PE HID LR04	Linha de Recalque LR IG-04EI	Projeto Hidráulico
	17137_IG_37 PE HID LR05	Linha de Recalque LR IG-05	Projeto Hidráulico
	17137_IG_38 PE HID LR06	Linha de Recalque LR IG-06	Projeto Hidráulico
	17137_IG_39 PE HID LR07	Linha de Recalque LR IG-07	Projeto Hidráulico
	17137_IG_40 PE HID LR08	Linha de Recalque LR IG-08	Projeto Hidráulico
	17137_IG_41 PE HID LR09	Linha de Recalque LR IG-09	Projeto Hidráulico
	17137_IG_42 PE HID LR10	Linha de Recalque LR IG-10	Projeto Hidráulico

Arquivo:

17137_IG PE MD r1

	Código	Unidade	Descrição
	17137_IG_43 PE HID LR11	Linha de Recalque LR IG-11	Projeto Hidráulico
	17137_IG_44 PE HID LR12	Linha de Recalque LR IG-12	Projeto Hidráulico
	17137_IG_45 PE HID LR13	Linha de Recalque LR IG-13	Projeto Hidráulico
	17137_IG_46 PE HID LR14	Linha de Recalque LR IG-14	Projeto Hidráulico
	17137_IG_47 PE HID LR15	Linha de Recalque LR IG-15	Projeto Hidráulico
	17137_IG_48 PE HID LR16	Linha de Recalque LR IG-16	Projeto Hidráulico
	17137_IG_49 PE HID LR17	Linha de Recalque LR IG-17	Projeto Hidráulico
	17137_IG_50 PE HID LR18	Linha de Recalque LR IG-18	Projeto Hidráulico
	17137_IG_51 PE HID LR19	Linha de Recalque LR IG-19	Projeto Hidráulico
	17137_IG_52 PE HID LR20	Linha de Recalque LR IG-20	Projeto Hidráulico
	17137_IG_53 PE HID LR21	Linha de Recalque LR IG-21	Projeto Hidráulico
	17137_IG_54 PE HID LR22	Linha de Recalque LR IG-22	Projeto Hidráulico
	17137_IG_55 PE HID LR23	Linha de Recalque LR IG-23	Projeto Hidráulico
	17137_IG_56 PE HID LR24	Linha de Recalque LR IG-24	Projeto Hidráulico
	17137_IG_57 PE HID LR25	Linha de Recalque LR IG-25	Projeto Hidráulico
	17137_IG_58 PE HID LR26	Linha de Recalque LR IG-26	Projeto Hidráulico
	17137_IG_59 PE HID LR27	Linha de Recalque LR IG-27	Projeto Hidráulico
	17137_IG_60 PE HID LR28	Linha de Recalque LR IG-28	Projeto Hidráulico
	17137_IG_61 PE HID LR29	Linha de Recalque LR IG-29	Projeto Hidráulico
	17137_IG_62 PE HID TRV	Travessias	Projeto Hidráulico
	17137_IG_63 PE PAD ESC	Padrão	Escoramento de Vala, Ligação Domiciliar e Rede Auxiliar
	17137_IG_64 PE PAD PV	Padrão	PV, PVT, TIL, TL, TQ e Envolvimento
	17137_IG_65 PE PAD PV INT	Padrão	PV e TQ para PEAD ADS
	17137_IG_66 PE PAD DES	Padrão	Descarga e Ventosa
	17137_IG_67 PE PAD CES	Padrão	Detalhe Cestos e Anteparo
	17137_IG_68 PE PAD ALB	Padrão	Detalhe Portão e Alambrado
Projeto Elétrico	17137_IG_01 PE ELE EEB01	Estação Elevatória EEEB IG-01	Projeto Elétrico
	17137_IG_02 PE ELE EEB02	Estação Elevatória EEEB IG-02	Projeto Elétrico
	17137_IG_03 PE ELE EEB03	Estação Elevatória EEEB IG-03	Projeto Elétrico
	17137_IG_04 PE ELE EEB04	Estação Elevatória EEEB IG-04	Projeto Elétrico
	17137_IG_05 PE ELE EEB05	Estação Elevatória EEEB IG-05	Projeto Elétrico
	17137_IG_06 PE ELE EEB06	Estação Elevatória EEEB IG-06	Projeto Elétrico
	17137_IG_07 PE HID EEB07	Estação Elevatória EEEB IG-07	Projeto Elétrico
	17137_IG_08 PE HID EEB08	Estação Elevatória EEEB IG-08	Projeto Elétrico
	17137_IG_09 PE HID EEB09	Estação Elevatória EEEB IG-09	Projeto Elétrico
	17137_IG_10 PE HID EEB10	Estação Elevatória EEEB IG-10	Projeto Elétrico
	17137_IG_11 PE HID EEB11	Estação Elevatória EEEB IG-11	Projeto Elétrico
	17137_IG_12 PE HID EEB12	Estação Elevatória EEEB IG-12	Projeto Elétrico
	17137_IG_13 PE HID EEB13	Estação Elevatória EEEB IG-13	Projeto Elétrico
	17137_IG_14 PE HID EEB14	Estação Elevatória EEEB IG-14	Projeto Elétrico

Arquivo:

17137_IG PE MD r1

Código	Unidade	Descrição
17137_IG_15 PE HID EEB15	Estação Elevatória EEEB IG-15	Projeto Elétrico
17137_IG_16 PE HID EEB16	Estação Elevatória EEEB IG-16	Projeto Elétrico
17137_IG_17 PE HID EEB17	Estação Elevatória EEEB IG-17	Projeto Elétrico
17137_IG_18 PE HID EEB18	Estação Elevatória EEEB IG-18	Projeto Elétrico
17137_IG_19 PE HID EEB19	Estação Elevatória EEEB IG-19	Projeto Elétrico
17137_IG_20 PE HID EEB20	Estação Elevatória EEEB IG-20	Projeto Elétrico
17137_IG_21 PE HID EEB21	Estação Elevatória EEEB IG-21	Projeto Elétrico
17137_IG_22 PE HID EEB22	Estação Elevatória EEEB IG-22	Projeto Elétrico
17137_IG_23 PE HID EEB23	Estação Elevatória EEEB IG-23	Projeto Elétrico
17137_IG_24 PE HID EEB24	Estação Elevatória EEEB IG-24	Projeto Elétrico
17137_IG_25 PE HID EEB25	Estação Elevatória EEEB IG-25	Projeto Elétrico
17137_IG_26 PE HID EEB26	Estação Elevatória EEEB IG-26	Projeto Elétrico
17137_IG_27 PE HID EEB27	Estação Elevatória EEEB IG-27	Projeto Elétrico
17137_IG_28 PE HID EEB28	Estação Elevatória EEEB IG-28	Projeto Elétrico
17137_IG_29 PE HID EEB29	Estação Elevatória EEEB IG-29	Projeto Elétrico

Arquivo:

17137_IG PE MD r1

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho atende ao Contrato N° 055/2017_ENG firmado entre **AEGEA Engenharia e Comércio Ltda.** e **ENGESAM – Engenharia e Saneamento Ambiental Ltda.**, que tem por objeto o desenvolvimento dos Projetos de Concepção, Básico e Executivo da ampliação do Sistema de Esgotamento Sanitário em municípios sob a responsabilidade da Concessionária **Prolagos S/A**:

- Armação dos Búzios,
- Arraial do Cabo,
- Cabo Frio,
- Iguaba Grande,
- São Pedro da Aldeia e
- Distrito de Tamoios/Cabo Frio,

O objetivo é apresentar solução para a universalização do atendimento do sistema de esgotamento sanitário nos municípios por meio de sistema “separador absoluto”. Com exceção do Distrito de Tamoios/Cabo Frio, as cidades possuem redes coletoras em sistema “tempo seco” e alguns bairros em sistema “separador absoluto”.

Considerou-se o horizonte de projeto para o ano de 2041.

As informações utilizadas para elaboração do trabalho são oriundas do PDE – Plano Diretor de Esgotos – 2017, das visitas realizadas a todos os sistemas/localidades e de reuniões com técnicos da AEGEA e PROLAGOS.

Este documento é o Memorial Descritivo do Projeto Executivo do Sistema de Esgotamento Sanitário de Iguaba Grande, datado de março de 2018.

2 SISTEMA EXISTENTE

2.1 Rede Coletora

Segundo o PDE (2017), o Sistema de Esgotamento Sanitário de Iguaba Grande é do tipo unitário, onde as poucas redes separadoras são, na maioria dos casos, interligadas a elevatória do sistema unitário. Em alguns casos, os próprios cursos d'água servem de tubulação ao esgoto, que corre a céu aberto até ser captado por alguma estação elevatória que direcionam o efluente para a Estação de Tratamento de Esgotos (ETE), como é o caso do rio Salgado.

O Sistema de Esgotamento Sanitário de Iguaba Grande conta com as seguintes extensões de redes, segundo dados fornecidos pela Prolagos (Tetra Tech - PDE, 2017):

- 2,73 km de rede Coletora e interceptores do sistema unitário;
- 5,67 km de linha de recalque;
- 2,85 km de emissário.

Os níveis de atendimento definidos no 3º Aditivo Contratual de Concessão são os seguintes:

Tabela 1 - Metas de Níveis de Atendimento

Ano	Nível de Atendimento Esgoto
3 (2.001)	30%
8 (2.006)	40%
13 (2.011)	70%
20 (2.018)	80%
25 (2.023)	90%
43 (2.041)	90%

Fonte:PDE, 2017.

2.2 Interceptores

De acordo com o PDE (2017), Iguaba Grande conta com 2.853,30 m de interceptores, de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2 - Extensões e Diâmetros de Interceptores

Diâmetro (mm)	Extensão (m)	%
150	339,60	12
200	1.012,60	35
250	1.501,10	53
Total	2.853,30	100

Fonte: PDE, 2017.

2.3 Estações Elevatórias de Esgoto Bruto e Linha de Recalque

As elevatórias do sistema de esgotamento sanitário de Iguaba Grande, estão listadas na Tabela 3.

Tabela 3 – EEEB's de Iguaba Grande

Elevatória	Vazão (L/s)	Potência (Kw)	Nº Bombas	Destino do Efluente	Modelo	AMT (m)
EEE Santa Clara	10	4	2	ETE Iguaba Grande	CP 3170 HT	40
EEE 02 (Rio Salgado)	59	22	2	ETE Iguaba Grande	CP 3170 MT	23,5
EEE Alvorada	114	55	2	ETE Iguaba Grande	KSB	-
EEE 02 (Cemitério)	29,7	22	2	ETE Iguaba Grande	KSB	-

Fonte: PMSB, 2017.

2.4 Estação de Tratamento de Esgoto

O Sistema de Esgotamento Sanitário de Iguaba Grande possui uma estação de tratamento, chamada ETE Iguaba Grande, com capacidade nominal de tratamento de 75 L/s.

O efluente tratado é lançado através de emissário submerso diretamente na lagoa de Araruama, próximo ao entroncamento da Rodovia RJ-106 com a Rua Nossa Senhora da Conceição.

3 PARÂMETROS E CONDICIONANTES DE PROJETO

Para o dimensionamento foram utilizados critérios e parâmetros de projeto previstos nas Normas Técnicas Brasileiras e outros consolidados pelo uso, pertinentes ao tema de sistema de esgotamento sanitário.

3.1 Níveis de Atendimento

Os níveis de atendimento definidos pelo 3º Aditivo Contratual de Concessão são os seguintes:

Tabela 4 – Metas de níveis de atendimento

Ano	Nível de atendimento Esgoto
3 (2001)	30%
8 (2006)	40%
13 (2013)	70%
20 (2018)	80%
25 (2023)	90%
43 (2041)	90%

3.2 Vazões de Contribuição

3.2.1 Consumo *Per Capita* Efetivo de Água

Este valor pode variar bastante, em função do clima, dos hábitos de seus habitantes, das características da área e da natureza da ocupação dessas áreas: residencial, comercial, industrial e outras.

O coeficiente *per capita* também pode variar ao longo do tempo, conforme se modificarem os hábitos populacionais ou a natureza da ocupação das áreas de projeto.

Para o valor médio *per capita* de água, adotou-se o indicado no PDA – Plano Diretor de Água (2015): $q=115$ L/hab.dia.

A vazão média anual que cada habitante lança na rede coletora de esgoto é diretamente proporcional à taxa “*per capita* de água” efetivamente consumida.

3.2.2 Vazão Média dos Esgotos, Coeficiente de Retorno Esgoto/Água

Para efeito de dimensionamento do sistema, a vazão média foi calculada como o produto da população pelo consumo *per capita* e pelo coeficiente de retorno esgoto/água:

$$Q_{\text{esg.média}} = \text{Pop} \times q \times C$$

A relação entre a vazão de esgoto produzida e a vazão de água potável consumida foi adotada como sendo:

$$C = 0,80$$

3.2.3 Coeficientes de Variação de Demanda

São dois os coeficientes utilizados para a obtenção das vazões máximas, K1 e K2, apresentados a seguir.

a) No dia de maior consumo – K1

O coeficiente K1 exprime a relação entre a vazão observada no dia de maior contribuição e a vazão média diária/ano.

Será utilizado: Coeficiente de máxima vazão diária: K1 = 1,20.

b) Na hora de maior consumo – K2

O coeficiente K2 exprime a relação entre a maior vazão observada num dia e a vazão média horária do mesmo dia.

Considerou-se que, por se tratar da região turística, o padrão do consumo não apresenta uma elevação pontual. Assim o coeficiente da hora de maior consumo não alcança um pico em uma única hora, mas distribui-se por um tempo maior. Como exemplo cita-se o horário de funcionamento de restaurantes na alta temporada, quando o almoço é servido até 16h00 ou 17h00.

Será utilizado: Coeficiente de máxima vazão horária: K2 = 1,33.

$$Q_{esg.\max.} = \frac{Q_{esg.\text{média}} \times k_1 \times k_2}{86.400s / dia}$$

3.2.4 Vazão de Infiltração

A Norma NBR 9649/1986 da ABNT indica valores com variação de 0,05 a 1,0 L/s.km como taxa de contribuição de infiltração nas redes coletoras.

São as contribuições originárias das chuvas e das infiltrações do lençol subterrâneo, que, inevitavelmente, terão acesso às canalizações de esgoto.

A quantificação dessas contribuições deve levar em consideração a experiência local e o resultado de sondagens realizadas, uma vez que dependerão, entre outros fatores:

- da profundidade do lençol freático;
- do tipo de terreno em que a rede está enterrada;
- do tipo de canalização e de suas juntas; e
- do tipo e vedação dos poços de visita.

A vazão de infiltração específica para o município é de difícil obtenção, observadas as condições de assentamento das tubulações da rede, tipo de juntas, características do subsolo e outros aspectos. A tabela a seguir mostra valores de referência:

Tabela 5 - Critérios Taxa de Infiltração

Diâmetro do Coletor	Tipo de Junta	Nível do Lençol Freático	Tipo de Solo	Taxa de Infiltração (L/s x km)
Até 400 mm	Elástica	Abaixo do Coletor	BP	0,05
			P	0,10
		Acima do Coletor	BP	0,15
			P	0,30
> 400 mm	Elástica	-	-	1,00

BP - Solos de Baixa Permeabilidade

P - Solos Permeáveis

Fonte: Sistemas de Esgoto - Crespo, Patrício Gallegos

As taxas de infiltração utilizadas foram definidas no PDE (2017):

- No projeto da rede coletora foi adotada a taxa de infiltração de 0,30 L/s.km para zonas baixas e 0,15 L/s.km para zonas altas;
- Para os interceptores adotou-se a taxa de infiltração de 0,70 L/s.km.

3.2.5 Vazão Industrial

Este projeto não considera contribuições industriais de esgoto.

3.2.6 Vazão para Redes Coletoras

População Inicial:

Para a estimativa da população inicial (Pi) foram utilizados os dados constantes no PDE (2017).

População Final:

População de final de plano, de acordo com a NBR 9648/1989 – ESTUDO DE CONCEPÇÃO DE SISTEMAS DE ESGOTO SANITÁRIO item 4.4.2:

“Para fim de plano deve ser considerada a saturação urbanística, incluídas as zonas de expansão”.

Ainda conforme definido por Tsutiya e Sobrinho, 1999 (Livro Coleta e Transporte De Esgoto Sanitário):

“As redes de esgotos são normalmente projetadas para uma população de saturação, as densidades de saturação das áreas podem ser definidas pela lei de zoneamento da cidade, caso exista”.

É importante salientar que a População de Saturação é hipotética, e utilizada somente como artifício de dimensionamento hidráulico da rede coletora e dos interceptores. É a população que ocorreria se todos os espaços urbanos disponíveis, dentro da área urbanizada atual e das áreas de expansão, fossem ocupadas conforme as tendências de cada região da cidade (densidades populacionais de saturação). Neste trabalho, por solicitação da contratante, foi adotada a população de alta temporada para final de plano (2041). A adoção dessa estimativa populacional deveu-se aos estudos realizados no PDE (2017).

Vazões de Contribuição:

Para a determinação das vazões de contribuição foram considerados os seguintes aspectos:

- A estimativa populacional definida no Plano Diretor de Esgoto, PDE (2017).
- Distribuição populacional, considerando as zonas homogêneas estabelecidas no PDE (2017).
- Características do Sistema de Abastecimento de Água: consumo *per capita* do PDA (2015).
- Águas de infiltração: coeficientes definidos no PDE (2017).

A vazão de contribuição da área de projeto é composta dos efluentes de duas fontes que representam as seguintes vazões principais:

- vazão de esgoto doméstico;
- vazão de água de infiltração;

O carregamento das vazões sanitárias do projeto no software SewerCad foi desenvolvida a partir da ferramenta Thiessen Polygon Creator, permitindo a rápida delimitação das áreas de influência de cada PV, para uso com a ferramenta de alocação de demanda LoadBuilder.

Com a ferramenta LoadBuilder foi possível o carregamento das cargas de efluente doméstico, com base na população distribuída no ShapeFile de densidade populacional. Essa ferramenta calcula as áreas dos shapes de densidade que estão contidas nas áreas de influência de cada PV.

A vazão de infiltração foi carregada nos trechos dimensionados, considerando a infiltração definida pela contratante em L/s x km (Item 3.2.4).

Todos os trechos da rede foram dimensionados para as contribuições de final de plano (2041) e verificados para o início de plano (2021). As contribuições iniciais e finais estão expressas em litros/segundo.

Quanto à vazão mínima, as normas NBR 9649/1986 e 14486/00 da ABNT recomendam que, em qualquer trecho da rede coletora, o menor valor da vazão a ser utilizada nos cálculos é de 1,5 L/s, correspondente ao pico instantâneo de vazão decorrente da descarga de vaso sanitário. Sempre que a vazão a jusante do trecho for inferior a esse valor, para os cálculos hidráulicos deste trecho será utilizado o valor de 1,5 L/s.

3.2.7 Vazão Pluvial Parasitária para Interceptores e Emissários

Foi adotada como contribuição pluvial parasitária para interceptores e emissários por gravidade 3,0 L/s.km (de interceptores + emissários contribuintes), considerando a verificação com seção plena.

3.2.8 Vazão para Estações Elevatórias de Esgoto Bruto

Para o dimensionamento das estações elevatórias foi adotada uma vazão igual à vazão média consumida multiplicada pelos coeficientes K1, K2 e C, adicionada à vazão de infiltração para final de plano (2041).

Quanto à vazão mínima, será considerada como sendo 25% da vazão média de projeto (k3), excluindo a vazão correspondente à infiltração de água (Patrício Gallegos Crespo – Elevatórias nos Sistemas de Esgotos).

3.2.9 Vazão para o Sistema de Tratamento

A vazão máxima produzida normalmente é calculada da mesma forma que para as elevatórias. Entretanto, a vazão máxima afluente ao sistema de tratamento será aqui adotada como sendo a média multiplicada pelo coeficiente K1, adicionada à vazão de infiltração, em virtude da capacidade de armazenamento do pico máximo, devido ao tempo de detenção utilizado no dimensionamento do sistema de tratamento.

3.3 Rede Coletora

As diretrizes adotadas para lançamento da Rede Coletora são as seguintes:

- a extensão da rede deve ser a menor possível;

- o volume de escavação na implantação da rede coletora de esgoto deve ser mínimo, para isso deverão ser adotadas as menores profundidades possíveis desde que atendam a tensão trativa da rede para a vazão mínima. Dessa forma fica garantida a limpeza e conseqüentemente o melhor uso da rede coletora.

As técnicas aplicadas são:

- A Rede Coletora envolve cada quadra, percorrendo cada face da quadra, de acordo com os levantamentos contidos na planta de caracterização geral, buscando a melhor condição topográfica;
- O traçado deve procurar as linhas de escoamento natural do terreno, conforme identificado nos levantamentos de campo, o que permite menores profundidades;
- O desenho do sistema coletor deve ser orientado à desconcentração de vazões, de maneira a se obter o melhor aproveitamento da capacidade hidráulica dos coletores e, em consequência, menores diâmetros.

A identificação e o conhecimento destes elementos interferentes orientaram em cada caso a escolha da melhor solução técnica e econômica para o emprego de redes simples, duplas ou de coletores auxiliares.

A Rede Simples se constitui de um único coletor ao longo da via pública podendo localizar-se num dos passeios, no eixo ou num dos lados da rua, recebendo as ligações prediais de ambos os lados.

A Rede Dupla se constitui de dois coletores paralelos, um de cada lado da via pública, recebendo as ligações prediais adjacentes. Poder-se-ão localizar um coletor em cada um dos passeios, um num dos passeios e o outro no terço médio do lado oposto ou, um em cada um dos lados da rua a 1/3 da largura entre o eixo e o meio-fio.

3.3.1 Localização da Rede coletora

Em vista do exposto, os coletores públicos de esgoto sanitário, independente da rede ser simples ou dupla, podem ser lançados nas seguintes posições:

- NA RUA, PELO TERÇO (TR), quando a largura for igual ou inferior a 18 m, não for pavimentada e nem drenada com galerias pluviais;
- NA RUA, POR UM DOS LADOS (TD e TE), distando 1/3 da largura entre o eixo e o meio-fio, quando o eixo for ocupado por galeria pluvial, e a via não for pavimentada ou de pavimentação precária. Neste caso será dada preferência pelo lado, para o qual ficam os terrenos mais baixos em relação ao meio-fio, e se possível oposto ao da rede de água potável;
- NO PASSEIO.

- Com largura mínima de 3,00 m. A preferência pela escavação mecanizada é ditada pelas suas vantagens no tocante à velocidade das obras e ao ritmo de trabalho exigido;
- A existência interferente de postes, árvores, tubulações, fossas e outras estruturas subterrâneas, localizadas na calçada, não impeça sua localização;
- A presença de edificações no limite ou muito próximas do alinhamento da testada dos lotes, havendo, portanto o risco às suas estabilidades. A distância mínima entre o alinhamento da testada dos lotes até a parede da vala deverá ser de 1,00 m;
- A profundidade máxima desejável para uma vala no passeio é de 2,00 m. Em condições específicas ditadas por vantagens econômicas ou por impossibilidade total de lançamento no leito da rua, a vala poderá atingir a profundidade de 2,50 m.

O Quadro a seguir resume os critérios adotados no traçado e localização dos coletores.

Tabela 6 - Critérios de traçado e localização dos coletores

Situação em Relação à			Posição Preferencial dos Coletores	Tipo de Rede Recomendada
Drenagem Pluvial	Largura da Rua	Pavimentação		
Rua drenada com galerias pluviais	Maior que 18 m	Não pavimentada	Na rua a 1/3	Rede Dupla
		Pavimentada	No passeio (***) ou a 1/3	
	Menor ou igual a 18 m	Não pavimentada	Na rua a 1/3 (*)	Rede Simples
		Pavimentada	No Passeio a 1/3 (*)	
Rua não drenada	Maior que 18 m	Não pavimentada	Na rua a 1/3	Rede Dupla

Notas:

(*) De preferência pelo lado para o qual ficam os terrenos mais baixos em relação ao nível do meio-fio e se possível, oposto ao da rede de água potável.

(**) Caso o passeio não se apresente em condições adequadas, o coletor deverá ser lançado na rua a 1/3.

3.3.2 Escoramento

É obrigatório o escoramento para valas de profundidade superior a 1,25 m, conforme a portaria nº. 3214 do Ministério do Trabalho, de 08/06/1978, regulamentada pela NR 18 e pela portaria nº 17, de 07/07/83 e a NBR 12266/1992:

“Os taludes instáveis das escavações com profundidade superior a 1,25 m (um metro e vinte e cinco centímetros) devem ter sua estabilidade garantida por meio de estruturas dimensionadas para este fim”.

Para escoramento das valas, em razão da profundidade (m) e da presença ou não de água serão utilizados os seguintes critérios:

Tabela 7 - Tipos de Escoramentos

Profundidade (m)	Nível de Água	Tipo de Escoramento
Até 1,25 m	sem água	Dispensado
De 1,26 a 2,00 m	sem água	Pontaleteamento
De 2,01 a 3,00 m	sem água	Descontínuo em madeira
De 3,01 a 4,00 m	sem água	Contínuo em madeira
De 4,01 a 6,00 m	sem água	Especial (macho / fêmea)
Acima de 6,01 m	sem água	Misto (metálico / madeira)
Até 4,00 m	com água	Contínuo em madeira
De 4,01 a 6,00 m	com água	Especial (macho / fêmea)
Acima de 6,01 m	com água	Misto (metálico / madeira)

Fonte: Portarias nº 3214 de 08/06/78 e nº 17 de 07/07/83 do Ministério do Trabalho, regulamentada pela NR18;

NBR 12266/1992 e Esgoto Sanitário, coleta, tratamento e reuso - Nuvolari, Arioaldo

3.3.3 Largura de Valas

A largura de valas em função do tipo de escoramento (ou ausência), conforme Portarias nº 3214 de 08/06/78 e nº 17 de 07/07/83 do Ministério do Trabalho, regulamentada pela NR18 e pela NBR 12266/1992 será conforme tabelas a seguir.

Tabela 8 - Largura de Valas sem Água

Diâmetro Nominal	Cota de Corte (m)		Largura da vala em função do tipo de escoramento e cota de corte - Sem água					
			Sem Escoramento (m)	Pontaletes (m)	Descontínuo (m)	Contínuo (m)	Especial (m)	Metálico-Madeira (m)
150	0,01	1,25	0,65	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	0,65	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	0,85	0,85	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	0,85	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	1,35	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	1,35
200	0,01	1,25	0,70	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	0,70	-	-	-	-

Diâmetro Nominal	Cota de Corte (m)		Largura da vala em função do tipo de escoramento e cota de corte - Sem água					
			Sem Escoramento (m)	Pontaletes (m)	Descontínuo (m)	Contínuo (m)	Especial (m)	Metálico-Madeira (m)
	2,01	3,00	-	-	0,90	0,90	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	0,90	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	1,40	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	2,05
250 e 300	0,01	1,25	0,80	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	0,80	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	1,00	1,00	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	1,00	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	1,50	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	2,15
350 e 400	0,01	1,25	0,90	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	0,90	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	1,30	1,30	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	1,30	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	1,80	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	2,45
450	0,01	1,25	1,00	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	1,00	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	1,35	1,35	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	1,35	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	1,85	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	2,55
500	0,01	1,25	1,10	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	1,10	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	1,50	1,50	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	1,50	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	2,00	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	2,65
600	0,01	1,25	1,20	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	1,20	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	1,60	1,60	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	1,60	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	2,10	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	2,75
700	0,01	1,25	1,30	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	1,30	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	1,70	1,70	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	1,70	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	2,20	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	2,85
800	0,01	1,25	1,40	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	1,40	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	1,80	1,80	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	1,80	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	2,30	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	2,90
900	0,01	1,25	1,50	-	-	-	-	-
	1,26	2,00	-	1,50	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	1,90	1,90	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	1,90	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	2,40	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	3,05
1000	0,01	1,25	1,60	-	-	-	-	-

Diâmetro Nominal	Cota de Corte (m)		Largura da vala em função do tipo de escoramento e cota de corte - Sem água					
			Sem Escoramento (m)	Pontaletes (m)	Descontínuo (m)	Contínuo (m)	Especial (m)	Metálico-Madeira (m)
	1,26	2,00	-	1,60	-	-	-	-
	2,01	3,00	-	-	2,00	2,00	-	-
	3,01	4,00	-	-	-	2,00	-	-
	4,01	6,00	-	-	-	-	2,50	-
	6,01	8,00	-	-	-	-	-	3,15

Fonte: Portarias nº 3214 de 08/06/78 e nº 17 de 07/07/83 do Ministério do Trabalho, regulamentada pela NR18;

NBR 12266/1992 e Esgoto Sanitário, coleta, tratamento e reuso - Nuvolari, Ariovaldo

Tabela 9 - Largura de Valas com Água

Diâmetro Nominal	Cota de Corte (m)		Largura da vala em função do tipo de escoramento e cota de corte - Com Água		
			Contínuo (m)	Especial (m)	Metálico-Madeira (m)
150	0,01	2,00	0,65	-	-
	2,01	3,00	0,85	-	-
	3,01	4,00	0,85	-	-
	4,01	6,00	-	1,35	-
	6,01	8,00	-	-	1,35
200	0,01	2,00	0,70	-	-
	2,01	3,00	0,90	-	-
	3,01	4,00	0,90	-	-
	4,01	6,00	-	1,40	-
250 e 300	0,01	2,00	0,80	-	-
	2,01	3,00	1,00	-	-
	3,01	4,00	1,00	-	-
	4,01	6,00	-	1,50	-
	6,01	8,00	-	-	2,15
350 e 400	0,01	2,00	1,10	-	-
	2,01	3,00	1,30	-	-
	3,01	4,00	1,30	-	-
	4,01	6,00	-	1,80	-
450	0,01	2,00	1,15	-	-
	2,01	3,00	1,35	-	-
	3,01	4,00	1,35	-	-
	4,01	6,00	-	1,85	-
	6,01	8,00	-	-	2,55
500	0,01	2,00	1,30	-	-
	2,01	3,00	1,50	-	-
	3,01	4,00	1,50	-	-
	4,01	6,00	-	2,00	-
600	0,01	2,00	1,40	-	-
	2,01	3,00	1,60	-	-
	3,01	4,00	1,60	-	-
	4,01	6,00	-	2,10	-
	6,01	8,00	-	-	2,75
700	0,01	2,00	1,50	-	-
	2,01	3,00	1,70	-	-
	3,01	4,00	1,70	-	-
	4,01	6,00	-	2,20	-

Diâmetro Nominal	Cota de Corte (m)		Largura da vala em função do tipo de escoramento e cota de corte - Com Água		
			Contínuo (m)	Especial (m)	Metálico-Madeira (m)
800	6,01	8,00	-	-	2,85
	0,01	2,00	1,60	-	-
	2,01	3,00	1,80	-	-
	3,01	4,00	1,80	-	-
	4,01	6,00	-	2,30	-
	6,01	8,00	-	-	2,90
900	0,01	2,00	1,70	-	-
	2,01	3,00	1,90	-	-
	3,01	4,00	1,90	-	-
	4,01	6,00	-	2,40	-
	6,01	8,00	-	-	3,05
1000	0,01	2,00	1,80	-	-
	2,01	3,00	2,00	-	-
	3,01	4,00	2,00	-	-
	4,01	6,00	-	2,50	-
	6,01	8,00	-	-	3,15

Fonte: Portarias nº 3214 de 08/06/78 e nº 17 de 07/07/83 do Ministério do Trabalho, regulamentada pela NR18;

NBR 12266/1992 e Esgoto Sanitário, coleta, tratamento e reuso - Nuvolari, Arioaldo

3.3.4 Profundidade Máxima da Rede Coletora

Profundidade máxima desejável 5,0 m, podendo chegar a 7,0 metros caso seja justificada a viabilidade técnica e econômica, conforme PDE (2017). Para escavação mecânica de valas com profundidade além de 4,00 m, deverá ser utilizada escavadeira hidráulica

3.3.5 Material das Tubulações da Rede Coletora

O material das tubulações a serem utilizadas na rede coletora será:

- PVC/JE dupla parede (liso internamente e corrugado externamente) – NBR ISO 21138-3 PVC até DN 400;
- PEAD ADS ou similar acima de DN 400;

3.3.6 Órgãos Acessórios da Rede Coletora

Para inspeção, manutenção e limpeza das redes coletoras foram previstos os seguintes órgãos acessórios:

Terminal de Limpeza (TL):

Dispositivo que apenas permite a introdução de equipamento de limpeza. É constituído de duas curvas de 45°, intercaladas com um segmento de tubo com o mesmo diâmetro do coletor público, ou uma curva de 90° de raio longo, levando na sua extremidade de montante, ao nível do terreno um tampão removível, apoiado em gola de concreto,

envoltória do tubo segmento vertical. Foram previstos Terminais de Limpeza na cabeceira de todos os coletores, e a uma distância máxima de 100 m entre os órgãos acessórios.

Terminal de Inspeção e Limpeza (TIL)

Dispositivo não visitável que permite inspeção e introdução de equipamentos de limpeza. Foi utilizado em substituição aos PV's de "meio de quadra" por recomendação da contratante. Esta medida visa minimizar custos sem alterações na técnica operacional e sem prejuízo de sua eficiência hidráulica da rede coletora.

Poço de Visita (PV):

Câmara visitável através da abertura existente na sua parte superior, destinada à execução de trabalhos de manutenção, permitindo o acesso, inspeção e introdução de equipamentos de limpeza, e a uma distância máxima de 100 m.

Os poços de visita para redes coletoras de até DN 350 serão em anéis ou aduelas de concreto armado pré-moldado, com $f_{ck} \geq 40$ MPa (NBR 6118), sendo utilizado para sua fabricação cimento resistente a sulfato (RS). A armadura deverá ter cobertura interno mínimo de 40 mm, Os diâmetros internos conforme tabela a seguir:

Tabela 10 - Diâmetros Poços de Visita

Profundidade	Diâmetro Interno
$\leq 1,60$ m	0,60 m
Entre 1,61 e 3,00 m	1,10 m
$> 3,01$ m	1,50 m

Será utilizado tubo de queda, quando a tubulação de chegada e a de saída apresentar desnível, de acordo com a NBR 14486/2000- Sistemas Enterrados para Condução de Esgoto Sanitário- Projeto de redes coletoras com tubos de PVC, conforme a tabela a seguir:

Tabela 11-Alturas mínimas de degrau

Diâmetro nominal do tubo (DN)	Degrau mínimo
150	0,84 m
200	1,00 m
250	1,25 m
300	1,45 m

3.3.7 Ligações Domiciliares

Para os ramais de ligação está prevista a utilização de TIL de ligação em PVC, com prolongamento em tubo DN 100 e tampão em PVC preenchido com concreto.

3.3.8 Critérios Adotados para o Dimensionamento da Rede

➤ Cálculo das vazões:

- ◆ Dimensionamento: $Pop_{final} = Pop_{2041} + 100\% Pop_{flutuante2041}$
- ◆ Verificação: $Pop_{inicial} = Pop_{2021}$

O dimensionamento hidráulico dos coletores de esgotos obedece aos métodos comumente aplicados aos condutos livres, admitindo-se o regime permanente e uniforme de escoamento. As fórmulas aplicadas no cálculo hidráulico são as seguintes:

Fórmula de Manning:

$$V = \frac{1}{n} \times (R_H^{1/3} \times I^{1/2})$$

Sendo:

V - velocidade (m/s)

n - coeficiente de rugosidade, admitido = 0,010.

RH - raio hidráulico (m)

I - declividade (m/m);

Tensão Trativa:

Para todos os trechos da rede foram verificadas as tensões trativas médias (σ), não devendo a de início do plano ser inferior a 0,06 kg/m² ou 0,6 Pa, para garantir as condições de autolimpeza quanto à deposição de sólidos e evitar a geração de sulfetos. As tensões trativas médias (σ), expressas em Pascal foram calculadas pela relação:

$$\sigma = \gamma \times R_H$$

Sendo:

σ - Tensão trativa média (Pa);

γ - Perímetro molhado (m);

RH - Raio hidráulico (m).

Declividade:

Em algumas oportunidades, nas pontas das canalizações, o trecho fica sem esgoto. Esta realidade inviabiliza o cálculo para definir o comportamento da canalização com a vazão mínima. No nível de projeto, a fixação da declividade com essas vazões conduziria a valores exagerados, inaceitáveis.

Para possibilitar a fixação mais realista da declividade, admite-se que a quantidade mínima de esgoto a circular nas extremidades do sistema seja igual à contribuição de uma válvula de descarga de um vaso sanitário. Assim, a vazão para fixação da declividade mínima é igual a 1,5 L/s (NBR's 9649/1986 e 14486/2000).

Os engenheiros da contratante definiram a utilização da declividade mínima de 0,0030 m/m, conforme itens 6.1.3 e 6.1.4 da NBR 14486, resultante da expressão:

$$I_{\min} = 0,0035 \times Qi^{-0,47} \text{ (conforme NBR 14486/2000)}$$

Para a vazão mínima de 1,5 L/s, o que garante uma tensão trativa mínima de 0,6 Pa

Sendo:

Q_i em L/s

I_{\min} em m/m.

Para minimizar a possibilidade de deposição de sólidos no início da operação, utilizou-se nos trechos iniciais das redes (entre um TL e um PV) a declividade de 0,0045 m/m. Esse cuidado deveu-se à existência de areia nos esgotos provenientes de região litorânea.

Já a declividade máxima foi limitada pela velocidade máxima de 5,0 m/s no final do plano.

Diâmetro Mínimo:

A Norma NBR 9649/1986 da ABNT, admite o diâmetro DN 100 como o mínimo a ser utilizado em redes coletoras de esgoto sanitário. No entanto, para o presente projeto, o diâmetro mínimo adotado foi o DN 150, pois tubulações com diâmetros inferiores a este dificultam os trabalhos de desobstrução de redes coletoras com os equipamentos existentes hoje no mercado.

Lâminas D'água:

As lâminas d'água foram calculadas admitindo-se o escoamento em regime uniforme e permanente, sendo o seu valor máximo, para a vazão final, igual ou inferior a 75% do diâmetro do coletor.

Quando a velocidade final (V_f) resultou superior à velocidade crítica, a maior lâmina admissível foi de 50% do diâmetro do coletor, de modo a assegurar a ventilação do trecho.

A velocidade crítica foi definida por:

$$V_c = 6 \times (g \times RH) \quad \text{onde } g \rightarrow \text{aceleração da gravidade.}$$

Controle de Remanso:

De modo a manter o gradiente hidráulico e evitar o remanso, para as vazões de final de plano, a cota da geratriz inferior de um tubo na saída de um Poço de Visita - PV, foi rebaixada para que a cota do nível d'água neste tubo fosse no máximo igual ao nível d'água mais baixo, verificado nas tubulações de entrada.

Recobrimento Mínimo:

Salvo em condições especiais, o recobrimento mínimo da Rede Coletora será:

Tabela 12 - Recobrimento Mínimo da Rede Coletora

Tipo de Pavimento	Recobrimento (m)
Valas sob passeio com guias ou meio-fio definido	0,70
Valas sob passeio sem guias ou meio-fio definido	0,90
Valas sob via pavimentada ou com greide definido por guias, meio-fio e sarjetas	0,90
Valas sob via de terra ou com greide indefinido	0,90/1,20

Declividade Mínima Construtiva:

Representa o valor mínimo de declividade que pode ser executado com precisão pelos métodos construtivos usuais. Adotou-se 0,0030 m/m, ou seja, acima da declividade mínima recomendada pela NBR 9814/1987 (0,0010 m/m). Mantendo sempre a declividade mínima admissível para satisfazer a tensão trativa média, em início de plano, superior a 0,6 Pa para rede coletora e coletores tronco e 0,15 kg/m² para interceptores e emissários.

3.3.9 Software Utilizado

Os cálculos foram realizados com auxílio do software SewerCad, da empresa Bentley Systems – o qual utiliza em seus cálculos hidráulicos a fórmula de Manning e segue as recomendações das NBRs 9649/86 e 14486/00.

3.4 Interceptores e Emissários por Gravidade

Foram utilizados os mesmos critérios e parâmetros de rede coletora naquilo que se aplica.

3.4.1 Material das Tubulações de Interceptores e Emissários

O material das tubulações a serem utilizadas nos Interceptores e Emissários por gravidade será:

- PVC/JE dupla parede (liso internamente e corrugado externamente) – NBR ISO 21138-3 PVC até DN 400;
- PEAD ADS ou similar acima de DN 400.

3.4.2 Poços de Visita para Interceptores e Emissários

Os Poços de Visita para Interceptores e Emissários por gravidade serão:

- Para tubulações com diâmetro até DN 600:
 - Diâmetro mínimo do PV = 1,50m
 - Em aduela de concreto armado.
 - Distância máxima entre PV's = 100 m.
- Para coletores com diâmetros maiores que DN 600:
 - PV's com a parte inferior em concreto com no mínimo 1,20 m x 1,20 m interno e chaminé em aduela com diâmetro de 1,20 m.

Para desníveis maiores que 0,50 m deve ser projetado PV especial, com dissipador de energia.

No concreto deve ser utilizado cimento resistente a sulfato (RS) e fck \geq 40 Mpa (NBR 6118).

A armadura deve ter recobrimento interno mínimo de 20 mm e externo de no mínimo 15 mm (NBR 16085 e NBR 8890).

3.5 Estações Elevatórias de Esgoto Bruto e Linhas de Recalque

As estações elevatórias foram agrupadas por faixa de vazão, a fim de padronizar suas dimensões e diminuir custos utilizando-se anéis ou aduelas de concreto pré-moldado encontrados no mercado:

Tabela 13 – Padrão para Estações Elevatórias de Esgoto Bruto

Tipo	Dimensões (m)	Vazão (L/s)
C 1	ø 1,20	Até 3
C 2	ø 1,50	3,1 a 10
C 3	ø 2,00	10,1 a 25
C 4	ø 2,50	25,1 a 35
C 5	ø 3,00	35,1 a 85
Q 1	3,00 x 3,00	85,1 a 150
Q 2	3,50 x 3,50	150,1 a 200

Os anéis ou aduelas de concreto armado pré-moldado deverão ser fabricados com concreto fck ≥ 40 MPa (NBR 6118), sendo utilizado para seu preparo cimento resistente a sulfato (RS). A armadura deverá ter cobrimento mínimo de 40 mm.

A partir do tipo C2 foi projetado gradeamento através de uma grade fixa e um cesto de remoção do material retido. Essa solução, pensada após a observação de equipes de manutenção utilizando rastelos com 6 metros de comprimento, permite que o material no cesto fique secando até a próxima limpeza. A câmara de gradeamento fica totalmente separada por grades, não permitindo a passagem de sólidos para o interior do poço de sucção, mesmo em caso de transbordamento do canal de entrada.

Considerando que a grande maioria das EEEB's foram localizadas em vias e canteiros, adotou-se abrigo metálico para os quadros de comando e grupos geradores cabinados.

3.5.1 Cálculo do Volume do Poço de Sucção

- Cálculo das Vazões:
 - ◆ Dimensionamento das Obras Civas: $Pop = Pop_{2041} + 100\% Pop_{flutuante2041}$
 - ◆ Dimensionamento de Equipamentos Eletromecânicos: $Pop = Pop_{2031} + 100\% Pop_{flutuante2031}$
 - ◆ Coeficiente de máxima vazão diária: $K1 = 1,2$;
 - ◆ Coeficiente de máxima vazão horária: $K2 = 1,33$;
 - ◆ Coeficiente de mínima vazão horária: $K3 = 0,25$;
 - ◆ Será considerada a contribuição pluvial parasitária (indevida) nas elevatórias para os interceptores;
 - ◆ Será considerada a taxa de infiltração nas elevatórias para as redes coletoras;
- Serão previstos Grupos Geradores nas estações elevatórias, com potência a partir de 5 cv;
- Será previsto agitador de fundo nas elevatórias, quando necessário;
- Material da Linha de Recalque:
 - ◆ Diâmetro \leq DE315 PEAD
 - ◆ Diâmetro \geq DN400 e \leq DN500 DEFoFo MPVC
- Para linhas de recalque será adotado coeficiente de rugosidade $C=130$ (Hazen Williams);
- Serão adotadas estações elevatórias padrão sempre que possível.

A utilização de bombas de velocidade variável requer um volume útil menor tendo em vista a acomodação do bombeamento às vazões de chegada. Para recalque à vazão constante o volume do poço úmido será de maiores proporções para evitar partidas muito frequentes de bombeamento. A despeito disto, a segunda hipótese é mais corriqueira em função da

simplificação na operação, principalmente em pequenas EEE. Para motores inferiores a 20 cv o tempo entre duas partidas consecutivas (ciclo) não deve ser inferior a 10 minutos. Em qualquer situação não se deve prever mais que quatro partidas por hora para evitar fadiga nas partes elétricas das instalações. Por outro lado, períodos de detenção superiores a 30 minutos (NBR 12208/1992) não são recomendáveis, pois períodos assim originariam sedimentações e condições sépticas indesejáveis. Tendo em vista o exposto adotou-se 10 minutos como período de ciclo, quando a vazão afluyente corresponder à média de projeto.

Assim, o “Volume Útil” do poço úmido é determinado pela expressão:

$$V_u = (Q_b \cdot T)/4$$

Sendo:

Q_b é a vazão do conjunto motor bomba;

T é o período de ciclo de bombeamento.

O “Volume Efetivo” é determinado pela expressão:

$$V_e = t_d \times Q_{\min}$$

Sendo:

t_d tempo de detenção no poço;

Q_{\min} vazão mínima afluyente no início da operação. A vazão mínima, quando escolhida dentro do início do horizonte de projeto, representa uma grandeza tão pequena que inviabiliza o cálculo para determinar o volume máximo do poço. A posição mais pragmática e ajustada à realidade admite assumir que a vazão mínima corresponderá a 25% da vazão média de projeto (k_3), excluindo a vazão correspondente à infiltração de água (Patrício Gallegos Crespo – Elevatórias nos Sistemas de Esgotos, Ed. UFMG - 2001).

Quando necessário, foi prevista a instalação de agitador de fundo (mixer).

3.5.2 Dimensões Úteis

Determinado o volume útil, parte-se para a definição de sua forma geométrica, ou seja, altura, largura e comprimento, observando-se, de um modo geral, as orientações a seguir descritas.

- Altura - É dada em função do nível da extravasão (em torno de 30 centímetros acima) ou do nível máximo de alarme (aproximadamente 15 centímetros acima) e, dependendo do volume útil calculado, das dimensões então definidas, da natureza da elevatória, das características das bombas selecionadas, a faixa de operação deve ficar entre 0,5 e 1,6 metros;

- Largura - Depende do distanciamento das sucções entre si e das paredes ou no caso de bombas submersas, das condições hidráulicas da sucção e da disposição física em relação às outras unidades da elevatória;
- Comprimento - Suficiente para instalação adequada dos conjuntos elevatórios com as folgas necessárias para montagem e inspeção;
- Diâmetro: Alternativa às seções quadradas/retangulares; a determinação do diâmetro de um poço de sucção circular deve considerar as condicionantes acima, em "largura" e "comprimento".

3.5.3 Sistema de Redução de Danos

O sistema de redução de danos para o conjunto elevatório, devido a materiais transportados no esgoto será composto pelo sistema de gradeamento, através de grade fixa e/ou cesto removível. A remoção dos sólidos decantáveis, essencialmente areia, está proposta para ser realizada na caixa de areia na entrada de cada ETE ou em estações elevatórias de maior porte.

3.5.4 Grupo Gerador

Está prevista a implantação de Grupo Gerador nas estações elevatórias com motobombas maiores que 5 cv.

3.5.5 Linhas de Recalque e Potência Consumida

A escolha das bombas de esgoto, vê-se dificultada pela convergência de diversas circunstâncias desfavoráveis:

- Um número relativamente reduzido de fabricantes atua no mercado fornecedor;
- O líquido recalcado contém sólidos passíveis de sedimentação nas linhas de recalque;
- O esgoto carrega sólidos grosseiros que podem obstruir a passagem do rotor da bomba;
- O esgoto contém areias que provocam intensa abrasão no material da bomba, particularmente quando o equipamento opera altas rotações.

Esses inconvenientes tornam desaconselhável a utilização da Fórmula de Bresse para o dimensionamento da linha de recalque.

O dimensionamento da linha de recalque obedece, assim, uma fixação antecipada da velocidade de escoamento.

Os valores recomendados são os seguintes:

- Para linhas curtas e/ou alturas de recalque relativamente pequenas:
 $2,0 \leq V \leq 2,5$ m/s
- Para linhas compridas e/ou alturas de recalque relativamente grandes:
 $0,60 \leq V \leq 1,0$ m/s
- Para condições intermediárias:
 $1,0 \leq V \leq 2,0$ m/s

A potência P consumida pelo conjunto motobomba (potência de entrada) expressa em cv é dada pela expressão:

$$P = \frac{\gamma \cdot Q_b \cdot H}{75 \cdot \eta_b \cdot \eta_m}$$

Onde " $\eta_b \cdot \eta_m$ " é o rendimento " η " do conjunto.

Para determinação da perda de carga nas tubulações de sucção e recalque, utilizou-se a fórmula de Hazen-Williams, sem dúvida, a fórmula prática mais empregada pelos calculistas para condutos sob pressão desde 1920. Com resultados bastante razoáveis para diâmetros de 50 a 3500 mm, é equacionada da seguinte forma:

$$J = 10,643 \cdot C^{-1,85} \cdot D^{-4,87} \cdot Q^{1,85}$$

Foi adotado coeficiente de rugosidade, "C" de Hazen Williams = 130.

Foi adotado como material das Linhas de Recalque, salvo situações especiais, o PEAD.

4 ESTUDO POPULACIONAL

O Estudo Populacional utilizado neste trabalho foi o desenvolvido pela empresa Tetra Tech, no Plano Diretor de Esgoto – PDE, no ano de 2017.

O estudo demográfico abrangeu a análise do uso e ocupação do solo e zoneamento de todo o território do município, de modo a dividi-lo em zonas homogêneas.

4.1 População Residente

A previsão populacional urbana do PDE (2017), pode ser observada na tabela a seguir.

Tabela 14 - População Residente PDE - Iguaba Grande

Data	População Urbana (hab)
2017	28.134
2021	30.541
2026	33.073
2031	35.580
2036	37.802
2041	39.769

Fonte: PDE, 2017.

4.2 População Flutuante

A Tabela a seguir apresenta a população flutuante definida pelo PDE (2017).

Tabela 15 - População Flutuante PDE - Iguaba Grande

Data	População Flutuante (hab)
2017	42.734
2021	44.735
2026	47.214
2031	49.675
2036	52.116
2041	54.534

Fonte: PDE, 2017.

4.3 Distribuição Populacional

A distribuição populacional da população Fixa e Flutuante de 2017 a 2041 (final de plano), foi desenvolvida considerando-se as zonas homogêneas descritas no PDE, como pode ser visto na tabela a seguir.

Foi elaborada uma distribuição populacional diferente da distribuição apresentada no PDE (RT-02 Estudo de Vazões e Elaboração do Modelo Hidráulico, 2017), devido a existência de inconsistências nos dados apresentados.

Tabela 16 - Distribuição Populacional

Zona Homogênea	2017		2021		2026		2031		2036		2041	
	Fixa	Flutuante										
Z01	20.866	34.185	21.945	35.786	22.892	37.772	23.489	39.741	24.008	41.692	24.108	43.626
Z02	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Z03	257	214	288	224	348	236	379	248	392	261	421	273
Z04	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Z05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Z06	325	641	473	671	751	708	1.017	745	1.304	782	1.506	818
Z07	3.294	3.526	4.213	3.691	4.935	3.895	5.998	4.098	6.779	4.299	7.487	4.499
Z08	237	214	287	224	332	236	373	248	393	261	421	273
Z09	356	962	396	1.007	492	1.062	781	1.118	1.047	1.173	1.464	1.227
Z10	278	214	287	224	371	236	441	248	506	261	574	273
Z11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Z12	1.836	1.923	1.905	2.013	1.983	2.125	2.029	2.235	2.047	2.345	2.129	2.454
Z13	686	855	747	895	969	944	1.073	994	1.327	1.042	1.659	1.091
Total	28.134	42.734	30.541	44.735	33.073	47.214	35.580	49.675	37.802	52.116	39.769	54.534

Fonte: Engesam, 2017

5 SISTEMA PROPOSTO

O Sistema de Esgotamento Sanitário de Iguaba Grande foi dividido em 29 (vinte e nove) subsistemas, como pode ser observado no Desenho 01 (17137_IG_01 PE HID RCE CON.dwg).

Cada um dos 29 subsistemas será detalhado no Anexo I – Caracterização dos Subsistemas. Considerando que a maioria dos trechos da rede foi dimensionada com declividade muito baixa e por tratar-se de região litorânea, recomenda-se enfaticamente a adoção de um programa de manutenção e limpeza. Poços de sucção deverão ser contemplados também.

5.1 Área de Projeto

A área contemplada pelo projeto é o perímetro urbano do município de Iguaba Grande, o limite municipal pode ser observado na Figura 1.

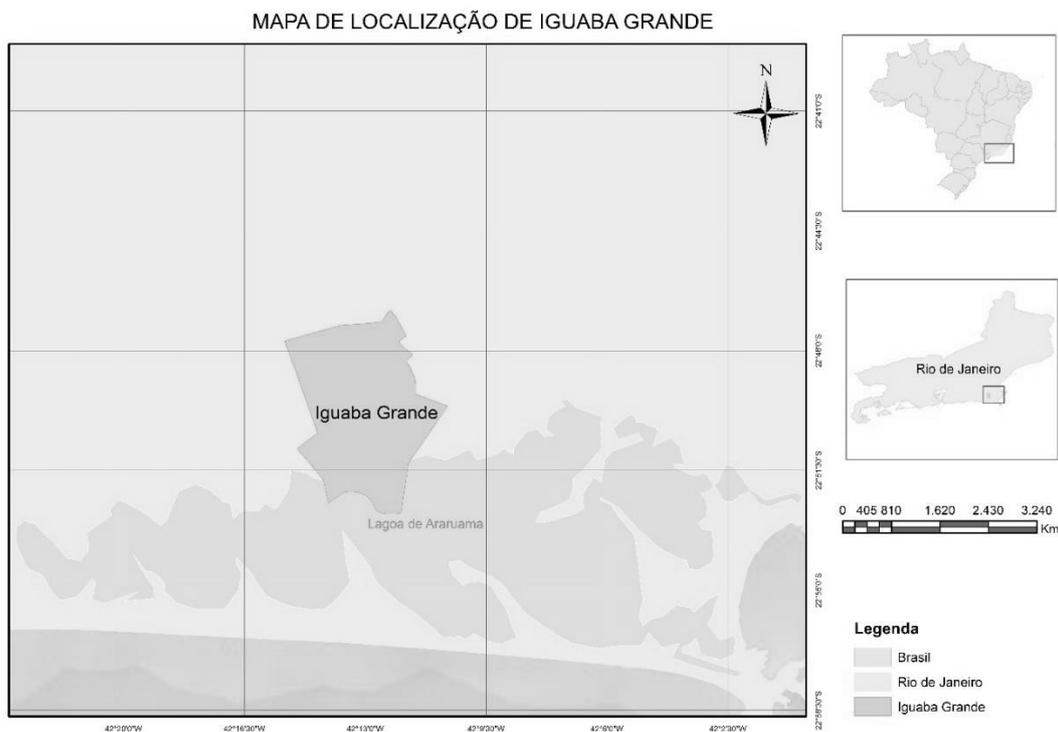


Figura 1 – Limites Municipais.

5.2 Topografia

O levantamento topográfico planialtimétrico, da malha viária urbana e indicação das cotas altimétricas dos arruamentos foi executado na função “topo-contínuo”, com estação móvel instalada em veículo em movimento (Equipamento GNSS L1/L2 – RTK), pela empresa JM

Engenharia e Topografia Ltda. Posteriormente, equipes voltaram a campo para levantamento de quadras, meio fio, alinhamento predial e interferências.

5.3 Sondagem

Foram executadas sondagens a trado e a percussão na área de projeto, conforme especificado no Termo de Referência;

- Sondagem a trado: Sondagem realizada para rede coletora e interceptores, até a profundidade de 4 m;
- Sondagem a percussão: Sondagem realizada nas áreas previstas para a implantação das estações elevatórias de esgoto, até a profundidade de 10 m; coletores tronco e interceptores até a profundidade de 4 m;

Foram feitas, adicionalmente, sondagens à percussão para rede coletora em furos que apresentaram-se impenetráveis na sondagem a trado.

As sondagens foram elaboradas pela empresa AES Projetos e Geologia Ltda. Os boletins dos furos podem ser observados no Caderno de Sondagens.

5.4 Cálculo das Vazões de Contribuição

A tabela a seguir mostra os parâmetros adotados e o cálculo das vazões de contribuição do sistema.

Tabela 17 - Vazões de Contribuição do SES Iguaba Grande

SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO

Considerações		3,01	hab/dom
Taxa de Infiltração média (0,15 - Zona Alta, 0,3 - Zona Baixa e 0,7 - Interceptor):	0,24 L/s.km	Taxa ocupação IBGE =	
Taxa de ocupação:	3,01 hab/lig	Relação econ. /lig. =	
Coeficiente de retorno:	0,80		
Comprimento total da rede:	246,22 km		
k1:	1,20		
k2:	1,33		

Ano Projeto	Estrutura	População o (hab)	Índice Atend. (%)*	População Flutuante (hab)	População Atendida (hab)	Ligações Atendidas (und)	Consumo Per capita (L/hab.dia)	Q doméstico médio (L/s)	Q sanitário médio (L/s)	Q sanitário médio (m³/dia)	Q sanitário dia maior consumo c/k1 (L/s)	Q sanitário máximo c/k1 e k2 (L/s)
2021	Conferência Redes	30.541	100	44.735	75.276	10.147	115	80,16	138,21	11.942	154,24	185,99
2031	Fim de Plano CMB	35.580	100	49.675	85.255	11.821	115	90,78	148,84	12.860	167,00	202,94
2041	Fim de Plano Poço CMB, LR e Redes	39.769	100	54.534	94.303	13.212	115	100,42	158,47	13.692	178,56	218,32

* Para o projeto foram previstas soluções para todo o SES, caberá à contratante definir quais soluções serão executadas para atingir suas metas contratuais

Não controlada

SUBSISTEMA		
ID	Vazão (L/s)	População 2041
SS-01	5,51	3.217
SS-02	35,62	20.807
SS-03	26,63	15.554
SS-04	38,22	22.326
SS-05	14,33	8.374
SS-06	1,98	1.155
SS-07	0,55	322
SS-08	1,80	1.051
SS-09	0,66	384
SS-10	0,92	539
SS-11	0,83	486
SS-12	2,85	1.665
SS-13	0,48	280
SS-14	3,98	2.327
SS-15	0,04	26
SS-16	1,56	912
SS-17	1,52	888
SS-18	1,05	615
SS-19	0,28	166
SS-20	9,45	5.520
SS-21	0,67	391
SS-22	1,16	676
SS-23	3,54	2.070
SS-24	0,31	184
SS-25	0,73	425
SS-26	1,64	955
SS-27	2,44	1.424
SS-28	2,68	1.564
Total	161,43	94.303

5.5 Rede Coletora de Esgotos

A Planilha de Dimensionamento da rede coletora, encontra-se no Anexo II.

Tabela 18 - Resumo de Quantidades – Rede Coletora

Iguaba Grande		
Rede coletora de esgoto	Quantidade	Unidade
DN 150	231.041,22	m
DN 200	6.613,05	m
DN 250	4.921,53	m
DN 300	2.239,36	m
DN 350	0,00	m
Total	244.815,16	m
Coletor tronco		
Quantidade	Unidade	
DN 350	372,99	m
Total	372,99	m
Interceptor		
Quantidade	Unidade	
DN 400	220,75	m
Total	220,75	m
Poços de visita (PV)		
Quantidade	Unidade	
Ø 600	1.319,00	un
Ø 1.100mm	499,00	un
Ø 1.500mm	626,91	un
Total	2.444,91	un
Terminal de Inspeção e Limpeza (TIL)		
Quantidade	Unidade	
Total	829	un
Terminal de Limpeza (TL)		
Quantidade	Unidade	
Total	1.173	un
Ligações Domiciliares		
Quantidade	Unidade	
Total	13.013,00	un

Fonte: Engesam, 2018

A nomenclatura dos diversos trechos dos coletores obedeceu aos seguintes critérios:

- Os trechos são identificados por duas numerações, a primeira representa o subsistema coletor e a segunda a identificação do trecho;
- Os coletores de cada subsistema são numerados de modo que um coletor de número maior deve sempre descarregar em um de número menor.
- Os órgãos acessórios de rede, terminais de limpeza, terminais de inspeção e limpeza e poços de visita, são identificados pelas letras “TL” “TIL” e “PV” respectivamente, seguido de três a quatro algarismos.

Na Figura 2 pode ser visualizada a forma de apresentação dos coletores no projeto executivo de rede coletora de esgoto.

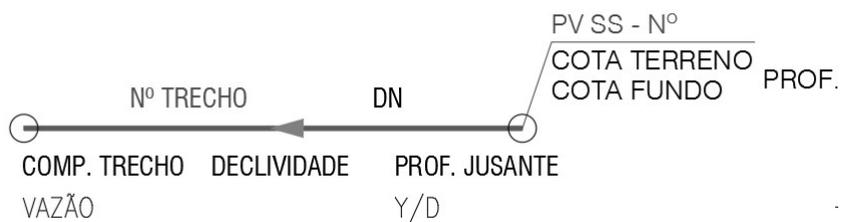


Figura 2 – Apresentação dos Coletores e PV's no Projeto Executivo de Rede

5.6 Estações Elevatórias de Esgotos

A seguir são apresentados os dados relativos às EEEB's projetadas.

Tabela 19 - Resumo das Estações Elevatórias de Esgoto Bruto

EEEE	Poço de Sucção				Barrilete			Linha de Recalque				Conjunto Motobomba							
	Vazão afluente máxima (L/s)	Dimensões do poço de sucção (m)	Faixa operacional (m)	Tempo de ciclo (min)	Tempo de detenção (min)	Na Min	Na Max	Diâmetro do barrilete (mm)	Velocidade no barrilete (m/s)	Altura geométrica (m)	Diâmetro Interno da linha de recalque (mm)	Diâmetro Externo da linha de recalque (mm)	Velocidade na LR (m/s)	Extensão (m)	Perda de carga total (m)	Altura manométrica (m)	Rendimento do conjunto (%)	Potência unitária (cv)	Potência total (cv)
EEEE IG-01	13,52	0,00 2,00	0,68	600	17	0,30	0,98	150	0,77	8,54	156,4	DN150	0,74	393	1,67	10,05	45,70	4,00	4,00
EEEE IG-02	133,04	3,00 3,00	1,20	600	17	0,50	1,70	400	1,06	22,85	396,6	450	1,16	2.171	7,10	28,99	72,70	75,00	150,00
EEEE IG-03	54,83	0,00 3,00	1,29	600	16	0,50	1,79	250	1,12	4,97	246,8	280	1,27	141	0,95	5,75	55,80	10,00	10,00
EEEE IG-04	68,48	0,00 3,00	1,59	600	15	0,50	2,09	250	1,40	24,00	277,6	315	1,24	4.822	56,63	72,66	57,10	150,00	150,00
EEEE IG-05	19,45	0,00 2,00	0,98	600	15	0,30	1,28	150	1,10	6,03	158,6	180	1,04	927	7,12	12,52	47,30	7,50	7,50
EEEE IG-06	2,03	0,00 1,00	0,59	800	24	0,30	0,89	80	0,40	11,54	55,4	63	0,95	181	4,09	14,79	20,20	4,00	4,00
EEEE IG-07	0,69	0,00 1,00	0,54	2200	70	0,30	0,84	50	0,35	9,02	35,2	40	0,79	85	2,32	10,91	9,50	3,00	3,00
EEEE IG-08	3,17	0,00 1,00	0,69	600	17	0,30	0,99	80	0,63	10,03	66	75	1,05	474	10,48	18,31	26,30	3,00	3,00
EEEE IG-09	1,02	0,00 1,00	0,53	1500	48	0,30	0,83	50	0,52	11,85	35,2	40	1,13	285	15,02	24,92	14,50	3,00	3,00
EEEE IG-10	1,32	0,00 1,00	0,52	1100	36	0,30	0,82	50	0,67	4,00	44	50	0,97	60	1,84	5,48	20,40	2,00	2,00
EEEE IG-11	1,09	0,00 1,00	0,53	1400	45	0,30	0,83	50	0,56	5,86	35,2	40	1,23	196	12,14	16,01	11,50	3,00	3,00
EEEE IG-12	9,01	0,00 1,50	0,89	600	15	0,30	1,19	100	1,15	14,69	110,2	125	1,10	310	4,06	17,77	44,20	5,00	5,00
EEEE IG-13	0,68	0,00 1,00	0,53	2200	71	0,30	0,83	50	0,35	11,36	35,2	40	0,77	167	4,34	14,98	9,60	4,00	4,00
EEEE IG-14	6,27	0,00 1,50	0,62	600	18	0,30	0,92	100	0,80	7,95	79,2	90	1,49	607	20,51	23,35	31,30	12,50	12,50
EEEE IG-15	2,03	0,00 1,00	0,64	800	23	0,30	0,94	80	0,40	20,47	55,4	63	1,05	883	23,66	36,33	23,60	4,00	4,00
EEEE IG-16	1,43	0,00 1,00	0,55	900	28	0,30	0,85	50	0,73	8,15	44	50	1,26	179	8,93	13,32	16,90	4,00	4,00
EEEE IG-17	1,62	0,00 1,00	0,50	800	26	0,30	0,80	50	0,83	13,18	44	50	1,29	247	12,78	22,16	16,40	4,00	4,00
EEEE IG-18	1,15	0,00 1,00	0,53	1200	38	0,30	0,83	50	0,59	15,72	35,2	40	1,44	210	17,23	27,70	18,20	4,00	4,00
EEEE IG-19	0,36	0,00 1,00	0,52	3500	113	0,30	0,82	50	0,18	6,32	35,2	40	0,48	296	3,23	8,29	5,10	2,00	2,00
EEEE IG-20	19,23	0,00 2,00	1,09	600	14	0,30	1,39	150	1,09	9,23	158,6	180	1,16	548	5,21	12,99	47,50	7,50	7,50
EEEE IG-21	0,99	0,00 1,00	0,59	1800	54	0,30	0,89	50	0,50	12,02	35,2	40	1,06	325	15,13	26,08	13,70	3,00	3,00
EEEE IG-22	1,49	0,00 1,00	0,57	1000	31	0,30	0,87	50	0,76	12,45	44	50	1,17	300	12,99	21,80	18,80	3,00	3,00
EEEE IG-23	3,00	0,00 1,00	0,76	600	16	0,30	1,06	80	0,60	14,09	66	75	1,17	400	10,73	20,39	26,50	3,00	3,00
EEEE IG-24	0,41	0,00 1,00	0,51	3800	124	0,30	0,81	50	0,21	10,22	35,2	40	0,43	105	0,93	11,11	7,30	3,00	3,00
EEEE IG-25	3,13	0,00 1,50	0,53	900	29	0,30	0,83	80	0,62	11,83	66	75	1,21	2.136	60,84	48,26	21,10	12,50	12,50
EEEE IG-26	2,29	0,00 1,00	0,57	600	18	0,30	0,87	80	0,46	14,97	66	75	0,88	1.085	17,10	25,35	23,80	3,00	3,00
EEEE IG-27	2,67	0,00 1,00	0,54	600	19	0,30	0,84	80	0,53	13,10	55,4	63	1,17	261	8,66	20,87	26,10	3,00	3,00
EEEE IG-28	2,84	0,00 1,00	0,59	600	18	0,30	0,89	80	0,57	12,29	55,4	63	1,27	178	6,87	18,23	25,20	3,00	3,00

5.6.1 Travessias

Para a implantação da linha de recalque será necessária a execução de 01 travessia de canal:

- Linha de recalque 03;
- Linha de recalque 04;
- Linha de recalque 05;

Essas interferências serão executadas através de métodos não destrutivos (MND).

O MND proposto para as travessias é o de Furo Direcional (HDD), o qual permite instalar tubulações subterrâneas sem abertura de valas e com precisão na execução da obra. Consiste primeiramente na execução de um furo piloto ao longo do percurso previsto, após isso o furo é alargado no sentido contrário. A tubulação final é presa no alargador e é puxada a medida que a coluna de perfuração é removida. Será utilizado tubo camisa envolvendo a tubulação.

As informações constam no Anexo I – Caracterização dos Subsistemas.

5.6.2 Transientes Hidráulicos

Segundo Eng. Luiz A. Camargo (O golpe de aríete em tubulações de recalque – Análise simplificada), em hidráulica, na análise dos vários aspectos que a compreende, um tema dos mais complexos e que nos últimos tempos tem tido notáveis progressos devido a sua grande importância em projetos de sistemas hidráulicos, é o que se refere aos fenômenos de transientes. Dentre esses, o mais comum, e dos mais interessantes, é o que se conhece como “Golpe de Aríete”.

Por golpe de aríete comumente se denominam as variações de pressão, resultantes de variações de vazão causadas por alguma perturbação, voluntária ou involuntária, que se impõe ao fluxo de líquidos no interior de condutos, tais como operações de abertura ou fechamento de válvulas, falhas mecânicas de dispositivos de proteção ou controle, parada de bombas causadas por interrupção de energia elétrica fornecida ao motor, embora haja outros tipos de causa.

Ainda segundo o Eng. Luiz A. Camargo, a análise do fenômeno possibilita quantificar os seus efeitos e, com isto, se adotar as medidas preventivas cabíveis que possam evitar, por exemplo, ruptura de tubulações por sobrepressão, avarias em bombas, colapso de tubos. Além disso, não considerar os efeitos do golpe de aríete pode ocasionar projetos de tubulações com espessuras de paredes perigosamente reduzidas.

Os cálculos relativos ao golpe de aríete podem ser realizados de várias maneiras. Para este estudo foi utilizado o *software* Allievi, versão 2.2.0.0 do ITA/ Universitat Politecnica de Valencia (Espanha). Os gráficos obtidos para as Linhas de Recalque são mostrados a seguir.

De acordo com a norma NBR 15802 / 2010 "Sistemas enterrados para distribuição e adução de água e transporte de esgotos sob pressão – Requisitos para projetos em tubulação de polietileno PE 80 e PE 100", considerando tubulação PE 100, PN 10 e SDR 17:

- Máxima Pressão de Operação – MPO (item 4.1.3)

$$MPO = PN \times Ft$$

Sendo Ft fator de correção de temperatura da água. Ft = 0,81 para 30° C.

$$MPO = 100 \times 0,81$$

$$MPO = 81 \text{ mca}$$

- Pressão máxima admitida em ondas de curta duração (PSO), decorrentes de transiente hidráulico (item 4.3.2.1)

$$PSO = MPO \times 1,5$$

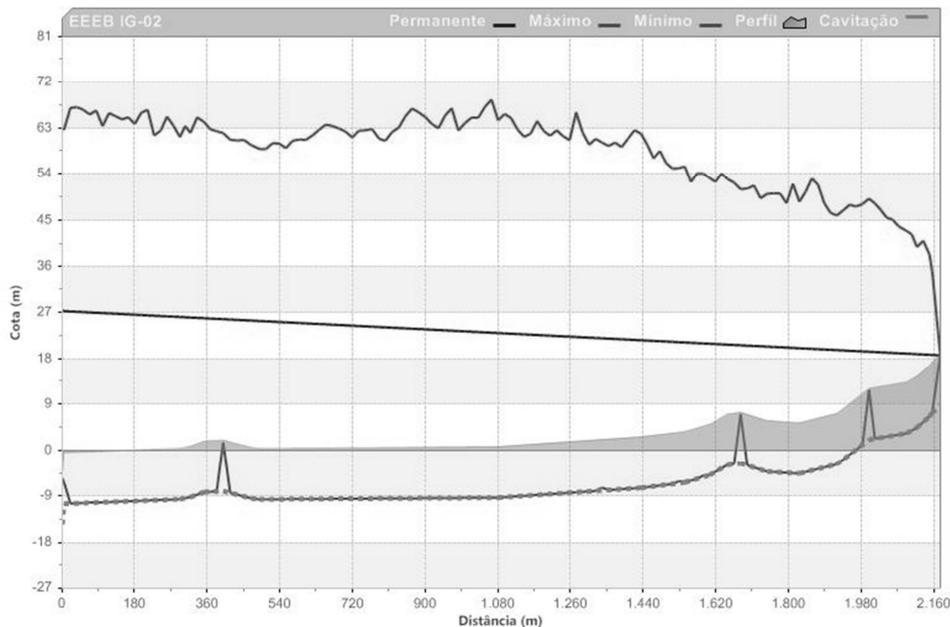
$$PSO = 81 \times 1,5$$

$$PSO = 121,5 \text{ mca}$$

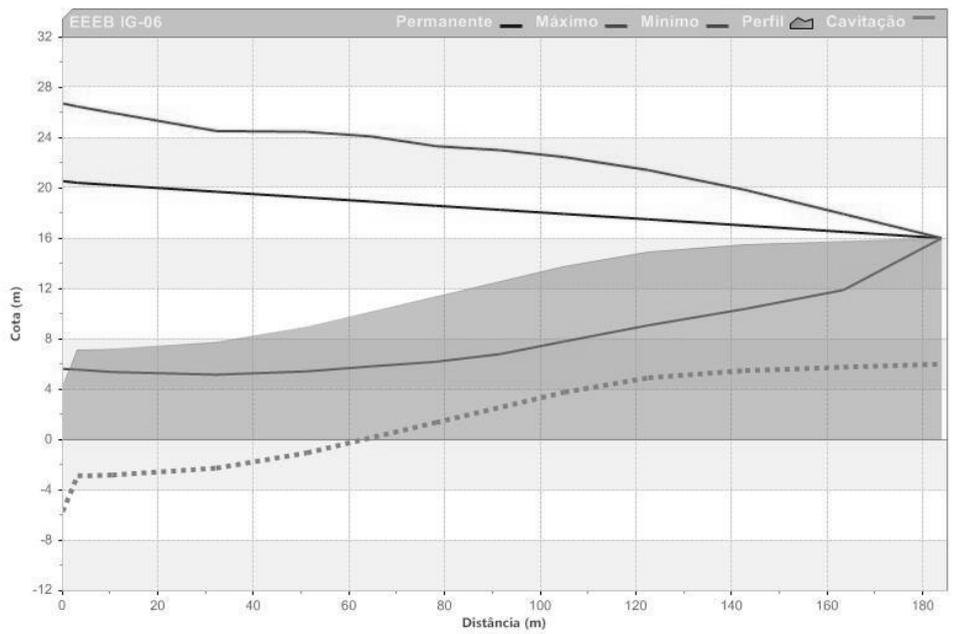
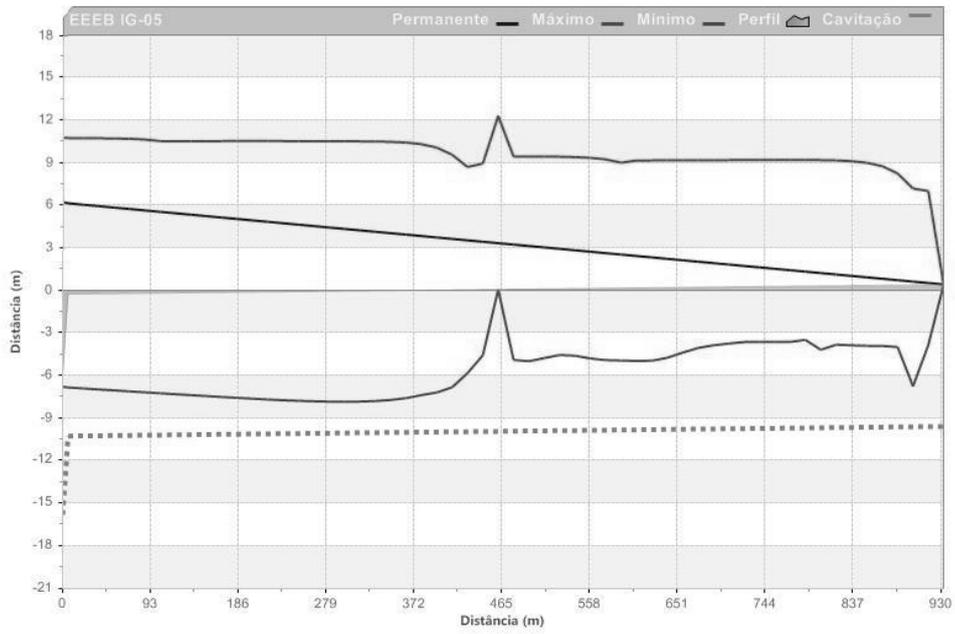
- Subpressão admitida em ondas de curta duração, decorrentes de transiente hidráulico (item 4.3.2.2)

$$\Delta p = 3,51 \text{ kgf/cm}^2 \text{ ou}$$

$$\Delta p = 35,10 \text{ mca}$$



Não controlado



6 PROJETO DE ESTRUTURA

As estruturas de concreto armado foram projetadas segundo a NBR 6118:2014 – Projeto de Estrutura de concreto, adotando-se a classe de Agressividade Ambiental com IV (CAA – IV).

7 PROJETO ELÉTRICO

O Projeto Elétrico atende às normas brasileiras e da concessionária local de energia. Observou-se também as recomendações e especificações dos técnicos da AEGEA e Prolagos. Grupos Geradores de energia e inversores de frequência foram utilizados em EEEB's com potência de motor maior ou igual a 5 cv, segundo padrão da Prolagos. Como a grande maioria das elevatórias encontrou-se em via pública, adotou-se cabines metálicas para abrigo dos quadros de comando. O projeto Elétrico, incluindo automação, comando e proteção, encontra-se em volume específico.

8 ORÇAMENTO

As Planilhas de Orçamento do sistema projetado, bem como a respectiva Memória de Cálculo, encontram-se em volumes específicos.

9 - BIBLIOGRAFIA

- CRESPO, P. G., Elevatórias nos Sistemas de Esgotos. Editora UFMG, 2001.
- CRESPO, P. G., Sistema de Esgotos. Editora UFMG, 2001.
- MACINTYRE, A. J., Bombas e Instalações de Bombeamento. Editora Guanabara, 2ª edição, 1987.
- METCALF & EDDY, Wastewater Engineering – 2003.
- NETTO, J. M. A., Manual de Hidráulica. Editora Edgard Blucher Ltda, 8ª edição, 1998.
- NUVOLARI, A. (Coord.), Esgoto Sanitário – Coleta Transporte Tratamento e Reuso Agrícola, Editora Edgard Blucher Ltda, 1ª Edição, 2003.
- SOBRINHO, P.A., Tsutiya, M. T., Coleta e Transporte de Esgoto Sanitário. Departamento de Engenharia Hidráulica e Sanitária da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2ª edição, 2000.
- NBR 9648 – Estudo de Concepção de Sistemas de Esgoto Sanitário. ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. Novembro/1986.
- NBR 9649 – Projeto de Redes Coletoras de Esgoto Sanitário. ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas /1986.
- NBR 12207 - Projeto de Interceptores de Esgoto Sanitário. ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas /1989.
- NBR 12208 – Projeto de Estações Elevatórias de Esgoto Sanitário. ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas /1992.
- NBR 14486/2000 – Sistemas enterrados para Condução de Esgotos Sanitários. ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas /2000.
- SERENCO, PMSB – Produto 9.1 – Versão Preliminar do plano municipal de saneamento básico – Arraial do Cabo, 2013
- SERENCO, PMSB – Produto 9.1 – Versão Preliminar do plano municipal de saneamento básico – Cabo Frio, 2013
- SERENCO, PMSB – Produto 9.1 – Versão Preliminar do plano municipal de saneamento básico – Armação dos Búzios, 2013
- SERENCO, PMSB – Produto 9.1 – Versão Preliminar do plano municipal de saneamento básico – Iguaba Grande, 2013
- SERENCO, PMSB – Produto 9.1 – Versão Preliminar do plano municipal de saneamento básico – São Pedro da Aldeia, /2013
- PROSERENCO, Revisão do Plano Diretor de Abastecimento de Água dos Municípios de Concessão da Prolagos, 2015.

TETRA TECH, Relatório Técnico 01 – Caracterização Do Sistema Existente, Estudo e Planos Existentes Arraial Do Cabo (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 01 – Caracterização Do Sistema Existente, Estudo e Planos Existentes Armação dos Búzios (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 01 – Caracterização Do Sistema Existente, Estudo e Planos Existentes Cabo Frio (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 01 – Caracterização Do Sistema Existente, Estudo E Planos Existentes Iguaba Grande (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 01 – Caracterização Do Sistema Existente, Estudo E Planos Existentes São Pedro da Aldeia (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 02 – Estudo de Vazões e Elaboração do Modelo Hidráulico Arraial do Cabo (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 02 – Estudo de Vazões e Elaboração do Modelo Hidráulico Armação de Buzios (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 02 – Estudo de Vazões e Elaboração do Modelo Hidráulico Cabo Frio (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 02 – Estudo de Vazões e Elaboração do Modelo Hidráulico Iguaba Grande (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 02 – Estudo de Vazões e Elaboração do Modelo Hidráulico São Pedro da Aldeia (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 03 – Intervenção Propostas e Pré-Dimensionamento de Unidades Arraial do Cabo (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 03 – Intervenção Propostas e Pré-Dimensionamento de Unidades Armação de Búzios (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 03 – Intervenção Propostas e Pré-Dimensionamento de Unidades Cabo Frio (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 03 – Intervenção Propostas e Pré-Dimensionamento de Unidades Iguaba Grande (RJ), 2017

TETRA TECH, Relatório Técnico 03 – Intervenção Propostas e Pré-Dimensionamento de Unidades São Pedro da Aldeia (RJ), 2017

10 ANEXOS

10.1 Anexo I – Caracterização dos Subsistemas

O projeto do SES Iguaba Grande prevê a implantação de 245 km de rede e 29 estações elevatórias, caracteriza-se pelo baixo número de elevatórias em relação à extensão de rede com 8,44 km/elevatória. Outro aspecto interessante é que a maioria das elevatórias têm baixa vazão, de modo que é possível atender mais de 70% da população total com 4 estações elevatórias.

A rede coletora foi dimensionada para atender todas as economias do município com a menor profundidade possível, assim como o número de elevatórias. As elevatórias existentes não puderam ser aproveitadas pelos seguintes motivos:

- EEEB Alvorada: Foi projetada por falta de dados;
- EEEB Cemitério: Está em cota desfavorável, podendo ser substituída por outra dimensionada nas proximidades e que atenderá uma região maior;
- EEEB Rio Salgado: Recalca vazão de corpo d'água;
- EEEB Santa Clara: Recalca vazão de corpo d'água.

As unidades projetadas são:

Tabela 20 - Unidades Projetadas

Subsistema 01	Subsistema 02	Subsistema 03	Subsistema 07	Subsistema 08
Subsistema 09	Subsistema 11	Subsistema 12	Subsistema 13	Subsistema 14
Subsistema 15	Subsistema 16	Subsistema 17	Subsistema 24	Subsistema 25
Subsistema 26	Subsistema 27	Subsistema 28	Subsistema 29	

A seguir são apresentadas as informações de cada unidade projetada:

- Quantidade e diâmetro de redes;
- Quantidade e diâmetro de poços de visita;
- Dados da estação elevatória;
- Folha de dados do conjunto motobomba selecionado.

Não controlado

SUBSISTEMA
05

Subsistema 05

Tabela 29 – Resumo Subsistema 05

Rede coletora de esgoto	Quantidade	Unidade
DN 150	17.999,41	m
DN 200	1.091,70	m
DN 250	100,43	m
DN 300	0,00	m
DN 350	0,00	m
Total	19.191,54	m
Coletor tronco	Quantidade	Unidade
DN 200	0,0	m
DN 250	0,0	m
DN 300	0,0	m
DN 350	0,0	m
DN 400	0,0	m
Total	0,0	m
Interceptor	Quantidade	Unidade
DN 200	0,0	m
DN 250	0,0	m
DN 300	0,0	m
DN 350	0,0	m
DN 400	0,0	m
Total	0,0	m
Poços de visita (PV)	Quantidade	Unidade
Ø 600	94	un
Ø 1.100mm	26	un
Ø 1.500mm	7	un
Total	127	un
Terminal de Inspeção e limpeza (TIL)	Quantidade	Unidade
Total	71	un
Terminal de Limpeza (TL)	Quantidade	Unidade
Total	108	un
Ligações Domiciliares	Quantidade	Unidade
Total	1.173	un

Fonte: Engesam, 2018

Travessia

A linha de recalque 5 cruzará o canal em um ponto.



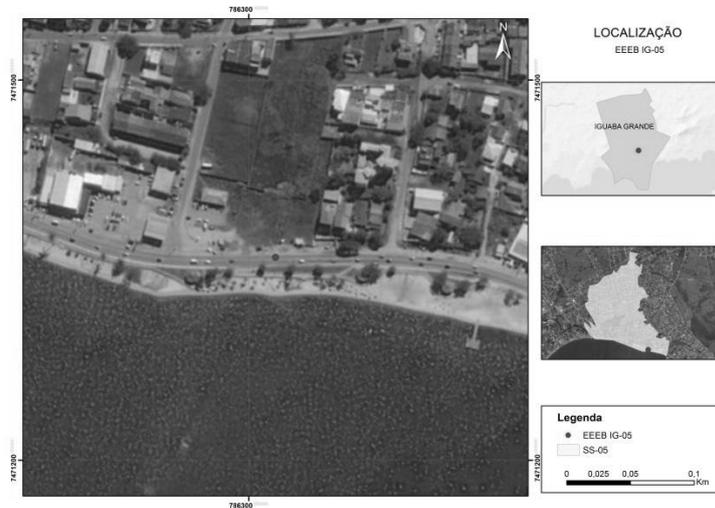
Figura 5 – Travessia Linha de Recalque SS5 – Recalcando do SS5 para SS2.

Tabela 30 - Estação Elevatória de Esgoto Bruto EEEB IG-05

Identificação:	EEEB IG - 05	Tipo:	
Subsistema:	SS IG - 05	C-3	
Localização:	Rodovia Amaral Peixoto () Passeio (X) Via () Terreno () Praça () Canteiro		
Coordenadas (UTM):	E 786.317,25	S 7.471.377,42	
Tipo de retenção de sólidos grosseiros:	Grade Fixa		
Poço de Sucção:	Circular	ø (m) = 2,00	
	Profundidade Total	5,39 m	
Nível Máximo Maximorum =	1,98 m		
Nível Máximo =	1,28 m		
Nível Mínimo =	0,3 m		
Cota do terreno:	0,84 m		
Profundidade de entrada:	3,66 m (GI)		
Profundidade do barrilete:	1,08 m (GI)		
Desnível geométrico	6,03 m		
Ponto de Funcionamento de Projeto	Vazão máxima 2031 (L/s):	19,45	
	Altura Manométrica (mca);	12,52	
	Potência por CMB (cv):	7,5	
Características do conjunto motobomba	Tipo:	Submersível	
	Quantidade:	1 operando + 1 reserva	
	Marca:	XYLEM - FLYGT	
	Modelo:	NP 3102 SH3	
	Vazão máxima (L/s):	20,10	
	Vazão por CMB (m³/h):	72,36	
	Altura Manométrica Total (mca);	12,90	
	Potência por CMB (hp):	6,5	
Rotor (mm):	256 135	SEMI-ABERTO	
Rotação (rpm):	3.480		
Quadro de Comando:	Soft Starter		
Inversor de Frequência:	Sim		
Abrigo de Quadro de Comando:	Cabine Metálica		
Grupo Gerador:	Sim		
Telemetria / Automação:	Sim		
Fechamento da área:	Não		
Urbanização:	Não		
Linha de Recalque:	Lançamento:	PVT 02-3	
	Material:	PEAD	
	DE (mm):	180	
	Di (mm):	158,60	
	Comprimento (m):	926,88	

Observações:

Localização:

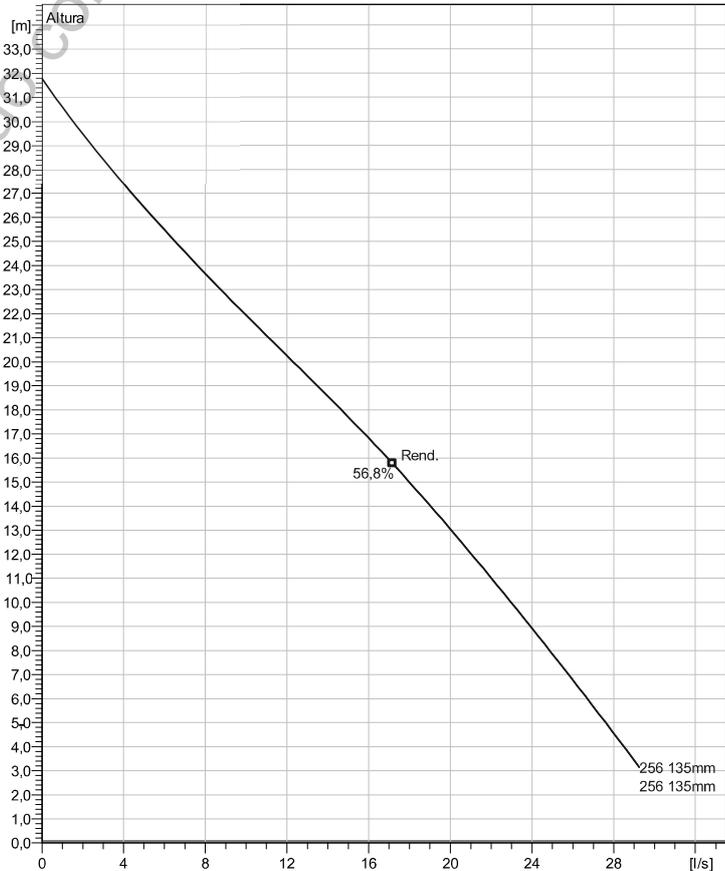


Local proposto para implantação:

**Arquivo:**

17137_IG PE MD r1

NP 3102 SH 3~ Adaptive 256 Technical specification



Água Limpa

Curve ISO



Note: Picture might not correspond to the current configuration.

General

Patented self cleaning semi-open channel impeller, ideal for pumping in most waste water applications. Possible to be upgraded with Guide-pin® for even better clogging resistance. Modular based design with high adaptation grade.

Impeller

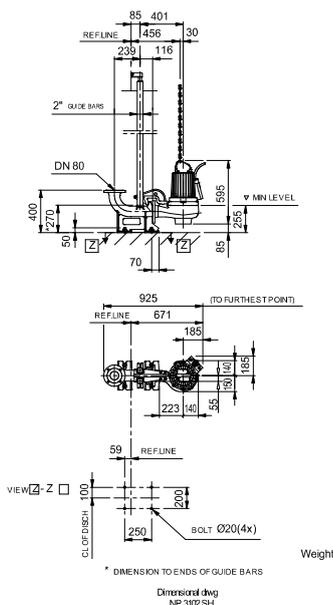
Impeller material	Grey cast iron
Discharge Flange Diameter	80 mm
Suction Flange Diameter	80 mm
Impeller diameter	135 mm
Number of blades	2

Motor

Motor #	N3102.160 18-10-2AL-W 6.5hp
Variante do estator	66
Frequência	60 Hz
Tensão nominal	220 V
Número de pólos	2
Fases	3~
Potência nominal	4,8 kW
Corrente nominal	16 A
Corrente de partida	140 A
Velocidade nominal	3480 rpm
Fator de potência	
1/1 Load	0,92
3/4 Load	0,90
1/2 Load	0,84
Rendimento	
1/1 Load	86,1 %
3/4 Load	86,9 %
1/2 Load	86,0 %

Configuração

Installation: P - Semi permanent, Wet



Projeto	Projeto ID	Criado por	Criado em 2/26/2018	Última atualização
---------	------------	------------	------------------------	--------------------

NP 3102 SH 3~ Adaptive 256

Curva de desempenho



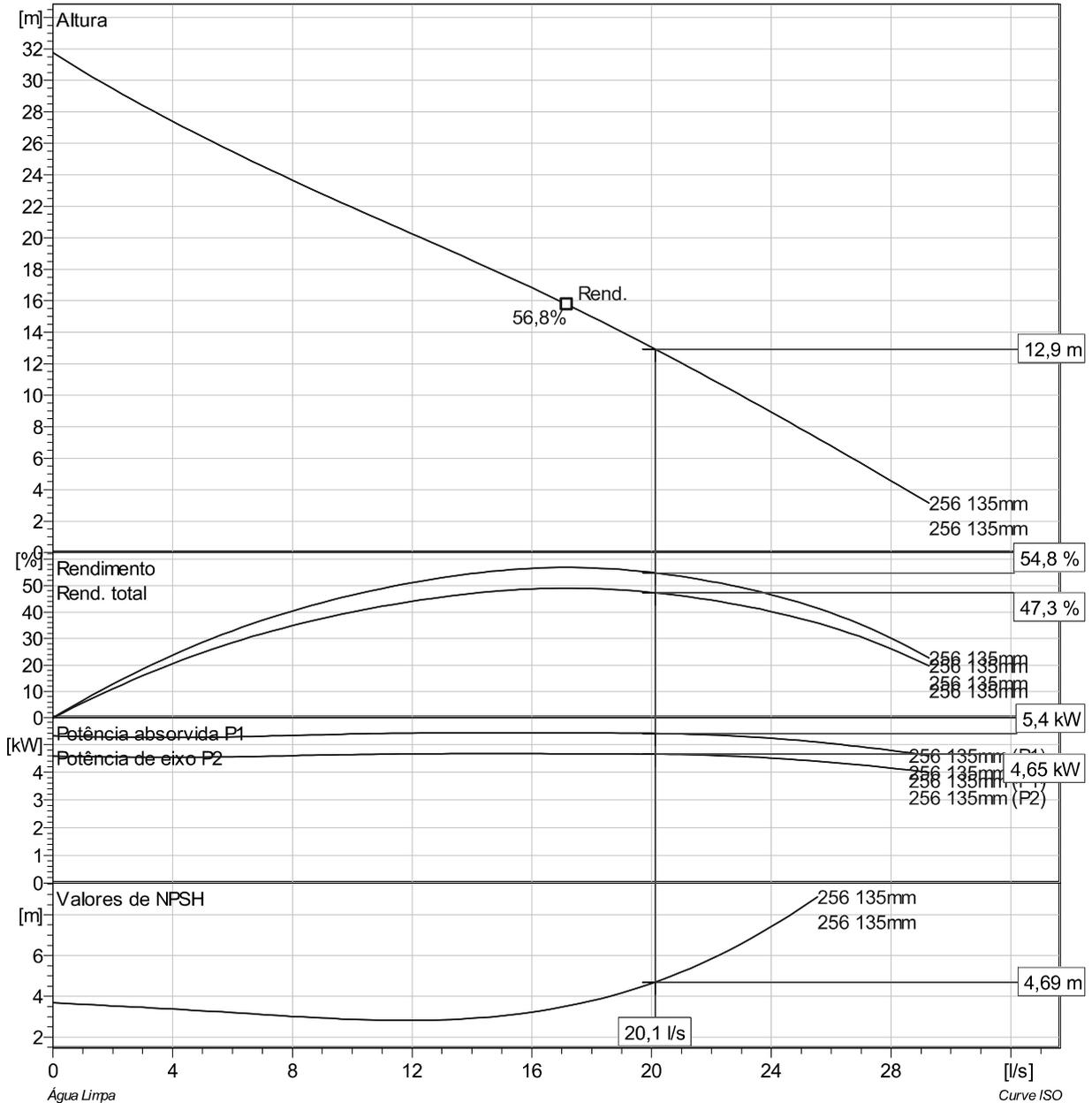
Bomba

Discharge Flange Diameter	80 mm
Suction Flange Diameter	80 mm
Impeller diameter	135 mm
Number of blades	2

Motor

Motor #	N3102.160 18-10-2AL-W 6.5hp
Stator variant	66
Frequência	60 Hz
Rated voltage	220 V
Número de pólos	2
Fases	3~
Potência nominal	4,8 kW
Corrente nominal	16 A
Corrente de partida	140 A
Velocidade nominal	3480 rpm

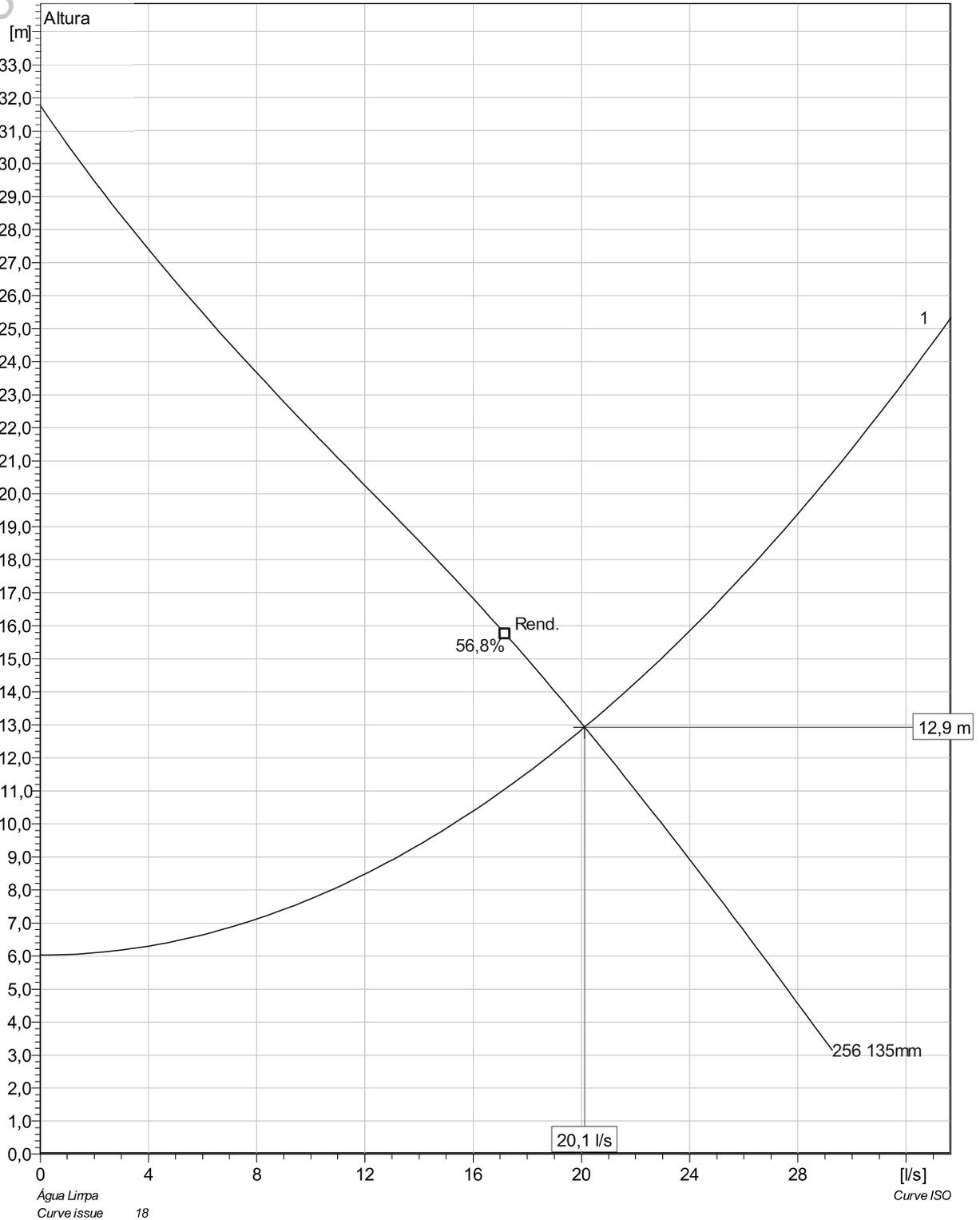
Fator de potência	
1/1 Load	0,92
3/4 Load	0,90
1/2 Load	0,84
Rendimento	
1/1 Load	86,1 %
3/4 Load	86,9 %
1/2 Load	86,0 %



Duty point	Guarantee
Flow	Head
9,72 l/s	12,5 m
	Falso

Projeto	Projeto ID	Criado por	Criado em 2/26/2018	Última atualização
---------	------------	------------	------------------------	--------------------

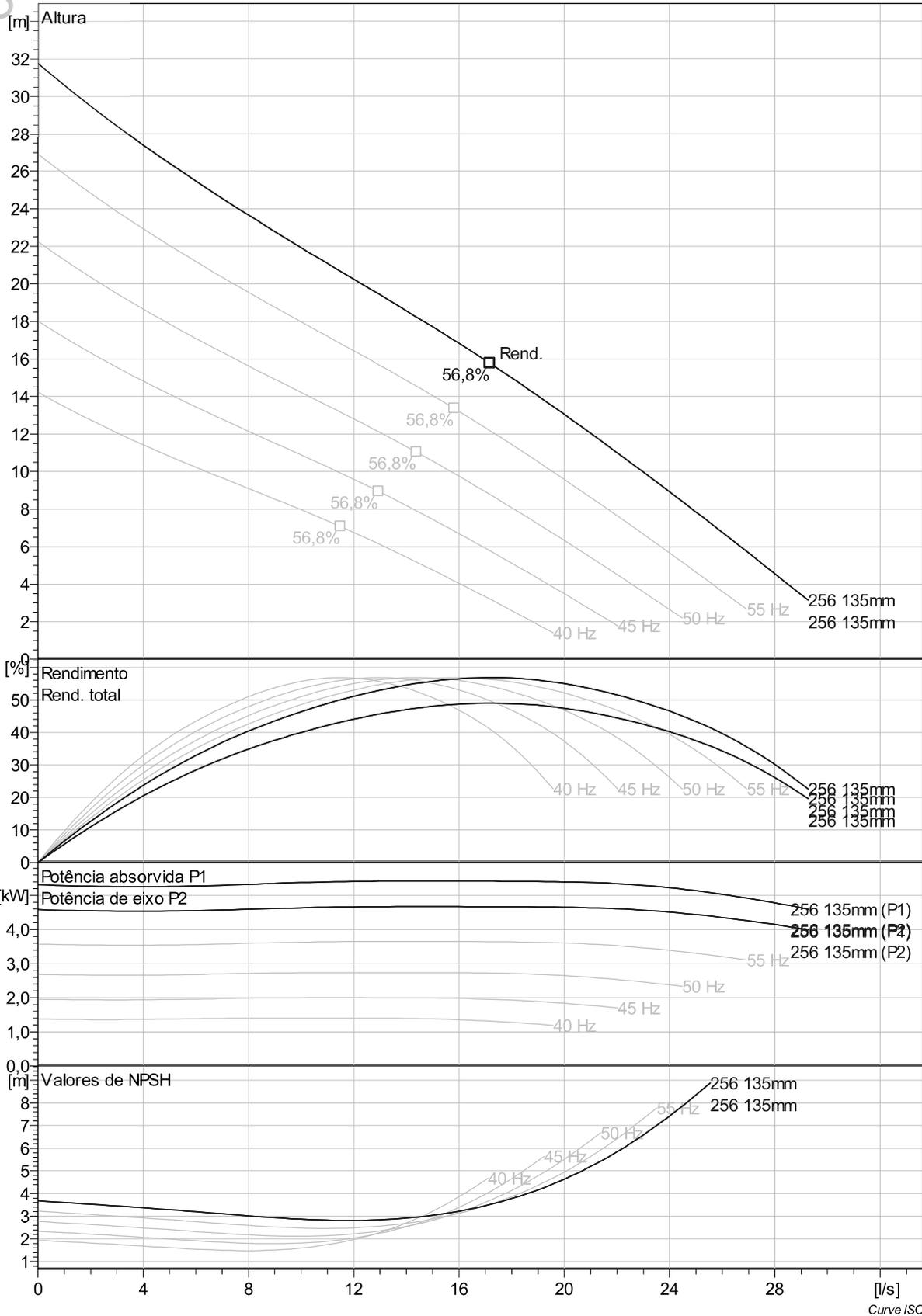
NP 3102 SH 3~ Adaptive 256 Duty Analysis



Pumps running /System	Individual pump			Total					
	Flow	Head	Shaft power	Flow	Head	Shaft power	Pump eff.	Specific energy	NPSHre
1	20,1 l/s	12,9 m	4,65 kW	20,1 l/s	12,9 m	4,65 kW	54,8 %	0,0745 kWh/m ³	4,69 m

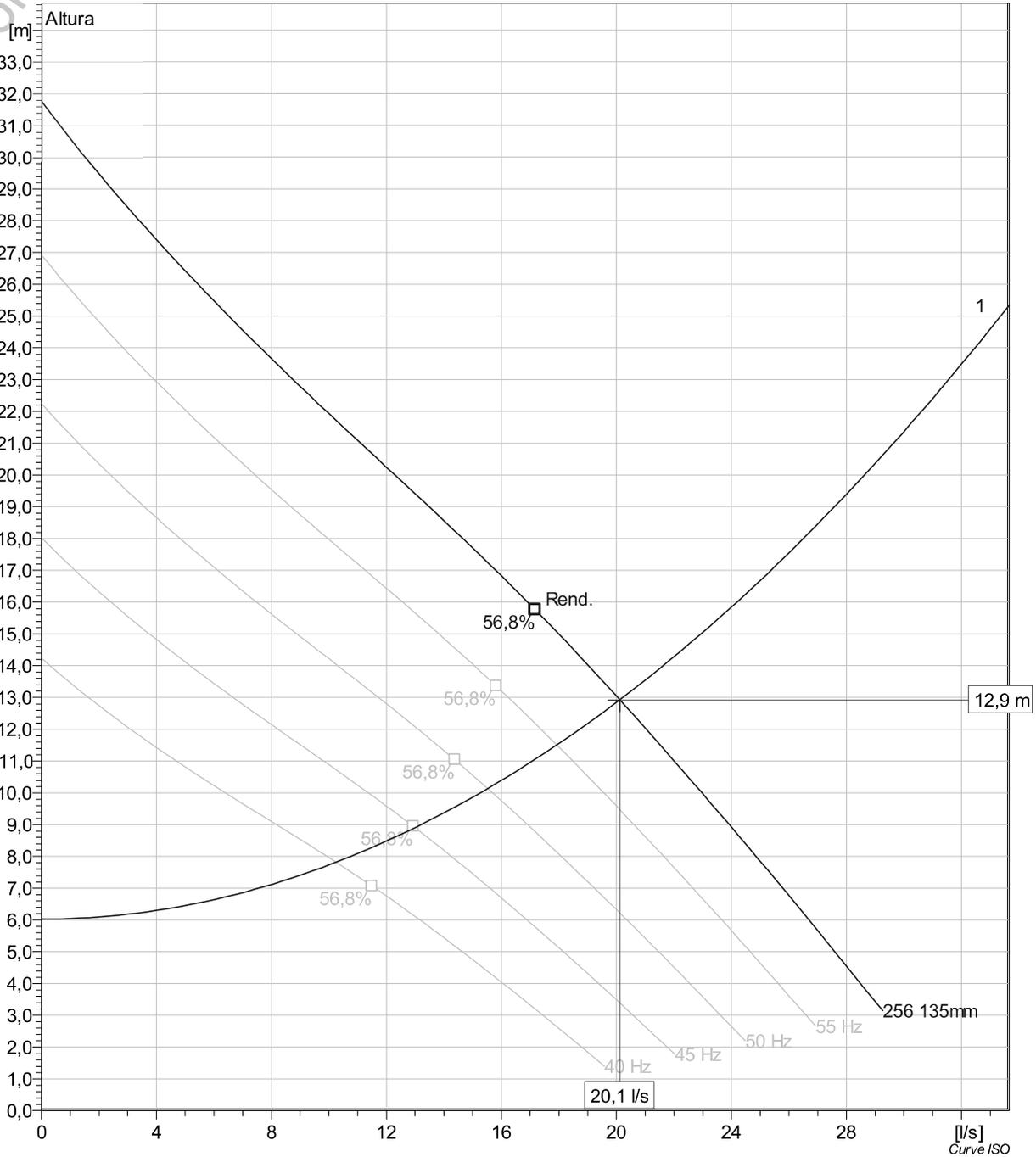
Projeto	Projeto ID	Criado por	Criado em 2/26/2018	Última atualização
---------	------------	------------	------------------------	--------------------

NP 3102 SH 3~ Adaptive 256 VFD Curve



Projeto	Projeto ID	Criado por	Criado em 2/26/2018	Última atualização
---------	------------	------------	------------------------	--------------------

NP 3102 SH 3~ Adaptive 256 VFD Analysis



Pumps running /System	Frequency	Flow	Head	Shaft power	Flow	Head	Shaft power	Pump eff.	Specific energy	NPSHre
1	60 Hz	20,1 l/s	12,9 m	4,65 kW	20,1 l/s	12,9 m	4,65 kW	54,8 %	0,0745 kWh/m ³	4,69 m
1	54,6 Hz	17,9 l/s	11,5 m	3,64 kW	17,9 l/s	11,5 m	3,64 kW	55,6 %	0,0648 kWh/m ³	3,83 m
1	49,6 Hz	15,5 l/s	10,1 m	2,74 kW	15,5 l/s	10,1 m	2,74 kW	56,4 %	0,0567 kWh/m ³	2,99 m
1	44,7 Hz	13 l/s	8,91 m	2 kW	13 l/s	8,91 m	2 kW	56,8 %	0,0506 kWh/m ³	2,25 m
1	39,7 Hz	10,3 l/s	7,82 m	1,4 kW	10,3 l/s	7,82 m	1,4 kW	56 %	0,0468 kWh/m ³	1,63 m

Projeto	Projeto ID	Criado por	Criado em 2/26/2018	Última atualização
---------	------------	------------	------------------------	--------------------

10.3 Anexo III – Especificações Técnicas Serviços

Não controlado

Não controlada

AEGEA

Pro
lagos

Não controlado

Sistema de Esgotamento Sanitário de
Iguaba Grande – RJ

PROJETO BÁSICO

Especificações Técnicas de Serviços

Novembro/2017

engesam
engenharia e
saneamento ambiental

Não controlada

SUMÁRIO

1	ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DE SERVIÇOS.....	8
1.1	CANTEIRO DE OBRAS.....	8
1.1.1	Instalação do Canteiro.....	8
1.1.2	Placa de Identificação da Obra.....	9
1.1.3	Placa da Contratada.....	9
1.1.4	Setas Indicativas.....	9
1.1.5	Prevenção de Acidentes.....	9
1.1.6	Equipamento de Segurança.....	10
1.1.7	Vigilância.....	10
1.1.9	Desmontagem e Remoção do Canteiro.....	10
1.2	SERVIÇOS TÉCNICOS.....	10
1.2.1	Especificação Técnica de Locação Topográfica.....	10
1.2.2	Serviços de Topografia e Cadastro.....	10
1.3	SERVIÇOS PRELIMINARES.....	12
1.3.1	Sinalização de Trânsito.....	12
1.3.2	Tapumes de Obras.....	12
1.3.3	Passadiços de Chapa Metálica para Veículos.....	13
1.3.4	Passadiços de Madeira.....	13
1.3.5	Demolições, Limpezas e Reposições.....	13
1.3.6	Desmatamento.....	14
1.3.7	Limpeza do Terreno.....	14
1.4	MOVIMENTO DE TERRA.....	15
1.4.1	Escavações em Geral.....	15
1.4.2	Escavação em Solo.....	15
1.4.3	Escavação Submersa.....	16
1.4.4	Escavação de Valas.....	16
1.4.5	Largura e Profundidade da Vala.....	16
1.4.6	Regularização do Fundo da Vala.....	16
1.4.7	Greide Final da Escavação.....	17
1.4.8	Apiloamento do Solo Natural e Lançamento de Brita.....	17
1.4.9	Exploração de Jazidas.....	17
1.4.10	Escavação em Rocha Dura com Explosivos.....	18
1.4.11	Escavação em Rocha Branda ou Moledo a Frio.....	19
1.4.12	Aterros.....	19

1.4.12.1	Generalidades.....	19
1.4.12.2	Materiais.....	19
1.4.12.3	Equipamentos.....	20
1.4.12.4	Execução dos Aterros	20
1.4.12.5	Preparo das Camadas de Aterro.....	20
1.4.12.6	Lançamento de Solos.....	20
1.4.12.7	Espalhamento em camadas.....	20
1.4.12.8	Compactação	20
1.4.12.9	Aterro e Recobrimento Especial de Valas, Poços e Cavas.....	21
1.4.12.10	Aterro de Vala Sob Passeio.....	21
1.4.12.11	Aterro de Vala Sob Via Carroçável.....	22
1.4.12.12	Aterro Junto à Estrutura de Concreto	22
1.4.12.13	Regularização Mecanizada de Áreas	22
1.4.13	Execução de Maciços de Terra	23
1.4.13.1	Preparo do Terreno de Fundação dos Maciços.....	23
1.4.13.2	Limpeza.....	23
1.4.13.3	Raspagem	24
1.4.13.4	Escarificação	24
1.4.13.5	Equipamentos.....	24
1.4.13.6	Execução.....	24
1.4.14	Controle e Ensaio.....	25
1.4.14.1	Controle de Compactação	25
1.4.14.2	Controle Tecnológico.....	25
1.4.14.3	Observações Finais	25
1.4.15	Carga, Transporte e Descarga	26
1.5	ESCORAMENTOS.....	27
1.5.1	Escoramento de Valas	27
1.6	ESGOTAMENTO	28
1.6.1	Esgotamento por Bombas Submersíveis.....	28
1.6.2	Rebaixamento de Lençol Freático	29
1.6.3	Meia Cana de Concreto	29
1.7	OBRAS DE CONTENÇÃO.....	30
1.7.1	Proteção com Pedra de Mão sem Manta.....	30
1.7.2	Proteção com Pedra de Mão com Manta	30
1.8	GABIÕES	30
1.8.1	Objetivo	30

1.8.2	Normas Complementares	30
1.8.3	Definição.....	31
1.8.3.1	Rede.....	31
1.8.3.2	Gabião	31
1.8.4	Condições Gerais	32
1.8.4.1	Forma de efetuar a encomenda.....	32
1.8.4.2	Embalagem.....	32
1.8.4.3	Identificação.....	32
1.8.4.4	Envelhecimento.....	32
1.8.4.5	Espessura média de revestimento de PVC.....	32
1.8.5	Condições Específicas.....	33
1.8.5.1	Dimensões e tolerâncias	33
1.8.5.2	Revestimento protetor de PVC (policloreto de vinila)	34
1.8.6	Inspeção	35
1.8.6.1	Condições de inspeção.....	35
1.8.6.2	Amostragem.....	35
1.8.7	Aceitação e Rejeição	35
1.8.8	Método Executivo	36
1.8.8.1	Material para enchimento	36
1.8.8.2	Ferramentas	37
1.8.8.3	Execução.....	37
1.8.8.4	Considerações gerais.....	39
1.9	ESTRUTURAS E FUNDAÇÕES	39
1.9.1	Fundações e Sondagens Fundações.....	39
1.9.2	Lastro de Concreto Magro.....	40
1.9.3	Enchimento de Concreto Simples	40
1.9.4	Aço Estrutural.....	40
1.9.5	Formas de Compensado Plastificado	41
1.9.6	Execução de Estruturas de Concreto	42
1.9.6.1	Introdução.....	42
1.9.6.2	Composição e Características do Concreto.....	42
1.9.6.3	Controle.....	43
1.9.6.4	Materiais	44
1.9.6.5	Traços de Concreto	46
1.9.6.6	Mistura	46
1.9.6.7	Transporte do Concreto	46

1.9.6.8	Lançamento	47
1.9.6.9	Vibração.....	48
1.9.6.10	Cura e Prova de Carga	48
1.9.6.11	Juntas de Concretagem	49
1.9.6.12	Correção de Fissuras.....	49
1.9.6.13	Formas e Cimbramentos	50
1.9.6.14	Reparos.....	51
1.9.7	Lastro	51
1.10	ASSENTAMENTO DE TUBULAÇÃO	52
1.10.1	Assentamento de Tubulações de Concreto Armado.....	52
1.10.2	Assentamento de Tubulações de PVC com Junta Elástica	54
1.10.3	Montagem e Assentamento de Tubulações de Ferro Fundido	54
1.11	PAVIMENTAÇÃO	57
1.11.1	Levantamento de Pavimentação.....	57
1.11.2	Regularização de Superfícies	57
1.11.3	Demolições de Pavimentos Cimentados	58
1.11.4	Demolição de Guias e Sarjetas	58
1.11.5	Construção de Passeios Cimentados.....	58
1.11.6	Recomposição de Pavimentos em Paralelepípedos ou Blocos de Concreto.....	58
1.11.7	Assentamento de Guias.....	59
1.11.7.1	Objetivo	59
1.11.7.2	Execução de Base	59
1.11.7.3	Assentamento de Guias.....	59
1.11.7.4	Encostamento de Terra	60
1.11.8	Especificação Técnica de Construção de Sarjetas	60
1.11.8.1	Objetivo	60
1.11.8.2	Execução da Base	60
1.11.8.3	Formas.....	60
1.11.8.4	Preparo, Lançamento e Acabamento do Concreto.....	61
1.11.8.5	Juntas.....	61
1.11.8.6	Controle Tecnológico.....	61
1.11.8.7	Aceitação e Rejeição.....	61
1.11.9	Construção de Pavimentos Asfálticos	61
1.12	FECHAMENTO.....	76
1.12.1	Alvenarias	76
1.12.2	Cobertura, Madeiramento, Condutor, Calhas e Rufos.....	77

1.12.3	Esquadrias de Madeira.....	78
1.12.4	Esquadrias Metálicas.....	78
1.12.5	Esquadrias de Alumínio.....	79
1.12.6	Vidros	79
1.13	REVESTIMENTO E TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE.....	80
1.13.1	Chapisco	80
1.13.2	Emboço.....	80
1.13.3	Reboco.....	81
1.13.4	Revestimento de Piso.....	81
1.13.5	Impermeabilização e Proteção Térmica.....	83
1.13.5.1	Impermeabilização Rígida com Argamassa.....	83
1.13.5.2	Impermeabilização Betuminosa.....	84
1.13.5.3	Impermeabilização Composta por Pasta de Cimento e Polímeros	84
1.14	PINTURAS	85
1.14.1	Pintura a Cal	85
1.14.2	Pintura Látex a Base de PVA ou Acrílica.....	85
1.14.3	Pintura a Óleo e Esmalte	85
1.14.4	Pintura a Verniz	86
1.14.5	Pintura Grafite.....	86
1.14.6	Pintura a Base de Silicone	86
1.14.7	Pintura Alumínio.....	86
1.14.8	Pintura Antiferruginosa ou Primer.....	87
1.15	URBANIZAÇÃO.....	87
1.15.1	Cercas de Tela Tipo Alambrado.....	87
1.15.2	Plantio de Grama em Placas.....	87
1.15.3	Plantio de Arbustos e Árvores.....	87
1.15.4	Guarda-Corpo.....	88
1.15.5	Grade de Piso	88
1.15.6	Escada Tipo Marinheiro.....	89
1.16	SERVIÇOS ESPECIAIS.....	89
1.16.1	Implantação de Tubulação por Método Não-Destrutivo	89

1 ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DE SERVIÇOS

O presente capítulo se refere às Especificações Técnicas de Serviços a serem obedecidas na execução das obras. Cabe salientar que ao longo deste relatório serão chamados de CONTRATANTE a PROLAGOS, FISCALIZAÇÃO a pessoa física ou jurídica designada pela PROLAGOS para fiscalizar a execução das obras e serviços e CONTRATADA a empresa designada pela PROLAGOS para a execução das obras e serviços.

1.1 CANTEIRO DE OBRAS

1.1.1 Instalação do Canteiro

O canteiro de obras, necessariamente, deverá atender à legislação específica de segurança e demais leis e regulamentações pertinentes da ABNT.

O local escolhido para construção do canteiro de serviços deverá ser aprovado pela FISCALIZAÇÃO. Apesar da aprovação, não caberão à CONTRATANTE, em hipótese alguma, os ônus decorrentes de locação, manutenção e acessos da área escolhida.

O terreno onde será construído o canteiro de serviços deverá estar localizado próximo à obra e ter acesso fácil através de ruas bem conservadas, sendo que a conservação ficará sob a responsabilidade da CONTRATADA.

O canteiro deverá ser executado levando-se em consideração as proporções e características das obras. As alterações na execução em relação aos padrões ficarão a critério da FISCALIZAÇÃO, não havendo nenhum ônus para a CONTRATANTE.

Opcionalmente a critério da FISCALIZAÇÃO, a CONTRATADA poderá alugar um imóvel como canteiro, que mantenha no mínimo as áreas e instalações previstas para a obra.

Durante o decorrer da obra, ficarão pôr conta e a cargo da CONTRATADA o fornecimento do mobiliário necessário à FISCALIZAÇÃO e a limpeza das instalações, móveis e utensílios das dependências da FISCALIZAÇÃO e a reposição do material de consumo necessário (carga do extintor de incêndio, produtos para higiene ambiente e pessoal, etc.).

A Contratada, antes de iniciar qualquer trabalho com relação ao canteiro, deverá providenciar, para aprovação da FISCALIZAÇÃO, planta geral de localização, indicando:

- localização do terreno;
- acessos;
- redes de energia elétrica, de água, esgoto, telefone ou de rádio;
- localização e dimensões de todas as edificações;
- localização dos pátios.

Ficarão, ainda, sob responsabilidade da CONTRATADA:

- Água e Energia Elétrica

Fornecimento de água, industrial e potável, e de energia elétrica para abastecimento do canteiro de obras. No caso de eventual falta de suprimento pela Rede Pública, deverá a CONTRATADA estar aparelhada para tal eventualidade, com produção de energia mediante geradores e abastecimento de água através de caminhões-pipas.

- Esgotos

Deverá a CONTRATADA solicitar a CONTRATANTE ligação na Rede Pública. Caso não haja, a CONTRATADA deverá providenciar fossa séptica ou similar.

- Telefone ou Radiotransmissor

A CONTRATADA deverá providenciar instalações de telefones, não só para ela como também para a FISCALIZAÇÃO. Em locais onde não existir Rede Telefônica, a CONTRATADA deverá providenciar, quando solicitado pela FISCALIZAÇÃO, instalação de Radiotransmissor, sem ônus para a CONTRATANTE.

- Manutenção, Higiene e Segurança.

Manutenção do Canteiro, até o final da obra, quer sob aspecto físico como o de ordem interna, e a observação dos cuidados higiênicos e de segurança pessoal.

1.1.2 Placa de Identificação da Obra

O fornecimento de Placa de Identificação da Obra ficará a cargo da CONTRATADA, que providenciará a confecção por profissional especializado, devendo a sua instalação se dar em local definido pela FISCALIZAÇÃO.

Os modelos e detalhes da placa deverão ser aqueles em vigência na época da execução da obra, conforme padrões ou solicitações específicas da PROLAGOS. Deverão ter a face em chapa de aço galvanizado, nº 16 ou nº 18, com tratamento antioxidante, sem moldura, fixadas em estruturas de madeiras, suficientemente resistente para suportar a ação dos ventos.

As tintas usadas para pintura deverão ser de cor fixa e de comprovada resistência ao tempo.

1.1.3 Placa da Contratada

No canteiro de obras só poderá ser colocada placa da CONTRATADA, após prévio consentimento da FISCALIZAÇÃO, principalmente no que se refere a sua localização e dimensões.

1.1.4 Setas Indicativas

As setas indicativas serão utilizadas para designação de distritos regionais, obras, sistemas e afins.

1.1.5 Prevenção de Acidentes

Na execução dos trabalhos, deverá haver plena proteção contra o risco de acidentes com o pessoal da CONTRATADA e com terceiros, independentemente da transferência desse risco a companhias ou institutos seguradores.

Para isso a CONTRATADA deverá cumprir fielmente o estabelecido na Legislação Nacional concernente à segurança e higiene do trabalho, bem como obedecer a todas as normas próprias e específicas para a segurança de cada serviço. A CONTRATADA deverá manter, no Canteiro de Obras, pessoal treinado e caixa de primeiros-socorros devidamente suprida com medicamentos para pequenas ocorrências.

Em caso de acidente no Canteiro de Obras a CONTRATADA deverá:

- Prestar socorro imediato às vítimas;
- Paralisar imediatamente a obra no local do acidente, a fim de não alterar as circunstâncias relacionadas com este;
- Comunicar imediatamente a FISCALIZAÇÃO da ocorrência.

1.1.6 Equipamento de Segurança

Serão de responsabilidade da CONTRATADA: a segurança, a guarda e a conservação de todos os materiais, equipamentos, ferramentas, utensílios e instalações da obra.

Qualquer perda ou dano sofrido no material, equipamento ou instrumental fornecido pelo CONTRATANTE será avaliado pela FISCALIZAÇÃO e deverá ser ressarcido pela CONTRATADA.

A CONTRATADA deverá manter livre o acesso aos extintores, mangueira e demais equipamentos situados no canteiro, a fim de poder combater eficientemente o fogo na eventualidade de incêndio, ficando expressamente proibida a queima de qualquer espécie de material no local das obras.

1.1.7 Vigilância

A CONTRATADA deverá manter permanentemente, durante 24 (vinte e quatro) horas, sistema de vigilância, efetuado por pessoal devidamente habilitado e uniformizado, até o recebimento técnico da obra pelo CONTRATANTE.

1.1.9 Desmontagem e Remoção do Canteiro

Após a conclusão dos serviços, a CONTRATADA deverá remover do local todos os materiais, equipamentos e quaisquer detritos provenientes da obra, deixando-a totalmente limpa.

1.2 SERVIÇOS TÉCNICOS

1.2.1 Especificação Técnica de Locação Topográfica

A locação da obra será efetuada de acordo com os desenhos de projeto, ficando sob a responsabilidade da empresa CONTRATADA qualquer erro de alinhamento, obrigando-se a desfazer ou refazer a marcação, sob suas expensas, caso alguma incorreção seja verificada pela FISCALIZAÇÃO ou pela CONTRATANTE.

A locação será feita por meio de instrumento e trena de aço. Os gabaritos deverão ser feitos com tábuas de pinho novas, niveladas e alinhadas. Esses pontos serão devidamente demarcados e amarrados, de maneira a permitir sua relocação.

1.2.2 Serviços de Topografia e Cadastro

DISPOSIÇÕES GERAIS

A CONTRATADA receberá da CONTRATANTE, por intermédio da FISCALIZAÇÃO.

- a) plantas de locação;
- b) marcos de referência planialtimétricos fora da área de escavação ou aterro, com uma planta de situação dos marcos.

Caberá a CONTRATADA os seguintes serviços:

- Locar os coletores, poços de visita, cavas, tubulações prédios, obras de arte e demais elementos necessários, a critério da FISCALIZAÇÃO.
- Todas as interferências encontradas, e que não constem de desenhos fornecidos, deverão ser levantadas e cadastradas.
- Locar a posição do escoramento antes do início da execução.
- Locar no fundo da escavação a posição das formas para concreto, o alinhamento das camadas de concreto magro e de pedra britada.
- Indicar ou marcar, conforme o caso, as cotas do "greide" final da escavação, das faces superiores das camadas prontas de brita e de concreto magro e demais elementos eventualmente necessários, a critério da FISCALIZAÇÃO.
- Locação e nivelamento da escavação e da tubulação (caso exista) a partir da poligonal correspondente ao seu eixo, serão marcados os dois bordos das escavações a serem abertas. As cotas dos fundos das escavações deverão ser verificadas de 20 em 20 metros, para que sejam obedecidas as cotas de projeto.
- Elaborar plantas de cadastro da obra construída.
- A CONTRATADA deverá manter, durante o expediente da obra e no canteiro de serviços, 1 (um) topógrafo devidamente habilitado, equipamento topográfico adequado e aprovado pela FISCALIZAÇÃO e 2 (dois) auxiliares de topógrafo.
- A CONTRATADA deverá aceitar as normas, métodos e processos determinados pela FISCALIZAÇÃO, de acordo com as especificações da CONTRATANTE no tocante a qualquer serviço topográfico, seja de campo como de escritório e relativos a obra.
- Na existência de serviços não especificados, a CONTRATADA somente poderá executá-los após aprovação da FISCALIZAÇÃO.

SERVIÇOS TOPOGRÁFICOS

- **Referência de nível**

A CONTRATADA deverá basear seu nivelamento em RNs, previamente verificados através de nivelamento específico. A verificação citada deverá ser realizada através de uma poligonal de nivelamento, passando, no mínimo, em 3 (três) RNs, devendo a caderneta ser apresentada à CONTRATANTE, contendo os seguintes dados:

- Cota implantada pelos RNs do IGG;
- Cota encontrada pela CONTRATADA;
- Extensão da poligonal;
- Cálculo de erro;
- Indicação dos pontos de segurança (PS), devidamente discriminados e localizados de 100 em 100 metros no mínimo.

- **Piqueteamento e Nivelamento**

Piqueteamento de 20 em 20 metros, com nivelamento.

- **Perfil**

Será apresentado perfil do terreno contendo o projeto de "greide" da obra, em escala horizontal 1:500 e vertical 1:100. O perfil apresentado deverá ter, no canto direito inferior, carimbo com os seguintes dizeres:

- Nome da contratante;
- Nome da firma;
- Nome da obra a que se refere o perfil;
- Número da folha;
- Data;
- Toda vez que, durante a execução da obra, ocorrer modificação do projeto, o desenho correspondente deverá conter a carimbo "modificado".

1.3 SERVIÇOS PRELIMINARES

1.3.1 Sinalização de Trânsito

Com relação ao trânsito nas proximidades da obra a CONTRATADA deve tomar os seguintes cuidados: Deverão ser providenciadas faixas de segurança para o livre trânsito de pedestres, em perfeitas condições de segurança durante o dia e à noite.

Deverão ser construídas passagens temporárias nos cruzamentos de ruas e pontes de acesso para veículos defronte a estacionamentos e garagens. Nas saídas e entradas de veículos em áreas de empréstimo, bota-fora ou frentes de serviço, deverá ser providenciada sinalização adequada, diuturna, especialmente nos casos de eventuais inversões de tráfego.

As vias de acesso fechadas ao trânsito deverão ser protegidas com barreiras e com a devida sinalização (de acordo com o CTB - Código de Trânsito Brasileiro) e indicação de desvio, devendo, durante a noite, serem iluminadas e, em casos especiais, deverão ser postados vigias ou sinaleiros, devidamente equipados.

Os serviços deverão ser executados sem interrupção, até a liberação da área, podendo ser programados para fins-de-semana ou para horários de menor movimento.

Para as obras e serviços localizados na Região Metropolitana de São Paulo a sinalização deverá obedecer ao Decreto Municipal 15.704 de 16 de fevereiro de 1979. Para as obras em outros municípios, a sinalização deverá obedecer às posturas municipais e exigências de outros órgãos públicos locais ou concessionárias de serviços, além do disposto no CTB - Código de Trânsito Brasileiro.

1.3.2 Tapumes de Obras

Os tapumes devem ser utilizados para cercar o perímetro de todas as obras urbanas com exceção das pequenas e de curta duração, nas quais se utilizam cercas portáteis.

Podem ser empregadas placas laterais, chapas de madeira compensada, tábuas de madeira ou chapas de metal.

Em qualquer caso devem ser obedecidas as dimensões (1,10 x 2,20), de forma contínua, devendo estar dispostas verticalmente e encostadas no solo.

A vedação lateral deve ser feita de maneira a impedir completamente a passagem de terra ou detritos.

A sustentação vertical das chapas ou placas deve ser feita por elementos de madeira ou metal, além de uma base interna ao tapume para garantir estabilidade ao conjunto.

As pranchas devem atingir a altura mínima de 1,10 m a partir do solo.

Tanto as chapas de vedação quanto os elementos de sustentação devem, externamente, ser pintadas de branco (cor sugerida, podendo ser trocada de acordo com as exigências da CONTRATANTE), podendo ser aplicada caiação. Tal medida objetiva facilitar a manutenção do tapume, de forma rápida e baixo custo.

Deve ser provida, permanente manutenção na parte externa do tapume, devendo ser periodicamente pintado ou caiado, de forma a garantir sua permanente limpeza e visibilidade.

As pranchas deverão ser colocadas em sequência, em número suficiente para fechar completamente o local. Junto às interseções, o tapume deverá ter altura máxima de 1,00 m, até 3,00 m do alinhamento da construção da via transversal, para permitir visibilidade aos veículos. Além disto, deverão vir acompanhados de dispositivos luminosos de luz fixa.

Deverá ser reservado um espaço nas pranchas para identificação de concessionária, CONTRATADA e obra, assim como placas de barragem.

1.3.3 Passadiços de Chapa Metálica para Veículos

Passadiços e/ou passarelas metálicas serão construídos onde necessário, a critério da FISCALIZAÇÃO, em locais onde haja movimento razoável de veículos, para garantir o trânsito normal de pedestres e/ou veículos e assegurar a continuidade da operação e manutenção das instalações existentes.

Serão em chapas de aço de espessura igual ou maior a 3/4, com dimensão mínima de 1,50 x 1,50 m.

1.3.4 Passadiços de Madeira

Passadiços e/ou passarelas de madeira serão construídos onde necessário, a critério da FISCALIZAÇÃO, em ruas de pequeno movimento para garantir o trânsito normal de pedestres e assegurar a continuidade da operação e manutenção das instalações existentes.

Deverá ser de largura tal que permita segurança na sua utilização por pedestres.

A FISCALIZAÇÃO poderá exigir a confecção de guarda-corpos onde achar necessário.

1.3.5 Demolições, Limpezas e Reposições

A CONTRATADA deverá efetuar as demolições e retiradas necessárias à desobstrução das áreas de trabalho seguindo as instruções da FISCALIZAÇÃO.

A demolição poderá ser parcial ou total e a CONTRATADA deverá tomar todas as medidas de proteção necessárias, pela utilização de tapumes, andaimes e sinalização.

Os serviços de demolição serão executados cuidadosamente, tendo em vista a possibilidade de reaproveitamento dos materiais para em seguida serem relacionados e armazenados em locais convenientes, indicados pela FISCALIZAÇÃO.

As áreas onde se desenvolverem os trabalhos para locação e assentamento das redes coletoras deverão ser precedidas da remoção da vegetação e do solo superficial impróprio, através da capina, roçada, desmatamento, destocamento e raspagem.

Somente serão derrubadas, mediante anuência dos órgãos competentes e aprovação da FISCALIZAÇÃO, árvores que comprovadamente causem interferências com os serviços ou que tenham

raízes prejudicadas pelas escavações.

As pavimentações de paralelepípedos, asfalto e calçamento existentes ao longo do eixo das valas serão devidamente removidas, quer com o uso de alavancas, quer com o uso de compressor e martelinhos rompedores acoplados com espátulas.

Em caso de demolições de pavimentos com reaproveitamento dos materiais, além do procedimento normal em cada caso, fica estabelecido o seguinte:

- a) Onde existem paralelepípedos, meios-fios ou outros materiais aproveitáveis, serão estes removidos e armazenados em local apropriado de modo que não causem embaraços á obra e logradouros públicos, assim como devidamente empilhados, no aguardo do reaproveitamento, sob vigilância e responsabilidade da CONTRATADA.
- b) No caso de remoção de meio-fio, antes de empilhados, deverão ser limpos de toda a massa de remanejamento que porventura nele estiver aderida.

Os materiais, que não foram reaproveitados provenientes de qualquer demolição ou remoção, deverão ser transportados pela CONTRATADA para bota-fora a qualquer distância. O local deverá ser de conveniência da CONTRATADA e aprovado pela FISCALIZAÇÃO.

Quanto às reposições, reconstruções ou reparos, a CONTRATADA deverá empregar todos os meios e recursos necessários a tornar o executado melhor ou, no mínimo, igual ao danificado.

1.3.6 Desmatamento

O preparo de terrenos com vegetação na superfície será executado de modo a deixar a área da obra livre de tocos, raízes e galhos. O material retirado deverá ser removido para o local apropriado, com reaproveitamento de terra vegetal ou queimado, a critério da FISCALIZAÇÃO, devendo ser tomados todos os cuidados necessários à segurança e higiene pessoal e do meio ambiente.

Deverão ser preservadas as árvores, a vegetação de qualidade e a grama que localizadas em áreas que, pela situação, não interfiram no desenvolvimento dos serviços.

Será de atribuição da CONTRATADA a obtenção de autorização junto aos órgãos competentes para o desmatamento, principalmente no caso de árvores de grande porte.

1.3.7 Limpeza do Terreno

A completa limpeza do terreno será efetuada dentro da mais perfeita técnica, tomados os devidos cuidados, de forma a se evitar danos a terceiros.

A limpeza do terreno compreenderá os serviços de capina, limpeza, roçada, queima e remoção de resíduos e destocamento de árvores 0 < 25 cm de altura.

A roçada será caracterizada quando a área a ser limpa for constituída de vegetação rasteira, mato ralo, arbustos e árvores com troncos de diâmetro de até 0,15 mm.

O destocamento é caracterizado pela remoção dos tocos e das raízes das árvores podendo ser manual ou mecânico.

Será procedida, no decorrer do prazo da execução da obra, periódica remoção de todo o entulho e detritos que venham a se acumular no terreno.

1.4 MOVIMENTO DE TERRA

1.4.1 Escavações em Geral

A escavação compreende a remoção de solo desde a superfície natural do terreno, até as linhas e cotas especificadas no projeto, e tem seu início logo após concluídas as operações de limpeza e destocamento do terreno natural.

Antes de dar início às operações de escavação, a CONTRATADA fará a pesquisa de interferência do local, para que não sejam danificados quaisquer tubos, caixas, postes, etc., que estejam na zona atingida pelas escavações ou em áreas próximas as mesmas.

Caso haja qualquer dano nas interferências supracitadas, todas as despesas decorrentes dos reparos correrão por conta da CONTRATADA, desde que caracterizada a responsabilidade da mesma.

Havendo necessidade de desmatamento, destocamento ou simples regularização os limites dos serviços serão indicados pela FISCALIZAÇÃO.

Toda a escavação deverá ser mecânica, exceto no caso de proximidades de interferências cadastradas ou detectadas, regularização de fundo de vale ou outros locais a critério da FISCALIZAÇÃO.

Os serviços serão executados de modo a proporcionar o máximo de rendimento e economia, em função do volume de terra a remover e das dimensões, natureza e topografia do terreno.

Se houver interferência com galerias, tubulações ou outras instalações existentes, a CONTRATADA executará o escoramento e sustentação das mesmas.

Caso haja qualquer dano nas interferências supracitadas, todas as despesas decorrentes dos reparos correrão por conta da CONTRATADA, desde que caracterizada a responsabilidade da mesma.

Na eventualidade de ser encontrado, em qualquer trecho e na profundidade de assentamento de estruturas de concreto, solo com características impróprias e que a juízo da FISCALIZAÇÃO possa dar lugar a futuras lesões, serão executadas, por conta da CONTRATADA e a mando da FISCALIZAÇÃO, sondagens suplementares e ensaios que permitam estudar e projetar a solução tecnicamente mais conveniente para construção da obra no trecho em questão (determinação da natureza e extensão das camadas inferiores do solo, do recalque admissível, da curva das pressões, do módulo de elasticidade e da carga de ruptura do terreno em exame).

Se no decorrer da escavação for atingido terreno rochoso, este será desmontado a fogo se apresentar sob a forma maciça e contínua ou simplesmente retirado, se constituído por matacões até $0,5 \text{ m}^3$. A autorização do órgão competente para transporte e uso dos explosivos deverá ser encaminhada a FISCALIZAÇÃO antes do início das detonações.

Os solos escavados se forem de boa qualidade, a critério da FISCALIZAÇÃO, serão aproveitados para construção de aterros. Em caso contrário esses materiais deverão ser transportados para bota-foras indicados pela FISCALIZAÇÃO.

No caso de os materiais serem de natureza diversa, serão distribuídos em montes separados.

Os materiais não aproveitáveis serão transportados pela CONTRATADA e levados a bota-fora em local escolhido pela FISCALIZAÇÃO. No bota-fora, entende-se que o material será espalhado a critério da FISCALIZAÇÃO.

1.4.2 Escavação em Solo

Classifica-se como escavação em solo aquela executada em terreno constituído de terra em geral, picarra, argila, areia rochas em adiantado estado de decomposição (pouco compactas), seixos rolados ou não (diâmetro máximo de 15 cm), matacões (volume menor ou igual a $0,50 \text{ m}^3$) e em geral todo o material possível de execução manual ou mecânica, qualquer que seja o teor da umidade.

1.4.3 Escavação Submersa

Classifica-se como escavação submersa toda aquela realizada por dragas, jatos de ar, *drag-line* ou *clan-shell*, inclusive a remoção de tocos e matacões (volume menor ou igual a 0,50m³).

1.4.4 Escavação de Valas

A escavação de valas deverá respeitar a NBR 12266/1992 “Projeto e execução de valas para assentamento de tubulação de água esgoto ou drenagem urbana”, e as especificações anteriormente citadas para Escavação em Geral.

Os equipamentos a serem utilizados deverão ser adequados aos tipos de escavação. Nas valas de profundidade até 4,00 m, com escavação mecânica serão utilizadas retroescavadeiras, podendo ser usada escavação manual no acerto final da vala. A escavação mecânica de valas de profundidade além de 4,00 m deverá se feita com escavadeira hidráulica. Se a CONTRATADA não dispuser de tal equipamento, a FISCALIZAÇÃO poderá permitir o uso de retroescavadeira. Neste caso, a eventual necessidade de rebaixamento do terreno para se atingir a profundidade desejada não será remunerada pela CONTRATANTE. Os serviços serão considerados como se fossem executados de maneira normal e de acordo com as larguras especificadas.

Ao iniciar a escavação, a CONTRATADA deverá ter feito pesquisa de interferências, para que não sejam danificados quaisquer tubos, caixas, postes ou outros elementos e ou estruturas existentes que estejam na área atingida pela escavação ou próximos a esta.

Se a escavação interferir nas galerias ou tubulações, a CONTRATADA executará o escoramento e a sustentação destas.

A CONTRATADA deverá manter livres as grelhas, tampões e bocas-de-lobo das redes dos serviços públicos, junto as valas, não devendo aqueles componentes serem danificados ou entupidos.

Mesmo autorizada a escavação, todos os danos causados a propriedades bem como a danificação ou remoção de pavimentos além das larguras especificadas, serão de responsabilidade da CONTRATADA.

1.4.5 Largura e Profundidade da Vala

A profundidade mínima das valas será determinada de modo que o recobrimento das tubulações atenda as seguintes condições:

O limite mínimo para o recobrimento será de 0,50 m ou 0,70 m, conforme se faça o assentamento sob o passeio ou sob o leito da rua.

Esses limites serão aumentados para 0,70 m ou 0,90 m quando se tratar de trechos em ruas com tráfego pesado.

Só serão permitidas valas sem escoramento para profundidade de até 1,30 m. A profundidade e a largura da vala serão especificadas em projeto.

1.4.6 Regularização do Fundo da Vala

Quando a escavação em terreno de boa qualidade tiver atingido a cota indicada no projeto, serão feitas a regularização e a limpeza do fundo da vala. Caso ocorra a presença de água, a escavação deverá ser ampliada para conter o lastro.

Essas operações só poderão ser executadas com vala seca ou com água do lençol freático totalmente deslocada para drenos laterais junto ao escoramento.

1.4.7 Greide Final da Escavação

Quando o "greide" final da escavação estiver situado dentro de terreno cuja pressão admissível não seja suficiente para servir como fundação direta, a escavação deverá continuar até uma profundidade apta a comportar um colchão de pedra britada nº 3 (três) ou outro material granular, devidamente compactado até profundidade a ser indicada pela FISCALIZAÇÃO.

1.4.8 Apiloamento do Solo Natural e Lançamento de Brita

O fundo de vala deverá ser perfeitamente regularizado e apilado.

Qualquer excesso de escavações ou depressão, no fundo das valas, deverá ser preenchido com areia, pó de pedra ou outro material de boa qualidade, a critério da FISCALIZAÇÃO.

Antes da aplicação do concreto, deverá ser lançada uma camada de 10 cm de brita.

1.4.9 Exploração de Jazidas

No caso de haver necessidade de exploração de jazidas de solo para aterro, ou de jazidas de rocha para enrocamentos, deverão ser observadas as prescrições que se seguem:

a) Escavação de Jazidas de Solo

A exploração de áreas de empréstimo deverá ser precedida de projeto completo, incluindo estradas de serviço e frentes de escavação.

Os taludes das frentes de escavação deverão ter inclinação adequada para se manterem estáveis, bem como as alturas das bancadas deverão obedecer a limite seguro.

Toda a superfície de escavação deverá ser o mais regular possível e provida de inclinações suficientes para se assegurar o escoamento de águas pluviais ou surgentes.

Os materiais ocorrentes nos cortes serão classificados quanto à dificuldade de escavação, em conformidade com as seguintes definições:

- materiais de 1ª categoria

Compreendem solos em geral, residuais ou sedimentares, seixos rolados ou não, com diâmetro máximo inferior a 0,15 cm, qualquer que seja o teor de umidade que apresentem.

- materiais de 2ª categoria

Compreendem os materiais com resistência ao desmonte mecânico inferior ao da rocha não alterada, cuja extração se processe por combinação de métodos que obriguem a utilização de equipamentos de escarificação de grande porte e, eventualmente, o uso de explosivos.

Estão incluídos nesta classificação os blocos de rocha de volume inferior a 2,0m³ e os matacões ou pedras de diâmetro médio compreendido entre 0,15m e 1,00m.

- materiais de 3ª categoria

Compreendem os materiais com resistência ao desmonte mecânico equivalente ao da rocha não alterada e blocos de rocha com diâmetro médio superior a 1,00m ou de volume maior ou igual a 2,00m³, cuja extração e redução se processem somente com o emprego contínuo de explosivos.

O Plano de exploração deverá ser submetido à aprovação da FISCALIZAÇÃO.

b) Escavação de jazidas de Rocha

Para a obtenção de material rochoso a CONTRATADA, a seu critério, poderá utilizar materiais de pedreiras comerciais.

Caso a CONTRATADA venha a adquirir ou explorar jazida em operação própria, deverá seguir estritamente as normas e regulamentações do Ministério do Exército e demais requisitos de escavação a fogo, ficando sob sua inteira responsabilidade as necessárias providências administrativas cabíveis. A CONTRATADA ainda arcará com a responsabilidade civil por danos causados a terceiros em decorrência dessa exploração.

O projeto de exploração, incluindo investigações e prospecções geotecnológicas, planos de fogo, sistemas de estocagem e transporte dos materiais, também estará sob o encargo da CONTRATADA.

c) Recomposição das Áreas Exploradas para Empréstimo

Depois de terminado o trabalho e a menos que ordenado de outra forma pela FISCALIZAÇÃO, todas as áreas de trabalho e as áreas de empréstimo usadas pela CONTRATADA deverão ser regularizadas de maneira a seguir a aparência natural da paisagem de acordo com disposto em projeto ou recomendado pela CONTRATANTE. As áreas onde haja ocorrido destruição, mutilação, danos ou desfigurações, resultantes das operações da Contratada, devem ser reintegradas à paisagem local, sendo reparadas, replantadas e semeadas ou por qualquer forma corrigidas.

Deverão ser executados os serviços finais e permanentes de tratamento superficial com plantio de vegetação rasteira e outros de porte e espécies seguindo a tipificação local, a serem fornecidos pela CONTRATADA.

Deverão também seguidas curvas de nível para o plantio da vegetação de porte e para valetamento de controle de erosão.

1.4.10 Escavação em Rocha Dura com Explosivos

Classifica-se como escavação em rocha dura o material altamente coesivo, constituído de todos os tipos de rocha são como granito, basalto, gnaiss, matacão de volume maior ou igual a $0,5 \text{ m}^3$, etc.

- **Desmorte a Fogo**

O desmorte a fogo será executado em bancadas ou por altura total, com perfurações verticais ou inclinadas, de conformidade com a natureza da rocha e com todas as precauções de segurança. Os planos de fogo deverão ser obrigatoriamente aprovados pela FISCALIZAÇÃO.

Em cada plano de fogo a CONTRATADA indicará as profundidades, os espaçamentos e as disposições dos furos para o desmorte, assim como as cargas e tipos de explosivos, ligações elétricas das espoletas com cálculo da resistência total do circuito e método de detonação, especificando as características da fonte de energia, ou ligações de cordel com retardadores, especificando tipo e método de ligação, exigindo-se que a pré-qualificação do "Cabo de Fogo" seja entregue à FISCALIZAÇÃO.

Antes ou durante a execução das escavações poderá a FISCALIZAÇÃO requerer, à CONTRATADA, testes com explosivos, visando verificar planos de fogo. Tais testes deverão realizados dentro dos limites estabelecidos para a escavação.

Medições sísmicas poderão ser realizadas pela FISCALIZAÇÃO, devendo a CONTRATADA colaborar

para a sua execução. Os resultados obtidos serão analisados pela FISCALIZAÇÃO, que em função deles poderá requerer à CONTRATADA a alteração dos planos de fogo propostos.

A aprovação pela FISCALIZAÇÃO de um plano de fogo não exige a CONTRATADA de qualquer uma de suas responsabilidades.

Sempre que, de acordo com a indicação do projeto ou por determinação da FISCALIZAÇÃO, for necessário preservar a estabilidade e resistência inerentes aos parâmetros de taludes escavados em rocha, estes deverão ser conformados, utilizando-se: pré-fissuramento (detonação controlada do perímetro realizada antes da escavação), fogo cuidadoso - cushion blasting (escavação controlada a fogo de perímetro realizada simultaneamente com a escavação) ou perfuração em linha. O diâmetro dos furos e a técnica de detonação a ser utilizada ficarão à aprovação da FISCALIZAÇÃO.

O escoramento, no decorrer dos trabalhos de desmonte a fogo, deverá ser permanentemente inspecionado pela CONTRATADA e reparado logo após a ocorrência de qualquer dano.

A autorização do órgão competente para transporte e uso dos explosivos deverá encaminhada à FISCALIZAÇÃO, antes do início das detonações.

A CONTRATADA arcará com a responsabilidade civil por danos causados a terceiros em decorrência desse serviço.

1.4.11 Escavação em Rocha Branda ou Moledo a Frio

Classifica-se como escavação em rocha branda ou moledo o material com agregação natural de grãos minerais, ligados mediante forças coesivas apresentando grande resistência à escavação, constituídos de arenitos compactos, rocha em adiantado estado de decomposição, rocha alterada, folhetos com ocorrência contínua. Escavação com rompedores, picaretas, alavancas, cunhas, ponteiras, talhadeiras e eventual uso de escarificador.

- **Desmonte a frio**

Quando, pela proximidade de prédios e seus complementos, logradouros, serviços de utilização pública ou por circunstâncias outras, a critério da FISCALIZAÇÃO, for inconveniente ou desaconselhável o emprego de explosivos para o desmonte a fogo, será feito o desmonte a frio, empregando-se o processo mecânico (rompedor), manual, o processo químico ou pneumático (cunha metálica).

1.4.12 Aterros

1.4.12.1 Generalidades

Os aterros referem-se a todo material de boa qualidade, proveniente de cortes, empréstimos ou jazidas externas, em obediência a estas Especificações.

A execução dos aterros compreende, basicamente, as seguintes operações: descarga, espalhamento, umedecimento ou aeração e compactação dos materiais oriundos de cortes ou de empréstimos, desde o terreno limpo, até a cota final dos maciços.

1.4.12.2 Materiais

De maneira geral os solos que deverão constituir o maciço deverão se situar entre os de melhor qualidade, provenientes de cortes ou empréstimos.

Não deverão ser aceitos solos saturados, plásticos ou que apresentem em sua constituição vestígios orgânicos ou outros materiais considerados inadequados.

1.4.12.3 Equipamentos

Para a execução dos aterros, os equipamentos de compactação deverão ser compatíveis com as exigências técnicas destas Especificações. Poderão ser empregados tratores de lâmina escavo-transportadores, caminhões basculantes, motoniveladoras, rolos compactadores, pneumáticos ou pés-de-carneiro, estáticos ou vibratórios e, compactadores manuais.

1.4.12.4 Execução dos Aterros

A seguir estão descritos os procedimentos básicos a serem adotados na execução dos aterros.

1.4.12.5 Preparo das Camadas de Aterro

O tratamento da superfície das camadas deverá garantir a solidarização entre os solos das diversas camadas do aterro compactado.

Toda água, de qualquer natureza, tal como de mananciais, de infiltração de chuvas etc., existente nas áreas de fundação, deverá ser convenientemente isolada, drenada e conduzida para fora da área em questão, de maneira a minimizar a sua interferência no preparo de fundação e no lançamento das camadas iniciais.

O aterro deverá ser executado estritamente segundo as inclinações de taludes, dimensões e cotas indicadas em projeto.

1.4.12.6 Lançamento de Solos

A colocação de material no aterro será iniciada após a liberação pela Fiscalização da camada anterior de aterro já executada, mediante resultados de ensaios de verificação.

Durante o lançamento deve ser evitada a formação de lentes, bolsões e camadas de material constatadamente diferente do material em utilização.

1.4.12.7 Espalhamento em camadas

Após o lançamento, os materiais serão espalhados com trator com lâmina ou motoniveladora, em camadas horizontais.

Deverão ser estabelecidas, de acordo com as características dos materiais em utilização, as espessuras máximas de cada camada, não se devendo ultrapassar a espessura de 0,25m de material lançado.

No caso de utilização de compactadores manuais, (por exemplo, junto a estruturas), a espessura da camada será no máximo de 0,10m, devendo ser estabelecida a mínima cobertura com esse tipo de compactador. Será requerida necessariamente inspeção visual cuidadosa por parte da Fiscalização, com ensaios de campo para verificação da eficiência desta compactação.

Durante o lançamento e espalhamento a Executante deverá manter equipe de serventes necessária para remoção de eventuais raízes, detritos e outros materiais que impeçam a perfeita compactação dos solos.

1.4.12.8 Compactação

Os materiais em cada camada de aterro deverão ser compactados até atingir um grau de compactação

mínimo de 97% com relação ao peso específico máximo do ensaio Proctor Normal, com umidade de compactação variando entre -2% e +2% em relação à umidade ótima do ensaio acima.

Caso o teor de umidade não satisfaça aos limites estabelecidos, o mesmo deverá ser corrigido até se atingir os valores especificados. Se a umidade do solo estiver abaixo da hot -2% o mesmo deverá ser umedecido utilizando-se caminhão provido de barra aspersora. Se estiver acima da hot +2% o solo deverá ser aerado utilizando-se grade de disco e homogeneizado até atingir a umidade especificada.

Após a correção da umidade e homogeneização do solo lançado será realizada a compactação da camada através de rolos compactadores, devendo-se produzir cobertura total e uniforme, distribuída em toda a área, com um número de passadas adequado. Este número pode ser estabelecido, anteriormente, numa pista experimental.

A velocidade de deslocamento do rolo compactador deverá ser da ordem de 5 km/h, podendo aumentar-se esta velocidade desde que não haja prejuízo na obtenção do grau de compactação especificado.

Todas as áreas de difícil acesso ao equipamento usual de compactação serão compactadas mediante a utilização de equipamento adequado tais como placas vibratórias, sapos mecânicos etc. A execução será em camadas, nas mesmas condições de peso específico aparente seco e umidade descritos para o aterro acima e com espessura adequada ao equipamento utilizado.

Durante a construção, os serviços já executados deverão ser mantidos com boa conformação e permanente drenagem superficial.

Todos os serviços de compactação dos aterros deverão ser executados sempre ao longo dos eixos dos maciços.

1.4.12.9 Aterro e Recobrimento Especial de Valas, Poços e Cavas

O aterro das valas será processado após a realização dos testes de estanqueidade e até o restabelecimento dos níveis anteriores das superfícies originais. Deverá ser executado de modo a oferecer condições de segurança às estruturas e tubulação e bom acabamento da superfície.

O aterro deverá também ser desenvolvido em paralelo com a remoção de escoramentos. A rotina de trabalho de compactação será fixada por instrução de campo, emitida oportunamente pela FISCALIZAÇÃO. Não será permitida a compactação de valas, cavas e poços com pneus de retroescavadeiras, caminhões, etc.

No caso de o material proveniente da escavação não se prestar para execução do aterro, deverá ser utilizado material adequado, importado do empréstimo.

Nas valas sob leito carroçável, o aterro deverá ser executado e controlado com Proctor Normal ou compacidade relativa, dependendo do material utilizado.

Após a execução do aterro, todo material proveniente da escavação que não houver sido utilizado deverá ser removido ao bota-fora.

De qualquer forma, os serviços de aterro só poderão ser iniciados após autorização e de acordo com indicação da FISCALIZAÇÃO.

1.4.12.10 Aterro de Vala Sob Passeio

O espaço compreendido entre a base de assentamento e a cota definida pela geratriz superior, acrescida de 20 cm, deverá ser preenchida com aterro isento de pedras e corpos estranhos, compactados com soquetes manuais, em camadas não superiores a 20 cm.

O restante do aterro deverá ser executado de maneira que resulte densidade aproximadamente

igual a do solo que se apresenta nas paredes das valas, utilizando-se de preferência o mesmo tipo de solo isento de corpos estranhos.

1.4.12.11 Aterro de Vala Sob Via Carroçável

Para tubulações assentadas sob via carroçável, cuja vala deva ser recomposta com solos coesivos, o espaço compreendido entre a base de assentamento e a cota definida pela geratriz externa superior, acrescida de altura indicada pela FISCALIZAÇÃO, deve ser preenchido com aterro compactado com soquetes manuais, em camadas não superiores a 20 cm e para o restante do aterro deverá ser feita compactação mecânica a 95% do Proctor Normal, com desvio de umidade de mais ou menos 2%.

O material do aterro deverá ser isento de pedras e corpos estranhos e poderá ser proveniente da própria escavação ou importado, a critério da FISCALIZAÇÃO.

A compactação mecânica a 95% do Proctor Normal (Método Brasileiro NBR-7122 da ABNT) deverá ser executada com equipamentos apropriados, devendo sua execução ser autorizada pela Fiscalização, que providenciará ensaios para determinação do grau de compactação e desvio de umidade.

Caso o resultado dos ensaios venha a apresentar valores inferiores aos especificados, os serviços deverão ser refeitos, sem ônus para a CONTRATANTE, devendo da mesma forma, serem feitos os serviços de reposição de pavimentação, seja de paralelepípedo, seja de asfalto, tantas vezes quantas forem necessárias, caso ocorram arriamentos.

1.4.12.12 Aterro Junto à Estrutura de Concreto

Só poderá ser iniciado o aterro junto às estruturas de concreto, depois de decorrido o prazo necessário ao desenvolvimento da resistência do concreto estrutural.

O aterro deverá ser executado com o solo isento de pedras, madeira, detritos ou outros materiais que possam danificar as instalações, equipamentos ou qualquer outro elemento no interior da vala.

O material de aterro será proveniente da própria escavação ou importado, a critério da FISCALIZAÇÃO.

A compactação do material de cada camada de aterro deverá ser feita até se obter uma densidade aparente seca, não inferior a 95% da densidade máxima, e desvio de umidade de mais ou menos 2%, determinada nos ensaios de compactação, em conformidade com a NBR-7122.

1.4.12.13 Regularização Mecanizada de Áreas

É um processo de adensamento de solos, através da redução do índice de vazios, para melhorar seu comportamento relativo a capacidade de suporte, variação volumétrica e impermeabilidade.

A sequência normal dos serviços deverá atender os itens abaixo:

- Lançamento e espalhamento do material, procurando-se obter aproximadamente a espessura especificada para o tipo de equipamento;
- Regularização da camada de modo que a sua espessura seja 20% a 25% maior do que a altura final da camada, após a compactação;
- Homogeneização da camada pela remoção ou fragmentação de torrões secos, material conglomerado, blocos ou matacões de rocha alterada etc.
- Determinação expedita da umidade do solo, para definir a necessidade ou não de aeração ou umedecimento do solo;
- Compactação ou rolagem, utilizando-se equipamento adequado, com o número de passadas

suficientes para se atingir, em toda a camada, o grau de compactação desejado.

Os materiais empregados normalmente serão os do próprio terreno, sendo que no caso de substituição ou adição de material, estes serão provenientes da jazidas aprovadas pela FISCALIZAÇÃO.

As obras de grande porte deverão necessariamente ter o acompanhamento de controle tecnológico da CONTRATANTE, ou empresa por ela indicada.

1.4.13 Execução de Maciços de Terra

A seguir, são estabelecidas as recomendações a serem observadas na execução de maciços de terra.

Os serviços descritos deverão ser executados com a melhor técnica, obedecendo sempre às Especificações aqui contidas, às Normas, Especificações e métodos de Ensaio da ABNT, independentemente de citação expressa, ou outras normas indicadas, de acordo com os preceitos fornecidos ou exigidos pela FISCALIZAÇÃO.

Além das recomendações observadas a seguir, devem ser respeitadas também as recomendações do item 1.4.12 Aterros.

1.4.13.1 Preparo do Terreno de Fundação dos Maciços

Antes de se iniciar a construção dos maciços, a superfície do terreno natural que servirá de base para os mesmos, deverá sofrer uma série de cuidados no sentido de se garantir uma perfeita ligação entre os maciços e respectivas fundações.

De uma maneira geral, as fundações dos maciços deverão ser convenientemente preparadas pela CONTRATADA através dos processos de:

- limpeza;
- raspagem;
- escavação;
- escarificação;
- umedecimento, se necessário.

1.4.13.2 Limpeza

Nos trechos de implantação dos maciços, onde existe vegetação, serão executadas as operações de limpeza com vistas à remoção de vegetação, arbustos, galhos, troncos, raízes e todas as matérias que, por sua natureza, impeçam ou prejudiquem, a critério da FISCALIZAÇÃO, o desempenho normal das tarefas de construção.

As operações de limpeza acima poderão ser executadas manual ou mecanicamente. Entretanto, estas operações deverão se efetuar, invariavelmente, antes dos trabalhos de construção, com a necessária antecedência para não retardar o desenvolvimento normal destes.

Todos os materiais provenientes da limpeza da área deverão ser conduzidos a bota-fora ou a locais escolhidos pela FISCALIZAÇÃO, de maneira a não interferir nos trabalhos de construção a serem executados posteriormente.

Caso haja interesse na queima desses materiais deverão ser tomadas as precauções necessárias

para se evitar a propagação do fogo.

1.4.13.3 Raspagem

Os trabalhos de raspagem consistirão de remoção da camada superficial do terreno, numa espessura suficiente para eliminar terra vegetal, matéria orgânica e demais materiais indesejáveis, a critério da FISCALIZAÇÃO.

A raspagem será considerada até um limite máximo de 50 cm abaixo da superfície do terreno.

1.4.13.4 Escarificação

As superfícies ressecadas que receberão o aterro deverão ser inicialmente escarificadas. O solo solto deverá ser homogeneizado e ter a sua umidade corrigida.

1.4.13.5 Equipamentos

A escavação dos cortes será realizada mediante a utilização racional de equipamento adequado que possibilite a execução dos serviços sob condições e produtividade específicas.

No corte em solo serão empregados tratores equipados com lâmina, caminhões, pás-carregadeiras e retroescavadeiras. A operação incluirá a utilização de tratores e motoniveladoras para a escarificação e manutenção de áreas de trabalho, além de tratores para atuarem em bota-foras.

1.4.13.6 Execução

A escavação de cortes subordinar-se-á aos elementos técnicos fornecidos à CONTRATADA, em conformidade com o projeto.

A escavação será precedida de execução de serviços preliminares, quando se tratar de cortes com aproveitamento de material para aterro. Em caso contrário, a camada vegetal e vegetação de pequeno porte serão removidas junto com o material escavado.

O desenvolvimento da escavação processar-se-á mediante a previsão da utilização adequada, ou rejeição, dos materiais extraídos. Assim, apenas serão transportados, para constituição dos aterros, os materiais que, pela classificação e caracterização efetuadas no corte, sejam compatíveis com as especificações de execução dos aterros, em conformidade com o projeto.

Caberá à FISCALIZAÇÃO fazer o Controle Tecnológico do material escavado para, mediante os resultados obtidos, orientar a CONTRATADA sobre a destinação do mesmo.

Atendido o projeto em perfil longitudinal e seção transversal e, desde que técnica e economicamente viável, as massas em excesso que resultariam em bota-fora, poderão ser integradas aos aterros, constituindo alargamento de plataformas ou abrandamento de taludes, quando possível. A referida operação deverá ser executada desde a etapa inicial da construção do aterro, a critério da FISCALIZAÇÃO.

As massas excedentes que não se destinarem ao fim indicado no parágrafo anterior serão objeto de remoção, de modo a não constituírem ameaça à estabilidade de platôs e nem prejudicarem o aspecto paisagístico da região.

Os taludes dos cortes deverão apresentar, após terraplenagem, a inclinação indicada em projeto.

Os taludes deverão apresentar superfície regular, desempenada, obtida pela utilização de equipamento de escarificação.

Nos pontos de passagem de corte para aterro deverá proceder-se à escavação escalonada, até a profundidade necessária, objetivando a perfeita solidarização entre ambas, evitando-se a ocorrência de eventuais comportamentos diferenciados.

As valetas de proteção de cortes serão obrigatoriamente executadas e revestidas, independentemente das demais obras de proteção projetadas.

1.4.14 Controle e Ensaio

1.4.14.1 Controle de Compactação

O controle de compactação será feito pela Fiscalização através de acompanhamento permanente e inspeção visual das diversas operações de escavação, lançamento, umedecimento, homogeneização e compactação, bem como da execução de ensaios de controle de laboratório.

Posteriormente à compactação serão executados os ensaios de controle. No caso destes ensaios fornecerem valores inaceitáveis de compactação e teores de umidade, a camada deverá ser escarificada, gradeada, ter a umidade corrigida e ser novamente compactada.

Os limites e tolerâncias especificados aplicam-se à camada em toda a sua espessura e, em se verificando que as operações executadas não são suficientes em profundidade, será exigida a recompactação ou correção do teor de umidade.

Estando correto o teor de umidade do material, caso não seja atingido o grau de compactação, será feita a recompactação da camada. Para a recompactação será aplicado um mínimo de 3 passadas adicionais quando usado rolo pé-de-carneiro ou 2 passadas quando utilizado o rolo pneumático.

Deverá ser evitado excesso de compactação que possa formar laminação das camadas. Quando da definição da espessura da camada e do número de passadas do equipamento compactador, deverá se certificar de que não haja excesso de compactação com formação de laminação.

1.4.14.2 Controle Tecnológico

Caberá à Fiscalização realizar o controle tecnológico, que constará da execução de ensaios de verificação, conforme se descreve a seguir:

Um ensaio de compactação Proctor Normal para cada 1.000m³ de um mesmo material do corpo do aterro;

Um ensaio para determinação do peso específico aparente seco "in situ", para cada 1.000m³ de material compactado, correspondente ao ensaio de compactação referido acima, com um mínimo de duas determinações, por camada, por dia;

Um ensaio de granulometria, um de limite de liquidez e um de limite de plasticidade, para todo grupo de dez amostras submetidas ao ensaio de compactação acima.

1.4.14.3 Observações Finais

Durante a execução dos serviços, a Executante deverá tomar todas as providências no sentido de evitar acidentes, respeitando rigorosamente as normas de engenharia de segurança e as determinações da Fiscalização.

Os controles e ensaios de compactação serão feitos baseando-se nos critérios estabelecidos pelo método NBR-7122, e conforme determinação da FISCALIZAÇÃO.

Métodos expeditos poderão ser usados para o controle de umidade no campo, permitindo o avanço

da obra.

A aceitação desses métodos ficará na dependência da confirmação por laboratório, sendo o serviço recusado nos casos em que se verificarem discrepâncias maiores do que 2%.

Entre os métodos expeditos a serem utilizados, indicam-se: frigideiras, álcool e “speedy”.

1.4.15 Carga, Transporte e Descarga

A escolha do equipamento para carregamento, transporte e descarga dos materiais escavados, em bota-fora ou em outra área indicada pela FISCALIZAÇÃO, ficará a critério da CONTRATADA e terá sido definido no plano de escavação.

Durante a execução dos serviços poderá a FISCALIZAÇÃO exigir a remoção e/ou substituição de qualquer equipamento que não corresponda aos valores de produção indicado no plano de escavação, ou seja, por qualquer motivo insatisfatório.

Na medida do possível será sempre programado o uso do material resultante das escavações, imediatamente após sua remoção. Caso não seja isto possível, deverá a CONTRATADA preparar um local para estocá-los, conforme indicações da FISCALIZAÇÃO.

As pilhas de estoque deverão ser localizadas de maneira que necessitem um mínimo de transporte para os lugares onde os materiais serão aproveitados, sem interferir, porém, com o andamento da obra. O equipamento de transporte, os caminhos e distâncias de transporte e forma de carregamento devem ser estudados pela CONTRATADA e aprovados pela FISCALIZAÇÃO.

A acumulação nos estoques será feita por métodos que evitem a segregação de materiais ou sua contaminação, a critério da FISCALIZAÇÃO.

Somente quando aprovado pela FISCALIZAÇÃO materiais escavadas em áreas diferentes, que tenham características idênticas, a seu critério, poderão ser estocados na mesma pilha.

Na conclusão dos trabalhos, se ainda sobrar material nos estoques, a critério da FISCALIZAÇÃO, estes depósitos serão tratados como bota-fora, ou então serão as sobras levadas pela CONTRATADA para os bota-foras já existentes.

Os materiais resultantes das escavações, inadequados para uso nas obras, a critério da FISCALIZAÇÃO, serão depositados em bota-fora.

A CONTRATADA deverá apresentar, com a devida antecedência para aprovação da FISCALIZAÇÃO, um plano delimitando as áreas, definindo os caminhos e distâncias de transporte, fixando taludes e volumes a serem depositados. Essas áreas serão escolhidas de maneira a não interferir com a construção e operação da obra e nem prejudicar sua aparência estética, se adaptando a forma e altura dos depósitos, tanto quanto possível ao terreno adjacente.

A CONTRATADA tomará todas as precauções necessárias para que o material em bota-fora não venha a causar danos as áreas e/ou obras circunvizinhas, por deslizamentos, erosão, etc. Para tanto, devera a CONTRATADA manter as áreas convenientemente drenadas, a qualquer tempo, a critério da FISCALIZAÇÃO.

Na conclusão dos trabalhos as superfícies deverão apresentar bom aspecto, estar limpas, convenientemente drenadas e em boa ordem.

Por instrução da FISCALIZAÇÃO, os materiais em bota-fora poderão ser usados a qualquer momento.

A CONTRATADA poderá, outrossim, usar o material das escavações depositado em bota-fora, para seus próprios serviços no interior da obra, com previa autorização da FISCALIZAÇÃO.

1.5 ESCORAMENTOS

1.5.1 Escoramento de Valas

Será utilizado escoramento sempre que as paredes laterais de cavas, poços e valas forem constituídas de solo possível de desmoronamento, bem como nos casos em que, devido aos serviços de escavação, seja constatada a possibilidade de alteração da estabilidade do que estiver próximo à região dos serviços.

Será obrigatório o escoramento para valas de profundidade superior a 1,30 m (Portaria nº 17, do Ministério do Trabalho, de 07/07/1983).

Os tipos de escoramento utilizados serão especificados em projeto e na falta destes serão determinados pela FISCALIZAÇÃO.

- **Pontaleamento**

A superfície lateral da vala será contida por tábuas verticais de peroba de 0,027 X 0,30 m, espaçadas de 1,35 m, travadas horizontalmente por estroncas de eucalipto, diâmetro de 0,20 m, distanciadas verticalmente de 1,00 m.

- **Escoramento Descontínuo**

A superfície lateral da vala será contida por pranchas de peroba de 0,027 X 0,3 m espaçadas de 0,30 m no máximo, travadas horizontalmente por longarinas de peroba de 0,06 X 0,16 m, em toda sua extensão, e estroncas de eucalipto de 0,20 m, espaçadas de 1,35 m, a menos das extremidades das longarinas, das quais as estroncas estarão a 0,40m.

- **Escoramento Contínuo**

A superfície lateral da vala será contida por pranchas de peroba de 0,027 X 0,30 m, encostadas umas às outras, travadas horizontalmente, por longarinas de peroba de 0,06 X 0,16 m, em toda sua extensão e estroncas de eucalipto de diâmetro 0,20 m, espaçadas de 1,35 m, a menos das extremidades das longarinas, das quais as estroncas estarão a 0,40 m.

- **Escoramento Especial**

A superfície lateral da vala será contida por pranchas de peroba de 0,06 X 0,16 m, do tipo macho e fêmea, travadas horizontalmente por longarinas de peroba de 0,08 X 0,18 m em toda sua extensão e estroncas de eucalipto de diâmetro 0,20 m, espaçadas de 1,35 m, a menos das extremidades da longarinas, das quais as estroncas estarão a 0,40m. As longarinas devem ser espaçadas verticalmente de 1,00 m.

- **Escoramento Metálico-Madeira**

Este tipo de escoramento é composto de perfis metálicos e pranchas de madeira com quadros de longarinas e estroncas metálicas.

Na cravação dos perfis, não sendo encontrados matacões, rocha ou qualquer outro elemento impenetrável, a ficha será a do Projeto. Havendo obstáculos e o perfil cravado não tendo ficha suficiente, é obrigatório o uso de estroncas adicional, cuja cota deverá estar marcada no topo do perfil, antes de ser iniciada a escavação.

Se o solo apresentar camadas moles e rígidas, alternadamente, a montagem do escoramento poderá ser feita através de estroncas provisórias, para possibilitar a escarificação do material por equipamento interno à vala (tratores de esteiras). A extensão de vala escorada com estroncas provisórias não deverá ter mais que 40 m. A remoção das estroncas provisórias será feita imediatamente após a colocação das estroncas definitivas. Os trabalhos de substituição deverão ser contínuos.

- **Cuidados Especiais**

Todo cuidado deve ser tomado na colocação das estroncas para que as mesmas fiquem perpendiculares aos planos do escoramento.

Para se evitar sobrecarga no escoramento, o material escavado será colocado a uma distância da vala equivalente ao mínimo, à sua profundidade.

Para se evitar a percolação de água pluvial para dentro da vala, a CONTRATADA deverá:

- a) no aparecimento de trincas laterais à vala, providenciar a vedação das mesmas e a impermeabilização da área com asfalto;
- b) vistorias junto às sarjetas se não está ocorrendo penetração de água. Em caso positivo, vedar com asfalto.

Sempre que forem encontrados distribuidores de água no eixo da vala, os mesmos deverão ser escorados com pontaletes junto às bolsas, no máximo de dois em dois metros, antes do aterro da vala.

- **Retirada do Escoramento**

O plano de retirada das peças deverá ser objeto de programa previamente aprovado pela FISCALIZAÇÃO.

A remoção da cortina de madeira deverá ser executada à medida que avance o aterro e compactação, com a retirada progressiva das cunhas.

Atingindo o nível inferior da última camada de estroncas, serão afrouxadas e removidas as peças de contraventamento (estroncas e longarinas), bem como os elementos auxiliares de fixação, tais como cunhas, consolos e travamentos; da mesma forma, e sucessivamente, serão retiradas as demais camadas de contraventamento.

As estacas e elementos verticais de escoramento serão removidos com a utilização de dispositivos com o auxílio de guindastes, logo que o aterro atinja um nível suficiente, segundo estabelecido no plano de retirada.

Os furos deixados no terreno, pela retirada de montantes, pontaletes ou estacas, deverão ser preenchidos com areia e compactados por vibração ou por percolação de água.

1.6 ESGOTAMENTO

1.6.1 Esgotamento por Bombas Submersíveis

Quando houver necessidade de pequenos rebaixamentos ou quando a escavação atingir o lençol de água, fato que poderá criar obstáculos à perfeita execução da obra, dever-se-á ter o cuidado de manter o fundo das cavas permanentemente drenado, impedindo-se que a água se acumule no interior das mesmas. O bombeamento deve prolongar-se até que seja procedido o reaterro.

Serão feitas, no fundo das cavas, valetas laterais fora da área de obras, para que a água seja coletada pelas bombas em pontos adequados. Os crivos das bombas deverão ser colocados em pequenos

poços dentro das referidas valetas. Para evitar erosão, os crivos deverão ser recobertos com brita. A critério da FISCALIZAÇÃO, poderão ser substituídas as valetas por drenos de tubos perfurados.

A água retirada deverá ser encaminhada para a galeria de águas pluviais ou vala mais próxima, por meio de calhas ou condutos, a fim de evitar o alagamento das superfícies vizinhas ao local de trabalho.

A CONTRATADA tem por obrigação prever e evitar irregularidade das operações de esgotamento, controlando e inspecionando o equipamento continuamente. Eventuais anomalias deverão ser eliminadas imediatamente.

1.6.2 Rebaixamento de Lençol Freático

Os locais da implantação do sistema de rebaixamento do lençol freático deverão atender às indicações dos desenhos de projeto e instruções da Fiscalização.

Todas as escavações deverão ser mantidas secas através de sistema adequado de rebaixamento de lençol freático.

No caso de aplicação de rebaixamento de lençol freático por sistema de ponteiros a vácuo, a escavação abaixo do nível original do lençol só poderá ser executada após a comprovação do perfeito funcionamento e rendimento do sistema através de indicadores de nível.

Se o nível estático d'água situar-se a uma cota superior em mais de 1,00 m ao fundo da escavação, será feito o rebaixamento parcial do nível d'água até cerca de 1,00 m acima do fundo da escavação, mantendo-o seco com o auxílio também do bombeamento direto.

Nos casos em que a escavação for executada em solos arenosos ou siltosos, onde tais solos constituam a cota de fundo, somente será permitido o uso de rebaixamento do nível d'água através de ponteiros ou poços filtrantes, com eventual uso de vácuo.

A adoção do sistema de rebaixamento do lençol freático, com instalação montada dentro da escavação, somente será permitida se este não interferir nos trabalhos de execução das obras, nem prejudicar os serviços de reaterro. Este sistema de rebaixamento deve ser executado de maneira a poder funcionar com total eficiência até a execução das obras de reaterro acima da cota prevista.

As instalações de bombeamento para o rebaixamento do lençol, uma vez instaladas, funcionarão sem interrupção (24 horas por dia) até o término do serviço. Não será permitida a interrupção do funcionamento dos sistemas sob alegação de nenhum motivo, nem nos períodos noturnos ou de feriados, mesmo que nos respectivos intervalos de tempo nenhum outro serviço seja executado na obra.

Nos locais onde a obra estiver sendo mantida seca através do bombeamento ou rebaixamento do lençol freático, as operações de bombeamento cessarão gradativamente, de maneira que o nível piezométrico seja sempre mantido, pelo menos, meio metro abaixo da cota superior atingida pelo aterro.

Para evitar o deslocamento dos tubos pela subpressão das águas subterrâneas, as instalações de rebaixamento do nível destas somente poderão ser desligadas após o completo aterro das valas.

A instalação da rede elétrica alimentadora, pontos de força, consumo de energia ou combustível e a manutenção, operação e guarda dos equipamentos serão de responsabilidade da Contratada.

1.6.3 Meia Cana de Concreto

As meias cana de concreto pré-moldadas, destinadas a captar águas pluviais, serão executadas obedecendo às especificações correspondentes da ABNT.

As escavações deverão ser executadas de acordo com o alinhamento e as cotas constantes do projeto. O aterro, para atingir a cota de assentamento, deverá ser devidamente compactado em camadas de, no máximo, 20 cm. As dimensões das canaletas, seção e declividade, bem como sua localização, serão

indicadas em projeto ou conforme orientação da fiscalização.

As peças pré-moldadas poderão ser do tipo macho e fêmea ou ponta e bolsa, rejuntadas com argamassa de cimento e areia traço 1:4, tomando-se o cuidado com o alinhamento, a declividade e com eliminar ressaltos nas juntas, que poderão se tornar pontos de acúmulo de material, prejudiciais ao escoamento das águas.

1.7 OBRAS DE CONTENÇÃO

Entende-se por obras de contenção todas as estruturas que, implantadas em um talude oferecem resistência a sua movimentação e/ou ruptura.

As obras de contenção serão executadas, sempre que previstas no projeto ou a critério da FISCALIZAÇÃO, através do tipo mais adequado às necessidades locais de cada obra.

1.7.1 Proteção com Pedra de Mão sem Manta

Consiste em pedras arrumadas manualmente, sendo que sua resistência resulta unicamente do imbricamento dessas pedras.

As pedras deverão possuir dimensões da ordem de 15 cm ou mais. Seus vazios poderão ser preenchidos com pedras menores, porém de forma a não serem arrastadas pela corrente de água. A finalidade principal é a contenção de taludes de pequena altura (até 1,50 m) proteção de margens e leitos de rios e taludes sujeitos a fortes erosões.

Eventualmente pode ser combinado com manta não-tecido de poliéster ou tela de arame.

1.7.2 Proteção com Pedra de Mão com Manta

No caso de presença permanente ou não de água, deve-se colocar na superfície, com as pedras de mão, manta não-tecido de poliéster, impedindo assim a passagem dos finos através das pedras, mantendo-se as observações do item anterior.

1.8 GABIÕES

1.8.1 Objetivo

Esta especificação abrange os gabiões confeccionados com redes metálicas com dupla torção e malha de forma hexagonal, produzidas com fio de aço trefilado a frio, recozido e zincado e, eventualmente, plastificado, usados em obras geotécnicas e hidráulicas.

1.8.2 Normas Complementares

As seguintes normas complementam estas especificações:

- a) NBR-8964 Arame de aço baixo teor de carbono zincado para gabiões;
- b) NBR-7143 Plásticos - moldagem pôr compressão de corpos-de-prova de materiais termoplásticos - Procedimento;
- c) NBR-7452 Plásticos - atmosfera padrão para condicionamento e ensaio;
- d) NBR-7456 Material plástico - determinação da dureza Shore por meio de um durômetro - Método de ensaio;

- e) MB 1160 Determinação da massa específica de plásticos com o uso de picnômetro -Método de ensaio;
- f) MB 1163 Determinação de propriedades mecânicas das matérias plásticas - Método de ensaio;
- g) ASTM D 1203 Loss of plasticizer from plastics (activated carbon methods), test for;
- h) ASTM D 2287 Nonrigid vinyl chloride polymer and copolymer molding and extrusion compounds, specification for;

1.8.3 Definição

Para efeito desta norma são adotadas as definições a seguir apresentadas.

1.8.3.1 Rede

Rede obtida pôr entrelaçamento dos fios à dupla torção, formando-se malha hexagonal e definida pela dimensão da malha e o diâmetro do fio galvanizado, mesmo no caso do fio revestido com PVC.

1.8.3.2 Gabião

É o elemento flexível, manufaturado com a rede definida em 3:1, que após montagem constitui cestos de forma prismática.

Existem três tipos básicos:

- a) Caixa
- b) Colchão ou manta
- c) Saco

1.8.3.2.1 Caixa

É a peça na forma de paralelepípedo constituída por pedaços de redes que formam: a base, as paredes verticais no sentido do comprimento e a tampa; eventualmente a tampa pode ser fornecida em separado.

As paredes verticais nas extremidades do comprimento da peça (testeiros) devem ser presas à tela de base, por processo mecânico de torção ou através de fio em espiral contínua, de forma a garantir a perfeita união e articulação entre as telas.

Normalmente a caixa é dividida em celas ao longo do comprimento pôr diafragmas colocados a cada metro e presos à peça principal através de fio em espiral contínua.

1.8.3.2.2 Colchão ou manta

É a peça de formato paralelepípedo de pequena altura constituída pôr pedaços de redes formando a base, as paredes verticais no sentido do comprimento e as extremidades.

O colchão é dividido em celas ao longo do comprimento pôr diagramas colocados a cada metro e presos à peça de base através de fio em espiral.

A tampa de tela é fornecida separadamente.

1.8.3.2.3 Saco

O saco é constituído de um único pano de forma retangular que, quando da montagem, é enrolado de modo a unir os lados maiores do retângulo, vindo este a assumir forma cilíndrica. Nas bordas livres das extremidades é passado alternadamente pelas malhas um fio de diâmetro maior que aquele usado na malha da tela, objetivando reforçar as extremidades e possibilitar, ao puxar-se os mesmos, que as extremidades sejam lançadas e a peça formada.

1.8.4 Condições Gerais

1.8.4.1 Forma de efetuar a encomenda

Dos pedidos devem constar:

- Tipo;
- Dimensões dos gabiões;
- Dimensão da malha;
- Diâmetro do fio da malha;
- Presença ou não de diafragma, no caso da caixa;
- Revestimento, ou não, do fio com PVC.

1.8.4.2 Embalagem

Os gabiões são normalmente fornecidos em fardos, pesando no máximo 1.000 Kg convenientemente amarrados de modo a assegurar seu manuseio e transporte normais.

1.8.4.3 Identificação

Cada fardo deve ser adequadamente identificado.

1.8.4.4 Envelhecimento

Envelhecimento a 105°C por 240 horas, em estufa ventilada, de acordo com ASTM D 2287-78 e ASTM D 1203-67 (74). As variações máximas permitidas são as citadas na Tabela 3.

1.8.4.5 Espessura média de revestimento de PVC

A espessura média é obtida através da realização de 10 medidas de diâmetro sobre cada amostra com 10 cm de comprimento tendo 5 cm revestidos com PVC e os 5 cm restantes desencapados. Cinco medições são do diâmetro do fio galvanizado e 5 são do diâmetro do fio revestido. Com a média aritmética das medidas obtêm-se a espessura média dada pela expressão:

$$\text{em} = \frac{\Phi_E - \Phi_I}{2} > 0,40 \text{ mm}$$

onde:

- em = espessura média do revestimento
- ϕE = diâmetro do fio revestido
- ϕl = diâmetro do fio galvanizado

As características dos arames deverão ser obtidas antes da plastificação.

1.8.5 Condições Específicas

1.8.5.1 Dimensões e tolerâncias

1.8.5.1.1 Da malha da rede

A dimensão "D" da malha, relacionada na Tabela 1, se refere à distância entre duas torções paralelas da mesma malha e medida do interior de uma torção ao exterior da outra.

Tal medida é determinada calculando-se à média das medições "D", retirada sobre dez malhas consecutivas e dispostas transversalmente na textura da rede.

1.8.5.1.1.1 Do fio da malha

O diâmetro do fio que compõe a malha está relacionado na tabela 1.

1.8.5.1.1.2 Do fio da borda

Os gabiões devem apresentar fio longitudinal da borda de diâmetro maior que o fio da malha, situado ao longo das bordas livres, no caso dos gabiões tipo caixa, colchão ou manta e as bordas laterais no caso dos gabiões tipo saco.

O diâmetro deste fio está relacionado na Tabela 1.

1.8.5.1.1.3 Do fio espiral

O fio espiral que prende os diafragmas e eventualmente os testeiros à base das caixas e colchões tem diâmetro como relacionado na Tabela 1.

1.8.5.1.1.4 Do fio de amarração e atirantamento

O fio de amarração e o atirantamento dos gabiões têm o diâmetro como relacionado na tabela 1.

1.8.5.1.1.5 Do gabião

As dimensões padrões dos gabiões estão indicadas na tabela 2.

Outras dimensões poderão ser fornecidas dependendo de acordo prévio entre o fabricante e o consumidor.

As tolerâncias nas dimensões são as abaixo relacionadas:

- a) Caixa - Admite-se uma tolerância no comprimento e na largura de \pm uma malha (D) no comprimento, largura e altura.

- b) Colchão ou Manta - Admite-se uma tolerância no comprimento e na largura de \pm uma malha (D) e na altura de \pm 2,5 cm.
- c) Saco - Admite-se uma tolerância de \pm uma malha (D), tanto no comprimento da peça aberta, que deve ser 30 cm maior que o comprimento nominal (tabela 2), como no desenvolvimento lateral da peça que corresponde à largura do pano de tela.

1.8.5.2 Revestimento protetor de PVC (policloreto de vinila)

O revestimento protetor de PVC, quando solicitado, deve ser executado em todos os fios.

O revestimento em PVC deve ser de cor cinza com espessura não inferior a 0,40 mm, e deve ter as seguintes características iniciais:

- Peso específico: entre 1,30 e 1,35 kg/dm³, de acordo com a ASMT D 792-66 (79);
- Dureza: entre 50 e 60 shore D, de acordo com a ASTM D 2240-75 (ISO 868-1978) e NBR 7456;
- Perda por volatilidade; a 105°C por 24 horas não maior de 2% e a 105°C por 240 horas não maior de 6%, de acordo com a ASTM D 1203-67 (74) (ISO 176-1976) e a ASTM D 2287-78;
- Carga de ruptura: maior que 210 kg/cm² de acordo com a ASTM D 412-75;
- Alongamento: maior que 200% e menor que 280%, de acordo com a ASTM D 412/75;
- Módulo de elasticidade aos 100% do alongamento: maior que 190 kg/cm², de acordo com a ASTM D 412-75;
- Abrasão: perda de peso menor que 190 mg, de acordo com a ASTM D 1242-56 (75);
- Temperatura de fragilidade: Cold Bend Temperature menor que -30°C, de acordo com a BSS 2782-104A (1970) e Cold Flex Temperature menor que +15°C, de acordo com a BSS 2782-104B (1976);
- Corrosão: a máxima penetração da corrosão na alma do arame, partindo pela extremidade de um corte nítido, deverá ser menor de 25 mm quando a amostra for imersa por 2.000 horas em uma solução com 50% de HCl (Ácido Clorídrico 12Be).

A amostra de PVC deverá ser submetida aos seguintes ensaios de envelhecimento acelerado:

- Salt Spray Test: 1.500 horas em névoa salina, de acordo com a ASTM B 117-73 (79);
- Accelerated Aging Test: 2.000 horas de envelhecimento acelerado com exposição aos raios ultravioleta, de acordo com a ASTM D 1499-54 (77) e ASTM G 23-69
- (75) apparatus type E;
- Exposure at High Temperature: 240 horas a 105°C, de acordo com a ASTM D 1203- 67 (74), (ISO 176-1976) e ASTM D 2287-78;

Depois de executar os ensaios de envelhecimento acelerado acima, a amostra deverá apresentar as seguintes características:

- Aparência: não mostrar rachaduras, descascamentos e bolhas de ar, também não apresentar notáveis variações de cor;
- Dureza: variações não superiores a 109 do valor inicial;

- Carga de ruptura: variações não superiores a 25% do valor inicial;
- Alongamento: variações não superiores a 25% do valor inicial;
- Módulo de elasticidade: variações não superiores a 25% do valor inicial;
- Abrasão: variações não superiores a 10% do valor inicial;
- Temperatura de fragilidade: Cold Bend Temperature não superior a -20°C e Cold Flex Temperature não superior a +18°C.

1.8.6 Inspeção

1.8.6.1 Condições de inspeção

A inspeção deve abranger os seguintes itens:

- Inspeção visual do lote, no que se refere ao aspecto da rede dos gabiões, visando verificar defeitos grosseiros;
- Medição da malha;
- Medição do diâmetro dos fios da malha e da borda;
- Medição das dimensões das peças.

1.8.6.2 Amostragem

Uma peça a cada lote de 10 fardos ou fração será retirado como amostra pelo consumidor no local da obra.

As malhas escolhidas para medição devem estar afastadas das bordas de uma distância mínima de três vezes D.

1.8.7 Aceitação e Rejeição

O material será considerado aceito quando atender aos requisitos desta especificação.

Quando a amostra não satisfizer um requisito, retiram-se outras três amostras do mesmo lote e efetua-se nova inspeção do requisito não atendido; se houver atendimento em duas das três amostras, o lote poderá ser aceito, a critério da FISCALIZAÇÃO.

Tabela 1

Malha		Fios					
Dimensão D mm	Afastamento %	Diâmetros			Afastamentos		
		Da malha mm	Da borda mm	Da espiral e Amarração (mm)	Da malha mm	Da borda mm	Da espiral e Amarração (mm)
50	16 -4	2,00	2,40	2,00	(+/-0,05)	(+/-0,06)	(+/-0,05)
		2,20	2,70				
		2,00	2,40	2,00			

60	16	2,20	2,70	2,20	(+/-0,06)	(+/-0,06)	
		2,40	3,00	2,20			
		2,70	3,40	2,20			
80	16	2,40	3,00	2,00	(+/-0,07)	(+/-0,08)	(+/-0,06)
		2,70	3,40	2,20			
		3,00	3,90	2,40			
100	16	2,70	3,40	2,40	(+/-0,07)	(+/-0,08)	(+/-0,06)
		3,00	3,90				
		3,40	4,40				

Tabela 2

Caixa			Colchão ou manta			Saco		
Comprimento	largura	Altura	Comprimento	largura	Altura	Comprimento	Diâmetro	
(m)	(m)	(m)	(m)	(m)	(m)	(m)	(mm)	
1,50	1,00	0,50	4,00	2,00	0,17	2,00	0,65	
2,00			5,00			3,00		
3,00			6,00			4,00		
4,00			4,00			4,00		
1,50	1,00	1,00	5,00	2,00	0,23	2,00	0,65	
2,00			4,00					3,00
3,00			5,00					4,00

Tabela 3

Características	Método de Ensaio	Valores iniciais	Máximas variações
1- Peso Específico	MB 1160	1,3 a 1,35 Kg/dm ³	6%
2- Dureza Shore D	MBR 7456	50 a 60 Shore D	10%
3- Tensão de Ruptura	MB 1163	> 210 Kg/cm ³	25%
4 Alongamento Ruptura	MB1163	>250 %	40%

1.8.8 Método Executivo

1.8.8.1 Material para enchimento

Deverá ser utilizado para enchimento dos gabiões material proveniente de rochas selecionadas com índice de desgaste à abrasão, segundo ensaio "Los Angeles", menor ou igual a 40%.

As dimensões de material de enchimento deverão atender as preconizadas no projeto em função da abertura das malhas dos gabiões não poderá ser utilizado em hipótese nenhuma, material de granulometria não inferior à abertura das malhas, sendo necessário o emprego de pedra britada com maiores dimensões e não ocorrer fuga de material de dentro do gabião.

As pedras devem ser maciças, não friáveis, excluindo-se moledo, capa de pedreiras, arenitos, etc., podendo-se usar granitos, basaltos, diabásicos, blocos de concreto, etc.

Exclui-se terminantemente o enchimento dos gabiões com areia ou terra, mesmo no "miolo" deles.

Uma vez que as pedras são arrumadas no interior dos gabiões, o índice de vazios no gabião é menor que no monte de pedras, assim sendo é requerido um volume de pedras cerca de 30% maior que o volume geométrico do gabião. E, caso ocorra movimentação mecânica da pedra depositada ao lado da obra, este percentual deverá ser acrescido.

As pedras, preferencialmente, deverão ter formato laminar e arrumadas conforme a colocação de tijolos, de maneira que as pedras de maiores dimensão fiquem na superfície em contato com o escoamento.

1.8.8.2 Ferramentas

Para enchimento, amarração e fechamento dos gabiões, será necessária a utilização de luvas, alicates, pequena alavanca e marreta de 1,0 Kg.

A quantidade destas ferramentas individuais é função do número de operários.

1.8.8.3 Execução

Após a locação da obra, procede-se aos serviços preliminares de implantação da estrutura. Estes serviços são basicamente escavação / aterro, limpeza e regularização da base da mesma.

Deve-se regularizar a base e/ou taludes, onde serão implantados os gabiões, de maneira tal que se tenha uma superfície suficientemente plana para a implantação dos gabiões.

As escavações deverão obedecer às especificações de projeto. Nos locais onde exista enrocamento e/ou restos de estruturas de antigos muros, estes materiais deverão ser arrumados de forma tal que se tenha a superfície acima descrita (os vazios do enrocamento deverão ser preenchidos com pedras de dimensões menores).

Os aterros ou reaterros deverão ser executados obedecendo às normas de projeto.

Os gabiões deverão ser montados, costurados, enchidos e fechados conforme está descrito abaixo.

- **Gabiões tipo saco**

Estes são cheios ao lado da obra, sendo o enchimento feito com pedra a granel na granulometria descrita anteriormente. Não há necessidade de se arrumar cuidadosamente as pedras dos gabiões saco. Deve-se somente colocar as pedras de forma a evitar o mínimo de vazios possível. Conforme se enchem os sacos de uma extremidade para a outra, colocam-se "tirantes internos". Os tirantes permitem que o saco mantenha um certo paralelismo no seu corte longitudinal.

O rendimento da mão-de-obra para encher este saco é de aproximadamente 5 m³ por homem/8h, compreendendo-se os trabalhos de atiramento e costura dos sacos cheios.

O gabião saco poderá ser lançado no seu lugar definitivo através de equipamento que poderá ser "drag-line" ou pá-carregadeira sobre esteira.

Caso se utilize pá-carregadeira ou qualquer equipamento com esteiras, deverão ser tomados cuidados para evitar que as esteiras estraguem a malha dos gabiões. Com o intuito de evitar este fato pode-se jogar pedrisco e/ou pó de pedra na faixa de trânsito de máquina.

O rendimento da colocação dos sacos é função do tipo de equipamento.

Um guincho, com o auxílio de três/quatro homens para engatar e desengatar os sacos, coloca aproximadamente 50 m³ de sacos por 8 horas.

Uma pá-carregadeira coloca 30 a 40 m³, dependendo da distância que a mesma terá de percorrer.

Após colocação dos sacos com guincho, é aconselhável que se compacte os sacos com o auxílio de um peso, visando regularizar e conformar a estiva formada.

- **Gabiões caixa**

Os gabiões caixa permitem o levantamento de estrutura geométrica, em acordo com o projeto e com

bom grau de acabamento e perfeição.

Na face do paramento externo da estrutura em gabiões caixa são colocados gabaritos de sarrafos.

Deve-se obedecer às medidas indicadas no projeto, pois, a posição dos sarrafos, indica também posição da colocação dos tirantes.

O comprimento dos gabaritos será determinado em função do cronograma de execução da obra. Os gabaritos são imóveis e são removidos para frente, na mesma camada ou para cima, para execução da camada superior, somente depois de fechadas as caixas.

Paralelamente à operação da colocação e alinhamento dos gabaritos, procede-se na amarração entre si (usualmente 4 peças) dos gabiões caixas, vazios, ao lado da obra.

Gabaritos mal escorados, mal alinhados, mal aprumados, ou gabiões não cuidadosamente encostados aos gabaritos e mal cheios, favorecem a deformação da obra já durante a execução e deverão ser refeitos.

Com mão-de-obra pouco experimentada na execução de obras com gabiões recomenda-se colocar os gabaritos também ao longo do paramento interno da obra.

Assentar os gabiões vazios contra os gabaritos, sempre os amarrando entre si pelas quinas, mantendo-se as tampas abertas e inicia-se a colocação das pedras.

Da mesma forma pode-se iniciar a obra pôr diferentes frentes.

A amarração dos gabiões entre si dá-se pelas esquinas do paralelepípedo, costurando-se com um só arame que, seguindo a ordem das malhas, dá-se uma alçada simples e uma dupla, alternativamente.

Diafragmas - em certos casos, os projetos especificam gabiões com diafragmas internos. Neste caso, ao lado das medidas dos gabiões escreve-se a sigla D. Os diafragmas dividem os gabiões em compartimentos internos iguais.

Os diafragmas que já presos ao fundo do galpão pelo fabricante, ao armá-los, são amarrados aos lados dos galpões caixa, da forma já descrita e, após o enchimento, à tampa dos gabiões.

Usualmente estes gabiões são colocados no sentido longitudinal da obra.

- **Gabiões-manta ou colchões**

São cheios de maneira análoga à dos gabiões caixa e, eventualmente dispensando a utilização dos gabaritos face a pequena espessura dos gabiões. No caso de canalizações, quando as mantas estarão revestindo os taludes e o fundo de canais, aconselha-se utilizar pedras lamelares na face externa dos gabiões dispostas de maneira tal que o plano que contém a lamela seja paralelo à superfície dos taludes e/ou fundo do canal. Tal recomendação justifica-se quando se pretende melhorar a eficiência hidráulica dos canais reduzindo os coeficientes de rugosidade do canal.

Já nas obras de proteção de costas, defesas marítimas e nas bordas de grandes reservatórios, onde a solicitação do impacto das ondas sobre as pedras pode ser considerada, é recomendável que se utilize gabiões-manta com diafragmas espaçados de 0,50 m e que as pedras também sejam lamelas só que colocadas de forma tal que o plano que contém a lamela esteja perpendicular ao sentido da arrebentação das ondas (colocação de cutelo).

Cuidados especiais deverão ser tomados no sentido de não se deixar pedras soltas dentro dos gabiões, para que esta, com os constantes movimentos de marés e ondas, provocando sub-pressões, poderão mover-se pôr atrito com a rede de arame dos gabiões atacar a proteção dos arames e até estourar a rede dos gabiões.

Os gabiões-manta ou colchões tem a finalidade de proteger e revestir taludes, não tendo, portanto, a finalidade de estabilizar taludes/encostas.

Estas deverão estar com uma inclinação compatível com o ângulo de atrito interno do talude da implantação dos gabiões-manta.

As mantas poderão ser cheias já no seu lugar definitivo ou adjacente à obra e posicionados com equipamento adequado, conforme foi descrito na execução dos gabiões tipo saco.

1.8.8.4 Considerações gerais

É aconselhável que se estude a necessidade ou não de se utilizar uma transição (granulométrica) entre o solo e os gabiões. Esta transição poderá ser feita com materiais de diversas granulometrias ou com filtro geotêxtil.

Cuidados especiais deverão ser tomados com relação ao meio ambiente ao qual ficará exposta a malha dos gabiões. Caso sejam observadas condições agressivas ao zinco, deve-se proteger os arames, conforme já foi descrito com revestimento de PVC dos arames.

1.9 ESTRUTURAS E FUNDAÇÕES

1.9.1 Fundações e Sondagens Fundações

Fundações

As fundações deverão ser executadas conforme indicações da FISCALIZAÇÃO, respeitando o estabelecido pela norma ABNT-PNB-51. A FISCALIZAÇÃO procederá ao exame das condições de suporte do terreno, na cota prevista pelo Projeto, e cuidará da obtenção das condições de infra-estrutura necessárias para o apoio das tubulações e das estruturas.

Normalmente, são previstas fundações diretas para as estruturas e tubulações. As superfícies do terreno de apoio devem estar adequadamente regularizadas e apiloadas, sem quaisquer materiais soltos.

O assentamento da tubulação deverá ser feito sempre sobre uma camada de 10 cm de lastro de brita.

Quando o solo natural, após escavação, não apresentar condições adequadas de suporte, nas cotas previstas no Projeto, a FISCALIZAÇÃO poderá autorizar uma superescavação, além da cota prevista, devendo o material ser totalmente removido e substituído por outro que preencha as condições de resistência necessárias.

A profundidade desta superescavação será estabelecida em Projeto específico, ou determinada pela FISCALIZAÇÃO.

Sondagens Suplementares

Na eventualidade de ser encontrado aterro de fundação impróprio e que, a juízo da FISCALIZAÇÃO, possa dar lugar a futuras lesões, serão executadas, pela CONTRATANTE, sondagens suplementares e ensaios que permitam estudar e projetar a solução tecnicamente mais conveniente para a construção da obra do trecho em questão.

Neste caso, para que o prazo contratual seja respeitado, poderá a FISCALIZAÇÃO, mantendo em suspenso os trabalhos no trecho em análise, determinar o imediato prosseguimento da obra em outro trecho.

Este recurso poderá ainda ser adotado pela FISCALIZAÇÃO, na hipótese de ocorrer cruzamentos da vala escavada com dutos ou obstáculos, cuja remoção se revele ou venha a se revelar de solução ou execução prolongada.

1.9.2 Lastro de Concreto Magro

A CONTRATADA executará lastro de concreto magro nos locais indicados no projeto, obedecendo rigorosamente estas Especificações e as orientações da FISCALIZAÇÃO.

O cimento "Portland" a empregar deverá atender a EB-1 da ABNT, sendo fornecido em embalagem original do fabricante e ficando armazenado em ambientes fechados ao abrigo das intempéries.

Os agregados para concreto deverão atender a EB-4 da ABNT, ficando depositados em locais separados e de modo a facilitar suas identificações quando das verificações de umidades destinadas ao controle do fator água-cimento da mistura.

Não será permitido o emprego de agregado miúdo sem prévio peneiramento que elimine todo o material sólido danoso ao concreto.

O agregado graúdo deverá ser lançado caso esteja misturado com materiais estranhos ou quando houver pó de pedra aderente.

O cimento será medido em peso, diretamente de sua embalagem, e os agregados em volume, por meio de padiolas, controlando-se frequentemente a umidade.

O preparo do concreto deverá ser feito mecanicamente, observando-se o tempo mínimo para mistura de 1 minuto, contado após o lançamento de todos os componentes na caçamba.

Somente será permitido o uso de aditivos quando especificado em projeto ou com autorização da FISCALIZAÇÃO.

A descarga da betoneira deverá se dar diretamente sobre o meio de transporte, sendo este cuidadosamente estudado para evitar a segregação ou perda do material. Não será permitida a utilização de esteira rolante ou de outros equipamentos que introduzam ar na massa de concreto.

O lançamento deverá ser efetuado dentro dos 30 minutos que se seguirem à confecção da mistura, com altura máxima de 2,00 m, não se admitindo o uso de concreto remisturado.

Serão empregados vibradores de superfície, ou como determinado pela FISCALIZAÇÃO.

A resistência do concreto utilizado para lastros não poderá ser inferior a 90 kgf/cm².

Deverão ser obedecidas as Especificações referentes à execução de estruturas de concreto, constantes deste trabalho, nos itens que a FISCALIZAÇÃO julgar pertinentes, bem como todas as orientações desta.

1.9.3 Enchimento de Concreto Simples

A CONTRATADA deverá efetuar enchimento de concreto simples nos locais indicados em projeto e onde indicado pela FISCALIZAÇÃO.

O concreto de enchimento deverá obedecer aos mesmos preceitos estabelecidos no Item 1.9.6 - Execução de Estruturas de Concreto - destas Especificações.

1.9.4 Aço Estrutural

CA - 50/60 - Fornecimento e Colocação

A execução das armaduras de aço deverá obedecer rigorosamente ao projeto no que se refere à bitola, posicionamento, tensão de escoamento, dobramento, recobrimento, etc.

Deverão ser obedecidas a EB-3 e a NB-1 da ABNT, na sua forma mais recente.

As partidas serão recebidas na presença da FISCALIZAÇÃO que aprovará o local de descarga e providenciara a separação por lote.

Em uma inspeção preliminar, deverá ser verificado se a partida está de acordo com o pedido e se apresenta homogeneidade geométrica, assim como isenção de defeitos prejudiciais, tais como: bolhas, fissuras, espoliações, corrosão, graxa e lama aderentes.

O aço será depositado sobre travessas de madeira, de modo a evitar o contato com o solo, que deverá ser firme, com leve declividade e será recoberto com camada de brita.

Durante a obra deverão ser obtidos certificados por laboratórios idôneos, de testes que mostrem que o aço obedece às especificações recomendadas, para aprovação da FISCALIZAÇÃO.

Qualquer mudança de tipo ou bitola nas barras de aço será concedida após a aprovação da FISCALIZAÇÃO.

Não serão permitidas emendas de barras não previstas no projeto.

Antes de serem introduzidas nas formas, as barras de aço deverão apresentar perfeitas condições de limpeza.

A armadura deverá ser montada e mantida dentro das formas, conforme os detalhes do cálculo estrutural, com respeito às distâncias entre as barras e entre estas e as formas, utilizando-se tarugos de aço ou, preferencialmente tacos de concreto.

Para amarração das barras de aço, será empregado arame recozido nº 18. Nas lajes deve ser feita amarração das barras, de modo que em cada uma delas o afastamento entre duas amarrações não exceda de 35 cm.

1.9.5 Formas de Compensado Plastificado

As formas deverão ter as amarrações e os escoramentos necessários para não sofrerem deslocamentos ou deformações quando do lançamento do concreto, fazendo com que, por ocasião da desforma, a estrutura reproduza o determinado em projeto.

As formas deverão ser estanques, lisas, solidamente estruturadas e apoiadas, devendo sua liberação para concretagem ser precedida de aprovação da FISCALIZAÇÃO.

Na execução de paredes de concreto armado, a ligação entre as formas externas e internas será efetuada por meio de elementos rígidos.

As formas serão executadas em compensado plastificado de 12 mm de espessura, obedecendo à divisão das placas dos desenhos de execução ou das indicações da FISCALIZAÇÃO, fazendo coincidir as juntas, perfeitamente em nível ou alinhadas.

O compensado deve ser reforçado em 2/3 de sua superfície com tábuas de pinho de 2,5 cm desdobradas em larguras menores (2,5 x 10 ou 2,5 x 15 cm) para melhor aproveitamento.

As escoras ou pontaletes terão seção em que se possa inscrever uma circunferência de diâmetro igual a 3", no mínimo, e só poderão ter uma emenda, não situada no terço médio. A emenda será de topo, com cobre-juntas de madeira ajustando o eixo do pontalete ou escora.

Os escoramentos com mais de 3,00 m de altura serão contraventados.

Em juntas maiores ou peças de cantos complexos poderá ser melhorada a vedação com massa para vedação de juntas plásticas.

As amarrações que ultrapassam as formas devem ser feitas com espaçamento regular, niveladas e apuradas. Deverá ser usada ferro comum de 1/4", através de tubo plástico de 5/8".

Para paredes maiores deve-se dar preferência a substituição dessas amarrações por parafusos ultrapassantes. Além dos parafusos, recomenda-se o uso de afastadores de plástico.

As gravatas de colunas para evitar furos de amarração, podem ser executadas em vigas de peroba

parafusadas nos cantos, formando painéis reaproveitáveis.

No caso de concreto aparente, antes da colocação da ferragem, o compensado deve ser devidamente pintado com "Desmol", "Formacom" ou "Concreto Permoil", misturado com água na proporção indicada. Após a aplicação, passar uma estopa para evitar a formação de gotas (manchas).

Antes do lançamento do concreto, as formas devem ser limpas e molhadas, usando água com um pouco de cimento para retirar a eventual ferrugem que se formou e para ajudar a vedação das juntas.

A retirada das formas será efetuada de modo a não danificar as superfícies de concreto, sendo seu prazo mínimo:

- faces laterais: 3 dias (pilares e vigas)
- faces inferiores, deixando-se pontaletes bem cunhados e convenientemente espaçados: 14 dias.
- faces inferiores sem pontaletes: 21 dias.

A redução destes prazos somente poderá ser efetuada quando do emprego de aditivos que acelerem o endurecimento ou quando da utilização de processos especiais de cura.

As eventuais falhas na superfície do concreto serão reparadas com argamassa de cimento e areia, procurando-se manter a mesma coloração e textura; será permitida, para isso, a adição de cimento branco a argamassa.

O desmoldamento será efetuado sem choque, e de acordo com o programa elaborado para a execução da estrutura.

E permitido o reaproveitamento do material das formas, desde que seja cuidadosamente limpo e não apresente saliências ou deformação. A FISCALIZAÇÃO poderá a qualquer tempo rejeitar o material que não esteja em estado satisfatório.

O projeto das formas será responsabilidade da CONTRATADA, devendo ser obedecidas todas as prescrições da NB-1/78.

1.9.6 Execução de Estruturas de Concreto

1.9.6.1 Introdução

Este capítulo refere-se à execução das estruturas de concreto, bem como fornecimento dos materiais necessários, de acordo com os desenhos do projeto executivo, com estas especificações e com as normas da ABNT.

A escolha das características do concreto propriamente dito, no que concerne a tipos de composição, preparação, lançamento e acabamento, fazem parte da empreitada, submetidas à orientação da FISCALIZAÇÃO.

O empreiteiro poderá propor as modificações que julgar úteis as disposições que serão previstas pelo contratante, a fim de obter um concreto cujas resistências mecânicas correspondam às previstas no cálculo das obras. Estas modificações ficarão sempre sujeitas à aprovação da FISCALIZAÇÃO.

1.9.6.2 Composição e Características do Concreto

O concreto será composto de cimento Portland, água, agregados inertes e os aditivos que se fizerem eventualmente necessários, sendo que só serão feitas inclusões de aditivos com autorização da FISCALIZAÇÃO. A composição da mistura será determinada por qualquer método de dosagem racional, estando a cargo da CONTRATADA, com a aprovação da FISCALIZAÇÃO, uma pesquisa de agregados,

granulometria e fator água-cimento, no sentido de se conseguir:

Uma mistura plástica e trabalhável, segundo as necessidades de utilização;

Um concreto que, após uma cura adequada e um apropriado período de endurecimento, apresente durabilidade, impermeabilidade e resistência compatíveis com os valores fixados pelo projeto e com as recomendações destas especificações.

O concreto deverá garantir a estanqueidade e a impermeabilidade das estruturas sem a necessidade de emprego de impermeabilizações complementares (cimento cristalizante, mantas, películas asfálticas entre outras). As juntas deverão também ser estanques sem a necessidade dessas impermeabilizações complementares.

1.9.6.3 Controle

A) Generalidades

Os ensaios de controle do concreto e seus componentes serão feitos de acordo com as normas brasileiras, tendo-se em vista o que se segue:

- Determinação das propriedades do material inerte, objetivando viabilidade do seu emprego na confecção do concreto;
- Controle da qualidade e das proporções dos materiais componentes, durante o curso das obras;
- Determinação das proporções corretas e econômicas dos materiais constituintes, a fim de assegurar a resistência, trabalhabilidade e outras propriedades exigidas pelas presentes especificações;
- Controle da qualidade da mistura, através da confecção de corpos de prova;
- Determinação das variações das proporções dos componentes que eventualmente se tornem necessárias ou aconselháveis no decorrer dos trabalhos.

B) Ensaios no Concreto Fresco

A CONTRATADA confeccionará uma série de corpos de prova de acordo com a NB-1, devendo realizar controle sistemático para concreto armado, respeitando as condições do item 15.1.1 da NB-1/78.

Tais corpos de prova serão confeccionados de acordo com o MB-2 da ABNT, adotando-se ainda, o que a seguir se especifica:

- Os corpos de prova serão rompidos após 28 dias, podendo-se adotar provas a 3 e 7 dias, por designação da FISCALIZAÇÃO, sendo que para tal fim serão moldadas mais duas séries de cilindros.
- Se o valor estimado da resistência à compressão segundo o item 15.1.1.3 da NB-1/78 for inferior ao menor valor admissível para a resistência aos 28 dias estabelecida, a FISCALIZAÇÃO deverá exigir uma variação nas proporções dos componentes, objetivando alcançar a resistência mínima estabelecida ou, se necessário for, o emprego de aditivos. Cabe ainda a FISCALIZAÇÃO ordenar a demolição do trecho da estrutura onde se constatar tal fato.
- A trabalhabilidade do concreto será verificada através de ensaios de consistência, segundo o item 8.4.2 NB-1/78.

C) Argamassa de Cimento

Sempre que houver dúvida sobre a qualidade do cimento, seja por efeito de longo e inadequado armazenamento, seja por deficiência qualitativa do material, a FISCALIZAÇÃO poderá exigir a realização de ensaios de compressão monoaxial de modo a verificar se as tensões de ruptura estão de acordo com os valores admissíveis.

A determinação da resistência à tração simples poderá ser realizada no próprio canteiro, sendo utilizado aparelho tipo Michaelis que rompa os corpos de prova por tração na flexão.

D) Concreto Executado

Caso haja dúvida sobre a qualidade do concreto de estrutura já pronta, poderá ser exigida pela FISCALIZAÇÃO a realização de ensaios na própria peça executada ou sobre amostras aí colhidas. Estes ensaios serão executados segundo as Normas ASTM - C-42.

1.9.6.4 Materiais

A) Cimento Portland

O cimento Portland obedecerá às características constantes na EB-1 da ABNT, e será empregado em todas as obras de concreto. Para cada uma das estruturas deverá ser utilizado um único tipo de cimento. Caso os agregados sejam quimicamente ativos, a percentagem de alcalinos no cimento não deverá ultrapassar 0,6%.

Serão executados ensaios de qualidade do cimento, de acordo com os métodos MB-1 e MB-11 da ABNT, em laboratório indicado pela FISCALIZAÇÃO.

A FISCALIZAÇÃO rejeitará as partidas de cimento, em sacos ou a granel, cujas amostras revelarem, nos ensaios, características inferiores às estabelecidas pela EB-1, sem que caiba à CONTRATADA o direito a qualquer indenização, mesmo que o lote já se encontre no canteiro da obra.

Caso seja utilizado cimento ensacado, os sacos de cimento deverão ser empregados na ordem cronológica em que forem colocados na obra. Cada lote de cimento ensacado deverá ser armazenado de modo a ser facilmente determinável sua data de chegada ao canteiro, sendo encargo da CONTRATADA todo o cuidado no sentido de protegê-lo da deterioração, devendo armazená-lo em pilhas de, no máximo 10 sacos, durante um período nunca superior a 90 dias.

Se for utilizado cimento a granel, os silos de armazenamento deverão ser esvaziados e limpos pelo contratante, quando exigido pela FISCALIZAÇÃO, todavia, o intervalo entre duas limpezas sucessivas dos silos nunca será inferior a 120 dias.

B) Água

A água destinada ao amassamento do concreto deverá ser límpida e isenta de teores prejudiciais de sais, óleos, ácidos, álcalis e substâncias orgânicas obedecendo ao item

8.1.3 da NB-1/78.

A CONTRATADA procederá a uma pesquisa sistemática de mananciais de água utilizáveis para o preparo do concreto no canteiro, de modo a estar segura de que, em qualquer tempo, eles terão características não nocivas à qualidade do concreto.

A água a ser utilizada na confecção de argamassa ou concreto deverá ser analisada mensalmente, pelo emprego de ensaios comparativos de pega a resistência à compressão de argamassa, feitos em igualdade de condições com água reconhecidamente satisfatória e com água normalmente utilizada, e

servirão de base a FISCALIZAÇÃO para aceitá-la ou recusá-la. Caso contrário, serão feitas análises químicas das águas.

C) Agregados

Os agregados deverão satisfazer as Especificações Brasileiras EB-4, sendo verificados pelos ensaios segundo os métodos MB-6, MB-7, MB-8 e MB-10, contidos na norma "Materiais para Concreto Armado - Especificações e Métodos de Ensaio" da ABNT.

A escolha dos agregados e a respectiva granulometria estão sujeitas às modificações que a FISCALIZAÇÃO achar útil, baseadas nos ensaios e nas condições locais.

Os montes e silos de agregados deverão ser previstos com um sistema de drenagem eficiente, impedindo-se a introdução de materiais estranhos e modificação da granulometria.

Os depósitos deverão ser dimensionados de tal modo que permitam o programa de concretagem estabelecido, a preparação das várias partidas que chegam e a execução das inspeções e dos ensaios necessários.

A areia a ser utilizada na confecção do concreto terá sua qualidade determinada pela norma MB-95 da ABNT.

O agregado graúdo para concreto das peças volumosas será regado repetidamente pelo menos 24 horas antes de sua utilização, de modo a manter úmidas as superfícies das pedras.

De cada lote de 50 m³ de agregado entregue no local da concretagem, será retirada uma amostra representativa, a ser enviada ao laboratório para análise. Se for constatada a inferioridade qualitativa do material, em relação às especificações estabelecidas pela FISCALIZAÇÃO, esta poderá recusar o material, mesmo que este já tenha sido entregue, correndo por conta da CONTRATADA os ônus que daí advirem.

D) Aços

As barras de aço deverão, para as suas classes e/ou categorias, atender às exigências da EB-3 da ABNT.

O aquecimento e solda de barras somente serão executados com autorização da FISCALIZAÇÃO.

As emendas de barras deverão ser locadas conforme as indicações do Projeto.

As partidas serão recebidas na presença da FISCALIZAÇÃO, que aprovará o local de descarga, e providenciará a separação por lotes, de acordo com os critérios estabelecidos nas especificações.

Os lotes serão demarcados e sinalizados.

Numa inspeção preliminar deverá ser verificado se a partida está de acordo com o pedido, e se apresenta homogeneidade, geométrica, assim como isenção de defeitos prejudiciais, tais como: bolhas, fissuras, espoliações, corrosão, graxa e lama aderentes.

Os aços serão depositados sobre travessas de madeira, de modo a evitar o contato com o solo. O solo subjacente deverá ser firme, com leve declividade e será recoberto com uma camada de brita.

Deverão ser colhidas amostras conforme o prescrito nas especificações, e submetidas aos ensaios a serem indicados pela FISCALIZAÇÃO.

As amostras ensaiadas deverão atender as respectivas especificações.

Poderão ser rejeitadas as partidas que apresentem falta de homogeneidade geométrica e defeitos prejudiciais.

E) Aditivos

Mediante aprovação prévia e por escrito da FISCALIZAÇÃO, poderão ser empregados aditivos destinados a melhorar a pega e/ou a resistência do concreto, e também outras características tais como plasticidade, homogeneidade, peso específico, impermeabilidade, resistência à compressão, etc., sempre precedidos de ensaios de dosagem.

Estes aditivos, que poderão ser líquidos ou em pó, somente serão utilizados segundo o especificado pela FISCALIZAÇÃO sendo indicada a qualidade e o tipo a ser utilizado. O fornecimento, a conservação e o armazenamento em local adequado dos aditivos ficarão a cargo da CONTRATADA.

1.9.6.5 Traços de Concreto

O teor de cimento, a granulometria dos agregados, o fator água-cimento e os eventuais aditivos serão determinados e aprovados com base nos ensaios de laboratório.

Devido à velocidade da água no canal, limitar-se-á a relação água-cimento a um quociente máximo de 0,45 visando aumentar a resistência à abrasão do concreto.

Durante o andamento das obras, a FISCALIZAÇÃO poderá introduzir modificações nas misturas, sem que isto proporcione à CONTRATADA o direito a reivindicação sobre preços ou prazo de execução da obra.

A dosagem de cimento para cada traço será feita a peso. As quantidades de brita e areia serão determinadas a peso, sendo que a água será medida em peso ou volume.

Na dosagem da água de amassamento será levada em conta a umidade dos agregados inertes, principalmente a da areia, que será determinada por meio de "speedy moisture tester" ou outros métodos expeditos usuais.

Os traços serão determinados por dosagem racional, de modo a obter as tensões de ruptura à compressão mínimas fixadas em projeto.

1.9.6.6 Mistura

A dosagem dos materiais componentes de cada mistura será feita de acordo o item 1.9.6.5, isto é, o cimento será medido em peso, a brita e a areia por pesagem, e a água pelo peso ou volume. Na mediação desta última deverá ser levada em conta a umidade dos agregados, para que seja assegurado o valor da relação água-cimento.

Em qualquer caso, o concreto deverá ser misturado mecanicamente.

1.9.6.7 Transporte do Concreto

O concreto deverá ser transportado do local de mistura ao local de destino tão depressa quanto possível e por métodos que evitem segregação dos materiais ou perda dos ingredientes. Todo concreto que tenha endurecido por ficar longo tempo no equipamento de transporte, não poderá ser utilizado.

Tanto os veículos para transporte, a central e o local do destino como o método de manejo deverão preencher todos os requisitos aplicáveis. A utilização de equipamentos de transporte providos de elementos para misturar o concreto, só será permitida se a FISCALIZAÇÃO assim autorizar por escrito e forem satisfeitos os requisitos estabelecidos nas citadas especificações.

1.9.6.8 Lançamento**A) Procedimentos**

O empreiteiro deverá conhecer as disposições que pretende adotar para a concretagem, por meio de um memorial detalhado dito "Programa de Concretagem", submetido à FISCALIZAÇÃO dentro do programa geral do trabalho a lhe ser entregue.

Salvo decisão contrária, qualquer concretagem só poderá ser iniciada com a presença de um representante da FISCALIZAÇÃO.

Todo o concreto será lançado durante o horário preestabelecido no programa de concretagem. O lançamento noturno, em qualquer peça da obra, só será iniciado quando tenha sido instalada a iluminação adequada e a FISCALIZAÇÃO autorize por escrito.

Não será lançado concreto enquanto a profundidade das fundações, o terreno de fundação, as formas e sua amarração, os escoramentos e a armação não tiverem sido inspecionados e aprovados pela FISCALIZAÇÃO.

O concreto não será exposto à ação da água antes de concluída a pega.

O lançamento do concreto será controlado de tal forma que a pressão produzida pelo concreto fresco não ultrapasse a que foi considerada no dimensionamento das formas e do escoramento. Depois de iniciada a pega, ter-se-á o cuidado de não sacudir as formas, nem provocar esforço ou deformação nas extremidades de armações deixadas para amarração com peças a construir posteriormente.

Todo o concreto será lançado de uma altura inferior a 2,00 m, para evitar segregação de seus componentes.

É proibido neste caso, o emprego de calhas para colocação do concreto. Onde for necessário lançar concreto diretamente de altura superior a 2,00 m, ele será vertido através de tubos de chapa metálica ou de material aprovado pela FISCALIZAÇÃO. As peças mencionadas serão conservadas limpas e isentas de crostas de concreto endurecido, sendo lavadas cuidadosamente com jato d'água após cada operação ou com maior frequência quando for necessário.

O concreto será lançado o mais próximo possível de sua posição final, não sendo depositado em grande quantidade em determinados pontos para depois ser espalhado ou manipulado ao longo das formas.

Ter-se-á especial cuidado em encher cada trecho de forma evitando que o agregado grosso fique em contato direto com a superfície, e fazendo com que o concreto envolva as barras de reforço sem deslocá-las.

O lançamento de concreto com bombas só será permitido com autorização escrita da FISCALIZAÇÃO, que dependerá do equipamento disponível para bombear concreto ser adequado para o trabalho proposto quanto ao tipo, conveniente quanto à capacidade, e do método de bombeamento poder ser adaptado à obra a construir. A operação da bomba será controlada de modo a produzir corrente contínua de concreto, sem bolhas de ar. Terminada a operação de bombeamento, caso for desejado aproveitar o concreto que ficou na tubulação, ele será expelido, de modo a não se contaminar, nem sofrer segregação. Depois de efetuada essa operação, todo o equipamento será cuidadosamente limpo.

O concreto será lançado em camadas horizontais contínuas, cuja espessura não exceda 30 centímetros, exceto para determinadas peças cuja concretagem estiver prevista de outra forma. Quando, por razões de emergência, for necessário concretar menos uma camada horizontal completa numa operação, essa camada terminará num tabique, ou tábua vertical.

As descargas de concreto se sucederão sempre, umas em seguida as outras, cada camada sendo concretada e compactada antes que a camada anterior tenha iniciado a pega, a fim de evitar que se forme separação entre elas. As superfícies serão deixadas ásperas a fim de obter sempre boa ligação com a camada seguinte. A camada superior será concretada antes de inferior ter endurecido, e será

compactada de modo a impedir a formação de junta de construção entre elas.

As camadas que forem concluídas num dia de trabalho, ou que tiverem sido concretadas pouco antes de se interromperem temporariamente as operações, serão limpas logo que a superfície tiver endurecido o suficiente, retirando-se toda a nata de cimento e todos os materiais estranhos. A fim de evitar, dentro do possível, uniões visíveis nas superfícies expostas, será dado acabamento à superfície aparente do concreto com raspadeira ou com outra ferramenta adequada.

As camadas horizontais, que pela sua localização possam forçar adelgaçamento da camada seguinte, serão modificadas, formando-se entalhe, de modo que a camada seguinte tenha pelo menos 15 centímetros de espessura na extremidade.

Sempre que houver dificuldade em colocar concreto junto às faces das formas, devido à presença de armações, a forma da peça, ou a qualquer outra circunstância, vibrar-se-ão as formas de modo a forçar o contato da argamassa com a superfície da forma.

Não será permitido suspender ou interromper a concretagem quando faltarem menos de 50 centímetros na altura para concluir qualquer peça, a não ser que os detalhes da obra indiquem coroamento com menos de 50 centímetros de espessura, caso em que a junta de construção poderá ser feita na base desse coroamento.

1.9.6.9 Vibração

Sempre que não tiver sido indicado outro procedimento, as peças serão adensadas empregando-se vibradores pneumáticos ou elétricos, de imersão.

O vibrador será mantido na massa de concreto até que apareça a nata da superfície, quando então deverá ser retirado e mudado de posição.

Em peças delgadas, cujas formas tiverem sido construídas para resistirem à vibração, serão empregados vibradores externos, preliminarmente aprovados pela FISCALIZAÇÃO. Quando se tratar de peças fortemente armadas, a CONTRATADA usará vibradores capazes de compactar o concreto sem danificar as armações e formas.

A vibração terá intensidade e duração suficiente para produzir plasticidade e assentamento do concreto, adensando-o perfeitamente, sem excessos que provoquem segregação dos materiais.

Os vibradores de imersão serão aplicados no ponto de descarga do concreto e nos lugares onde o concreto tiver sido depositado pouco antes. Os vibradores descreverão voltas através de quaisquer cavidades formadas por pedras, de modo que toda a massa seja compactada cuidadosamente, de maneira uniforme. Durante a vibração de uma camada, o vibrador será mantido em posição vertical e a agulha deverá penetrar cerca de 10 cm na camada inferior, anteriormente lançada. Ele não será deslocado rapidamente no interior da massa, e uma vez terminada a vibração, será retirado lentamente para evitar a formação de bolhas e vazios.

Fica proibido o espalhamento de concreto utilizando pá, devendo ser usadas caçambas especiais para lançamento sendo o adensamento iniciado imediatamente.

Novas camadas não poderão ser lançadas antes que a precedente tenha sido tratada segundo estas prescrições.

1.9.6.10 Cura e Prova de Carga

A cura e provas de carga obedecerão rigorosamente às normas da ABNT.

As superfícies de concreto deverão permanecer úmidas até os quatorze dias de idade. O meio empregado para a cura será umedecimento por aspersão contínua de água.

As superfícies de concreto destinadas a ficarem aparentes, e que não estiverem em contato com moldes durante a concretagem, deverão ser alisadas enquanto o concreto estiver fresco.

As superfícies de concreto serão protegidas adequadamente da ação direta do sol, da chuva e de agentes mecânicos, e não serão deixadas secar, quando da cura por aspersão contínua, desde o lançamento até pelo menos 14 dias após. A água utilizada para cura deverá ser doce e limpa. As formas de madeira que permaneçam no local deverão ser mantidas úmidas até o final da cura, para evitar a abertura de juntas e o conseqüente ressecamento local do concreto.

As provas de carga serão realizadas sempre que a FISCALIZAÇÃO tiver dúvidas sobre a resistência de uma ou mais partes da estrutura. Estas provas serão executadas de acordo de acordo com as especificações da ABNT.

1.9.6.11 Juntas de Concretagem

Serão obedecidas as prescrições da NB-1 da ABNT.

Quando a concretagem for suspensa por período de tempo superior àquele em que se iniciou a pega, o ponto onde tiver sido suspensa será considerada uma junta de concretagem. A localização das juntas de concretagem será planejada antecipadamente e a concretagem será contínua, de junta a junta. Essas juntas serão perpendiculares às linhas de ação dos esforços principais, devendo situar-se em trechos de esforço cortante mínimo e onde sejam viáveis.

No caso de se terem juntas de concretagem, a superfície que servirá de junta será varrida intensamente com escova de aço, no período de 3 e 6 horas após a concretagem, ou será lavada com jato d'água e ar comprimido.

Quando se for unir concreto com outro já endurecido, a superfície da parte feita será raspada com ferramenta apropriada, para retirar a argamassa superficial, o material solto e os corpos estranhos. Essa superfície, lavada e limpa com escovas de aço, será molhada e conservada assim até a concretagem.

Na ocasião da concretagem, pouco antes do lançamento, a superfície preparada será coberta com uma camada de argamassa de cimento e areia, com traço igual ao do concreto, e fator água-cimento não superior ao da mistura a ser posteriormente lançada.

A critério da FISCALIZAÇÃO, poderão ser utilizados aditivos a base de epóxi para união das estruturas.

Sempre que o concreto for aplicado diretamente em contato com uma superfície rochosa, a operação será feita depois da purga da rocha, lavagem com água sob pressão de pelo menos 5 Kg/cm², e retirada toda a água dos sulcos por meio de ar comprimido.

A critério da FISCALIZAÇÃO, poderão ser utilizados aditivos retardadores de pega, que serão removidos com jato d'água quando do lançamento do concreto fresco.

Para ir ligando as camadas sucessivas, deixar-se-ão chavetas adequadas na parte de cima da última camada, ao concluir cada jornada, e far-se-á o mesmo em outras alturas quando o trabalho for interrompido. Essas chavetas sobressairão acima ou além da junta, como estiver indicado no projeto. Em vez de chavetas podem ser empregadas as pedras ásperas ou espigas de aço, a critério da FISCALIZAÇÃO. O tamanho e o afastamento das chavetas e das espigas serão os indicados pela FISCALIZAÇÃO.

1.9.6.12 Correção de Fissuras

A) Fissuras Superficiais

A correção das fissuras superficiais será efetuada como segue:

- Identificar e marcar a trinca após a limpeza e lavagem da superfície do concreto. A trinca

será facilmente identificada uma vez que a umidade se infiltra por ela, havendo contraste entre a cor clara do concreto seco e a linha escura da trinca molhada; esta deverá ser marcada, antes que seque completamente.

- Abrir ao longo da trinca um sulco de cerca de 1(um) centímetro de largura por 2 (dois) centímetros de profundidade
- Limpar com escova de aço e preencher o sulco com material de vedação rígido, utilizando-se de produtos sintéticos a base de resina epóxica. Será utilizada resina pura, em fissuras de pequenas dimensões e resina com Filler, para injeção em fissuras maiores, reparos em geral, ou como auxiliar nos serviços de injeção (vedação superficial).

B) Fissuras Profundas

As fissuras profundas existentes estão caracterizadas como juntas de trabalho, estando consequentemente sujeitas à movimentação, decorrente da variação de temperatura ou pela ação de esforços mecânicos. Neste caso será necessária a utilização de materiais elásticos para o tratamento dessas fissuras.

Neste caso será aplicado o mástique elástico a base de polisulfetos, que além de permitir o trabalho mecânico da trinca, proporciona perfeita estanqueidade.

1.9.6.13 Formas e Cimbramentos

As formas deverão ser executadas em madeira revestida seguindo as indicações detalhadas no projeto. Deverão ser estanques, lisas, solidamente estruturadas e apoiadas, devendo sua liberação, para as concretagens, ser precedida de aprovação da FISCALIZAÇÃO.

As formas deverão ser construídas pela CONTRATADA, com materiais aprovados pela FISCALIZAÇÃO e deverão ser usadas onde quer que sejam necessárias para confinar o concreto e moldá-lo nas linhas, dimensões e juntas exigidas. As formas deverão ser suficientemente estanques para impedir a perda de argamassa.

Qualquer vedação que seja necessária deverá ser feita com materiais aprovados pela FISCALIZAÇÃO.

Deverão ser colocados sarrafos chanfrados nos cantos das formas, de madeira a produzirem cantos chanfrados nos ângulos externos das superfícies de concreto permanentemente expostas. Os ângulos internos em tais superfícies não requererão chanfros, a menos que indicado em contrário nos desenhos. A menos que de outra forma especificado ou designado; serão usados sarrafos de uma polegada, de forma a chanfrar todos os cantos.

As formas remontadas deverão sobrepor o concreto endurecido do lance anteriormente colocado em não menos que 3 centímetros e deverão ser fixadas com firmeza contra o concreto endurecido, de maneira que, quando a colocação do concreto for reiniciada, elas não se alarguem e não permitam desvios ou perda de argamassa nas juntas de construção.

Serão usadas, se necessário, vedações com isopor, parafusos ou prendedores de forma adicionais para manter firmes as formas remontadas contra o concreto endurecido. As formas deverão ser construídas de maneira a manter as tolerâncias dimensionais especificadas.

Na ocasião em que o concreto for lançado nas formas, as superfícies destas últimas deverão estar isentas de incrustações de argamassa ou outro material estanho. Antes do concreto ser lançado, as superfícies das formas deverão ser untadas com óleo mineral que efetivamente impeça a adesão e não manche as superfícies do concreto. O óleo para formas de madeira deverá ser do tipo mineral parafínico, claro refinado e puro. O óleo para formas de aço deverá ser do tipo mineral refinado. Todo o óleo para forma deverá ser aprovado pela FISCALIZAÇÃO. Após o untamento, o óleo em excesso nas superfícies

da forma deverá ser removido. A armadura de aço ou outras superfícies que requeiram aderência ao concreto deverão ser mantidas isentas de óleo.

Não será permitido o uso de óleo queimado aplicado às formas ou outras substâncias que comprometam o bom aspecto dos concretos aparentes.

O projeto das formas e de suas estruturas de sustentação é de responsabilidade da CONTRATADA.

A CONTRATADA deverá remeter à FISCALIZAÇÃO, no prazo mínimo de 15 (quinze) dias antes da execução de cada estrutura, os projetos de rigidez e estabilidade das formas, dos cimbramentos mais importantes e os planos de desforma e descimbramento.

Entretanto, a aprovação desses projetos e planos não exime a CONTRATADA de sua plena responsabilidade com relação à boa execução dos mesmos.

A FISCALIZAÇÃO não liberará nenhuma concretagem sem que antes tenham sido cumpridos requisitos mínimos de limpeza, posicionamento de ferragens e outras peças embutidas, aplicação de óleo ou outros componentes antiadesivos na superfície das formas em contato com o concreto e outros aspectos.

1.9.6.14 Reparos

A CONTRATADA deverá atender a todas as indicações da FISCALIZAÇÃO e do projeto, relativamente à garantia de qualidade dos concretos por ela lançados.

No caso de falha inadmissível de qualidade de estruturas ou peças, parcial ou totalmente concretadas, deverá providenciar medidas corretivas, compreendendo demolições, remoção do material demolido, recomposição de vazios, ninhos e porções estruturais, com emprego de enchimento adequado de argamassa ou concreto, injeções e providências outras. Os procedimentos a serem adotados nesses trabalhos serão fixados pela FISCALIZAÇÃO, à vista de cada caso e serão realizados sem ônus para a CONTRATANTE.

1.9.7 Lastro

Os lastros sob estruturas ou fundações diretas serão constituídos de duas camadas:

- a primeira, de pedra britada nº 2;
- a segunda, de concreto não estrutural.

A espessura das camadas será de, no mínimo, 50 mm cada, ou conforme projeto.

A camada de pedra britada, lançada sobre o terreno devidamente regularizado e apiloado, deverá ser compactada através de soquetes de madeira ou equipamento mecânico apropriado.

O lançamento do concreto não-estrutural deverá ser acompanhado de apiloamento com soquetes de madeira, com o cuidado de não ocasionar a segregação dos materiais. A superfície deverá ser regularizada e perfeitamente nivelada através de régua de madeira.

Nos casos de fundações por estacas, os blocos deverão apoiar-se diretamente sobre estas. Os lastros, portanto, deverão ocupar a área dos blocos sem interferir na união estaca-bloco.

Para o assentamento de tubulação diretamente sobre o solo, deve ser feito um rebaixo no fundo da vala para alojara o tubo. Isto é possível em terreno seco onde não haja rocha. Quando não for possível ser feito o rebaixo no terreno natural, ele deverá ser executado em colchão de material granular fino, normalmente areia ou pó de pedra, perfeitamente adensada, na espessura mínima, abaixo da geratriz externa, de 0,10 m e de 0,20 m, no caso de o leito apresentar-se respectivamente em

solo e rocha.

A FISCALIZAÇÃO poderá ainda determinar os seguintes casos de fundação direta:

a) lastro de brita

A tubulação é assentada sobre lastro de pedra britada nº 3 e nº 4 compactado manualmente.

b) lastro, laje e berço

A tubulação é assentada sobre um berço de concreto apoiado em laje de concreto armado, executada sobre lastro de pedra britada nº 2 e nº 4.

Caso o solo não apresente características de suporte adequadas, este deverá ser substituído, ficando a critério da FISCALIZAÇÃO o enchimento da superescavação, o qual poderá ser feito com areia compactada ou pelo aumento da espessura do lastro de brita, dependendo da espessura do enchimento.

Nos trechos onde a camada de solo, adequado para a sustentação da tubulação, estiver localizada a uma profundidade relativamente grande e que não torne aconselhável a substituição do terreno de fundação, serão utilizadas estacas de modo a transmitir a carga da estrutura para a camada de solo de maior capacidade de carga.

1.10 ASSENTAMENTO DE TUBULAÇÃO

1.10.1 Assentamento de Tubulações de Concreto Armado

Os tubos deverão ser assentados de acordo com os Desenhos de Projeto ou instruções da FISCALIZAÇÃO.

Estão previstos os seguintes tipos de fundações:

- a) Fundação Direta
- b) Fundação sobre Estacas

Estão previstos os seguintes tipos de assentamento, em fundação direta:

- a) Simples, quando o coletor é assente diretamente sobre o solo, devendo ser feito um rebaixo no fundo da vala para alojar a bolsa do tubo;
- b) Com lastro, quando o coletor é assente sobre lastro de pedra britada;
- c) Com lastro, laje e berço, quando o coletor é assente sobre um berço de concreto apoiado numa laje de concreto armado, executada sobre o lastro de pedra britada.

Antes de ser lançado o primeiro elemento construtivo, o solo de fundação deverá ser examinado pela FISCALIZAÇÃO. Caso o mesmo não apresente características de suporte adequadas, o subsolo de fundação poderá ser substituído por areia compactada ou por material rigorosamente compactado, a critério da FISCALIZAÇÃO.

Na cota definitiva do fundo das valas (fundações), o solo firme encontrado deverá ficar isento de todo material solto ou inadequado, para que possa ser liberado para execução das camadas de solo ou do lastro de brita.

Caso seja ultrapassada a cota prevista de uma fundação, salvo se determinado pela FISCALIZAÇÃO, esta deverá ser restabelecida com materiais rigorosamente compactados, de acordo com instruções da FISCALIZAÇÃO.

A concretagem das fundações deverá ser feita sempre a seco. Não será permitida a concretagem em cavas inundadas.

Uma vez liberado o terreno de fundação, a CONTRATADA deverá ter condições para logo após proceder à execução da mesma, bem como ao ajustamento das tubulações, efetuando em seguida o reaterro da cava, até altura determinada pela FISCALIZAÇÃO, de modo a evitar a atuação de agentes do intemperismo no solo de fundação.

Quando a vala for aberta em rocha, o lastro será constituído de material de granulometria fina (areia de pó de pedra) perfeitamente adensada na espessura mínima de 0,20 m.

O assentamento da tubulação deverá ser executado com a bolsa voltada para o montante.

Não deverão ser assentes tubos defeituosos, devendo os mesmos ser vistoriados pela CONTRATADA juntamente com a FISCALIZAÇÃO, antes da colocação na vala.

A FISCALIZAÇÃO deverá exigir que a CONTRATADA realize testes de fumaça para um conjunto de juntas, devendo os mesmos ser realizados sob sua supervisão.

Antes de solicitar o Recebimento Técnico Provisório da obra a CONTRATADA deverá proceder à limpeza dos coletores e dos poços de visita, deixando a linha completamente desimpedida de lama, toco de madeira, restos de concreto e de todo e qualquer elemento que prejudique o escoamento.

Deverá ser ainda observada, no que couber, a Norma P-NB-37 da ABNT, relativa às obras de coletores de esgotos sanitários.

Tubos de Concreto

Nos trechos onde a camada de solo adequada para a sustentação da canalização estiver localizada a uma profundidade relativamente grande e que não torne aconselhável a substituição do terreno de fundação, serão utilizadas estacas, de modo a transmitir a carga da estrutura para a camada de solo de maior capacidade de carga.

As estacas utilizadas serão de eucalipto.

As recomendações contidas na Norma PNB-51, quando aplicáveis, são consideradas parte integrante desta Especificação. A adoção de normas específicas internacionais não mencionadas nesta Especificação deverá ser previamente aprovada pela FISCALIZAÇÃO.

Todas as estacas destinadas à cravação deverão ser previamente examinadas e aprovadas pela FISCALIZAÇÃO.

A cravação será executada por bate-estaca, cujo tipo e peso do martelo tenham sido aprovados pela FISCALIZAÇÃO.

Poderá ser usado martelo de gravidade; este deverá ter peso igual ao da estaca, ou maior, sendo neste caso, no máximo, igual a 1,5 vezes o peso da estaca.

Em qualquer caso, a altura de queda do martelo nunca deverá ser superior a 1,50 m.

O bate-estaca deve dispor de guias.

A locação dos eixos de estacas será feita pela CONTRATADA.

A tolerância máxima de diferença de locação das estacas será de 10% do diâmetro da estaca.

A tolerância máxima de diferença de inclinação das estacas, em relação à projetada, será de 1 cm por metro de estaca cravada.

Quando a natureza de cravação for tal que ocasione avarias na cabeça das estacas, as mesmas deverão ser protegidas por um anel de aço de tipo aprovado pela FISCALIZAÇÃO. Quando a área da cabeça de qualquer estaca for maior que o martelo, deverá ser usado um anel adequado para

distribuir uniformemente o golpe, evitando-se desse modo, tanto quanto possível, a tendência de rachar ou fragmentar a estaca.

Durante a cravação das estacas, deverá ser usado um coxim adequado entre o cabeçote e a cabeça da estaca. A espessura do coxim deverá variar em função do bate-estaca e da resistência encontrada na cravação. Quando necessário deverá ser usado um coxim adicional. Os coxins deverão ser inspecionados regularmente, não devendo ser permitido o emprego de coxins que tenham perdido sua forma inicial e sua consistência natural.

Em função do tipo de equipamento de cravação a ser empregado, peso de martelo, do capacete, e da estaca, será determinada pela FISCALIZAÇÃO a "nega" admissível, a ser obedecida pela CONTRATADA.

No bate-estaca de queda livre, durante a determinação da "nega", o martelo deverá ter altura de queda de 1,00 m.

Deverão ser tomadas precauções no sentido de se evitar a ruptura da estaca, ao atingir qualquer obstáculo que torne difícil a sua penetração.

Não poderão ser utilizadas estacas de madeira não tratada a não ser que a cabeça esteja permanentemente abaixo do nível da água.

Sobre as estacas cravadas será executada uma laje de concreto sobre a qual será executada o berço para assentamento da tubulação.

1.10.2 Assentamento de Tubulações de PVC com Junta Elástica

Para sua montagem, observar o seguinte preceito:

- a) limpar cuidadosamente com estopa o interior da bolsa e o exterior da ponta;
- b) introduzir o anel de borracha no sulco da bolsa;
- c) aplicar o lubrificante recomendado pela fábrica, glicerina, água de sabão de coco, ou outro aprovado pela FISCALIZAÇÃO, no anel de borracha e na superfície externa da ponta. Não usar óleo mineral ou graxa;
- d) introduzir a ponta chanfrada do tubo até o fundo da bolsa; fazer uma marca no tubo e depois recuar 10 mm.

1.10.3 Montagem e Assentamento de Tubulações de Ferro Fundido

Para efeito destas especificações, entende-se por MONTAGEM o acoplamento de tubos, conexões, peças especiais e acessórios que constituem uma linha. Caso essa linha funcione enterrada em solo, exigindo prévia escavação de valas, em cujo fundo irá se apoiar, direta ou indiretamente, tal acoplamento é referido como ASSENTAMENTO.

Montagem ou assentamento só poderá efetivar-se depois que, mediante cuidadosa vistoria, houver sido verificado estarem os tubos, conexões, peças e demais elementos limpos e isentos de defeito.

A tubulação será alinhada e nivelada de acordo com o projeto, não se admitindo, em trechos retilíneos, deflexões nas juntas.

Sempre que se interromper o trabalho de montagem ou de assentamento, as extremidades abertas dos tubos deverão ser tamponadas, a fim de evitar a entrada de elementos estranhos.

O assentamento dos tubos deverá processar-se no menor tempo possível após a consolidação do leito que suportará a tubulação.

Os tubos a assentar deverão apoiar-se em toda a extensão da sua geratriz inferior. Deverão ser utilizados

dispositivos que permitam a remoção de material estranho que, durante o assentamento, tenha atingido o interior dos tubos assentados.

Concluído o assentamento da tubulação, deverá ser efetuado pela firma executora, na presença da FISCALIZAÇÃO, o ensaio daquela linha ou trecho de linha, no que se refere à sua estabilidade (defeito ou avaria) e a sua estanqueidade (imperfeição nas juntas).

A FISCALIZAÇÃO definirá a extensão de tubulação a ensaiar, em função do seu perfil longitudinal, de suas interligações, das condições locais de tráfego, etc.

Devem-se tomar precauções para que o ensaio não provoque o deslocamento da tubulação assentada. Para isso recorrer-se-á a aterro parcial, em que só as juntas fiquem aparentes.

Cada extremidade de trecho de ferro fundido a testar será fechada por um flange cego, provido de um pequeno registro de gaveta, cuja geratriz inferior interna deverá coincidir com a geratriz inferior interna da tubulação. Para tubulações de ponta e bolsa serão necessárias peças de extremidades de bolsas e flange (EBF) e de ponta e flange (EPF).

Na extremidade mais baixa do trecho, o flange cego será montado com o registro para baixo, na mais alta, o registro ficará para cima.

Antes do teste, a tubulação será cheia com água e mantida cheia durante tempo suficiente para saturação do revestimento de cimento. A água será injetada na tubulação através do registro da extremidade mais baixa do trecho, de forma que o ar seja empurrado para o exterior através do registro de cima.

Uma vez completados o enchimento do trecho e a extremidade do ar, o registro de cima será fechado e a pressão da água elevada gradativamente, até o valor de ensaio, por meio de uma bomba manual alimentada por caixa de cimento-amianto contendo água potável.

A cada elevação gradual de pressão, deverão examinar-se juntas, ancoragens e condições da tubulação. Ocorrências de chuvas determinarão a suspensão do ensaio.

A pressão de ensaio será 50% superior à pressão de trabalho da tubulação a testar. Em nenhum caso a pressão de ensaio excederá a admitida para o cálculo das ancoragens.

A pressão será controlada mediante dois manômetros, o mais robusto diretamente ligado à linha de pressão, e o mais sensível protegido dos choques do pistão da bomba por registro de esfera ou outros dispositivos de fechamento rápido, que só será aberto quando a bomba estiver parada.

O ensaio de estabilidade durará no mínimo uma hora. A FISCALIZAÇÃO estabelecerá a duração do ensaio de estanqueidade, em função do diâmetro da tubulação, do número de juntas do trecho e da pressão de ensaio adotada.

Os defeitos observados serão imediatamente corrigidos pela CONTRATADA, após o que será feito novo ensaio; uma vez aprovado o assentamento, a FISCALIZAÇÃO autorizará o reaterro da vala.

A tubulação assentada será mantida na posição correta, iniciando-se o reaterro e compactação simultaneamente em ambos os lados.

Qualquer linha somente será considerada terminada e entregue, quando todos os seus componentes estiverem em sua posição final de instalação, os resultados dos testes regulamentares de qualidade e funcionamento houverem sido favoráveis à aceitação do serviço, e a CONTRATANTE houver dado a este sua aprovação formal.

Os pilares para travessias serão constituídos de sapata, pilar propriamente dito e berço de apoio, sendo este um alargamento da parte superior, dotado de calha, na qual se apoiará o tubo.

A forma da calha deve assegurar que pelo menos 1/4 (um quarto) do perímetro da seção transversal do tubo ficará em contato com o berço (contato mínimo: arco de 90°).

A calha em que o tubo se apoiará deve receber uma camada de betume.

O berço de apoio deve ser dotado de chumbadores engastados no concreto de suas abas. O tubo será preso à calha do berço de apoio mediante uma braçadeira, a qual será fixada aos chumbadores das abas do berço por meio de porcas. Entre a braçadeira e o tubo deve ser colocado um anel neoprene.

As ligações entre os tubos e peças especiais serão feitas por juntas elásticas, juntas flexíveis, ou juntas flangeadas.

Antes da execução de junta elástica, a bolsa será limpa, removendo-se completamente todo o material estranho, ou excesso de revestimento na ranhura que irá receber o anel de borracha. As pontas serão limpas em todo o perímetro, na distância recomendada para penetração na bolsa, sendo removida qualquer irregularidade de acabamento ou excesso de revestimento. As bordas externas não deverão apresentar arestas vivas.

Quando o tubo for cortado no campo, a ponta será convenientemente chanfrada, com eletrodo de carvão, a arco elétrico, ou com equipamento mecânico de corte.

Os anéis de borracha deverão ser colocados com a face vazada voltada para dentro do tubo, sendo a posição correta verificada com o auxílio de ferramenta apropriada.

Após a aplicação do lubrificante adequado e verificação de perfeito ajuste em todo o perímetro do anel, a ponta será introduzida com pressão uniforme até atingir o fundo da bolsa, recuando-se o tubo no máximo 10 milímetros, a fim de permitir a deflexão da junta dentro das tolerâncias normalizadas.

Para os fins destas especificações, consideram-se flexíveis os acompanhamentos efetuados entre peças, os quais, garantindo vedação, conservam a descontinuidade entre elas, facilitando a desmontagem da tubulação. Tais juntas serão do tipo "Gibault" ou "Straub". Os desenhos do projeto definem a sua localização.

Os extremos dos tubos serão isentos de materiais estranhos; tais extremidades serão pintadas com uma solução de 150 cm³ de sabão granulado em 4 litros de água, antes de se inserirem as peças de vedação e os demais componentes da junta.

Para montagem com junta flangeada deverá ser observado que o plano de face do flange fixo esteja perpendicular ao eixo da peça. O plano vertical que contiver o eixo da peça deverá passar pelo meio da distância que separa os dois furos dos parafusos superiores. Esta condição deverá ser verificada com nível de bolha.

A colocação da arruela entre dois flanges a acoplar deve ser cuidadosa, a fim de se evitar deslocamento para o interior da tabulação no momento da montagem.

Os parafusos devem ser apertados gradual e sucessivamente, de forma que os de ordem par na sequência do aperto gradual fiquem diametralmente opostos aos de ordem ímpar, visando sempre a distribuir os esforços o mais uniformemente possível ao longo da furação do flange.

Todos os parafusos, flanges e equipamentos especiais enterrados deverão ser revestidos extremamente com esmalte betuminoso, com uma espessura mínima de 1/8", conforme a Norma AWWA-C203.

O revestimento da tubulação de ferro dúctil, no campo, restringir-se-á exclusivamente a execução de pequenos reparos tanto no revestimento externo como no interno. A necessidade destes reparos poderá ser proveniente de defeitos de fabricação ou de dano no manuseio ou corte da tubulação.

Os reparos no revestimento externo devem ser feitos com esmalte betuminoso a base de alcatrão de hulha, ou asfalto, e em conformidade com as especificações do fabricante.

Os reparos no revestimento interno deverão ser feitos com argamassa de cimento e areia, numa consistência tal que minimize a segregação da areia.

Os reparos devem ser feitos removendo-se o revestimento interno da área danificada, até atingir a parede do tubo e umedecendo-se totalmente, inclusive a região adjacente, antes de aplicar a argamassa de cimento.

A camada de argamassa de cimento deve ser curada e acabada pela aplicação de pintura com material betuminoso ("seal coat").

Uma vez concluído o reparo, o revestimento reintegrado deverá continuar liso e completamente aderente à parede do tubo.

A argamassa para execução de revestimento e caixas de proteção de peças, bem como o concreto para blocos de ancoragem e outros serviços, deverão ser feitos sobre masseira, sendo proibida a execução de argamassa ou concreto sobre asfalto.

1.11 PAVIMENTAÇÃO

Os serviços de pavimentação serão executados de acordo com as necessidades; devendo ao término dos trabalhos, os pavimentos, guias e sarjetas apresentarem-se com as mesmas características anteriores ou de projeto, salvo determinações da FISCALIZAÇÃO.

1.11.1 Levantamento de Pavimentação

- No caso de remoção da pavimentação, além das instruções peculiares a cada caso, a serem dadas oportunamente pela FISCALIZAÇÃO, deverá ser observado o seguinte:
- Nos casos de materiais aproveitáveis, estes serão retirados e arrumados em locais adequados;
- Quando houver necessidade de remoção de guias, a operação será realizada até o ponto de concordância com logradouros adjacentes. Antes de sua arrumação deverão ser limpos da massa de rejuntamento aderente;
- a largura máxima da faixa de pavimentação será igual a:
 - passeio: largura da escavação acrescida de 0,20 m;
 - leito carroçável: largura da escavação acrescida de 0,30 m para paralelepípedo, bloco de concreto ou asfalto;
- o comprimento será igual a :
 - redes coletoras de esgotos sanitários: medido pelo estaqueamento topográfico, descontando-se meia cava da singularidade de montante e meia cava da singularidade de jusante, quando ocorrerem;
 - redes de abastecimento de água: medido pelo comprimento efetivamente executado;
- o entulho e os materiais não sujeitos a reaproveitamento de qualquer demolição ou remoção serão transportados pela CONTRATADA e levados a bota-fora escolhido pela FISCALIZAÇÃO, ou no caso de esta não se pronunciar, em locais a critério da CONTRATADA.

1.11.2 Regularização de Superfícies

Nas vias de terra, com revestimento de cascalho, brita ou pedregulho, o revestimento deverá ser repostado com espessura igual à do pavimento existente, compactado e regularizado como motoniveladora.

Nos acessos às obras deverá ser feita regularização mecanizada e revestimento necessário, a critério da FISCALIZAÇÃO.

1.11.3 Demolições de Pavimentos Cimentados

As demolições de pavimentos serão executadas obedecendo-se às locações, alinhamentos e dimensões definidas para as escavações, utilizando-se os meios compatíveis com a natureza do pavimento.

Os materiais não reaproveitáveis para a recomposição dos pavimentos, deverão ser separados e removidos de imediato para bota-fora, em local escolhido pela FISCALIZAÇÃO ou, no caso desta não se pronunciar, em locais a critério da CONTRATADA.

Os materiais reaproveitáveis deverão ser limpos e separados, dispostos convenientemente para posterior reaproveitamento.

1.11.4 Demolição de Guias e Sarjetas

Além das instruções peculiares a cada caso, a serem dadas oportunamente pela FISCALIZAÇÃO, deverá ser observada esta especificação nos itens que se seguem.

Nos casos de materiais aproveitáveis, estes serão retirados e arrumados em locais adequados.

A remoção de guias e sarjetas, quando necessária, será realizada até o ponto de concordância com logradouros adjacentes. Antes de sua arrumação, deverão ser limpas da massa de rejuntamento aderente.

Os materiais não sujeitos a reaproveitamento serão transportados pela CONTRATADA e levados a bota-fora em local escolhido pela FISCALIZAÇÃO.

1.11.5 Construção de Passeios Cimentados

A construção dos passeios deverá ser executada de modo que se obtenham as condições que se dividem fundamentalmente em dois tipos, a saber:

- Cimento comum: será de concreto de 210 kg de cimento por m³ de concreto na espessura mínima de 5 cm, com o acabamento de 2 cm de espessura de argamassa de cimento e areia.
- Com acabamento superior: deverão obedecer às características dos materiais existentes de forma a constituir o mais perfeitamente possível os passeios cimentados.

A espessura da camada de concreto da base deverá ser de no mínimo 8 cm, confeccionada com concreto de fck >100 kgf/cm², sobre terreno bem apilado.

Quando do lançamento da argamassa, a base de concreto deverá estar limpa, isenta de poeira e outros materiais. Se a base estiver muito lisa, a critério da FISCALIZAÇÃO, deverá ser apilada a fim de aumentar sua aderência.

As juntas de dilatação deverão ser colocadas de maneira a formar painéis e não deverão estar afastadas mais que 2 m.

Serão de tábuas de pinho com 10 mm de espessura e altura igual à espessura do piso.

1.11.6 Recomposição de Pavimentos em Paralelepípedos ou Blocos de Concreto

A CONTRATADA deverá proceder à reposição, reconstrução e reparos de pavimentos em paralelepípedo ou bloco de concreto, empregando todos os meios e recursos (pessoal, matéria, equipamento e boa técnica) aptos a tornar o executado melhor, ou no mínimo, igual à obra removida, demolida ou rompida.

A execução de recomposição de pavimentos danificados pela abertura das valas nas ruas e avenidas será constituída de um leito de areia, sobre o qual serão assentados os pavimentos com rejuntamento de areia ou asfalto, de acordo com o tipo existente no trecho.

A FISCALIZAÇÃO pode solicitar, a seu critério, ensaios efetuados por firma especializada para confirmação da compactação do aterro e das espessuras e resistência das camadas do pavimento recomposto.

O pavimento recomposto deverá concordar perfeitamente com o existente, sem aparecer marcas de vala.

1.11.7 Assentamento de Guias

A construção das guias de concreto deverá ser executada de acordo com as respectivas instruções de execução vigentes na Prefeitura Municipal.

1.11.7.1 Objetivo

O assentamento de guias de concreto consistirá dos seguintes serviços:

- execução de base de concreto;
- assentamento de guias;
- encostamento de terra;

1.11.7.2 Execução de Base

As guias serão assentes sobre uma base de concreto com largura de 30 cm e espessura uniforme de 10 cm.

Nos casos de guias e sarjetas executadas concomitantemente, a base de concreto deve ter largura tal que abranja inclusive a da sarjeta.

A resistência mínima do concreto no ensaio a compressão simples, a 28 dias de idade, deverá ser de 150 kg/cm².

O concreto deverá ter consistência suficiente para assegurar as guias um assentamento estável, ainda antes do endurecimento.

O concreto deverá ser contido lateralmente por meio de formas de madeira assentadas em conformidade com os alinhamentos e perfis do projeto.

Depois de umedecido ligeiramente o terreno de fundação, o concreto deverá ser lançado e apiloado convenientemente de modo a não deixar vazios.

1.11.7.3 Assentamento de Guias

O assentamento de guias deverá ser feito antes de decorrida uma hora do lançamento do concreto na forma.

As guias serão escoradas, nas juntas, por meio de blocos de concreto (bolas) com a mesma resistência da base.

As juntas serão tomadas com argamassa de cimento e areia no traço 1:3. A face exposta da junta será dividida ao meio por um friso de aproximadamente 3 mm de diâmetro, normal ao plano do piso.

1.11.7.4 Encostamento de Terra

A faixa de 1(um) metro contígua às guias deverá ser aterrada com material de boa qualidade.

O aterro deverá ser feito em camadas paralelas de 15 cm, compactadas com soquetes manuais com peso mínimo de 10 quilos e seção não superior a 20 x 20 cm.

1.11.8 Especificação Técnica de Construção de Sarjetas

A construção de sarjetas de concreto deverá ser executada de acordo com as instruções de execução vigente na Prefeitura Municipal.

1.11.8.1 Objetivo

A reconstrução de sarjetas de concreto consistirá nos seguintes serviços:

- execução da base de concreto;
- formas;
- preparo, lançamento e acabamento do concreto;
- juntas.

1.11.8.2 Execução da Base

A base sobre a qual será executada a sarjeta será de concreto de cimento de 10 (dez) centímetros de espessura uniforme e da mesma largura prevista para a sarjeta.

A resistência mínima do concreto no ensaio a compressão simples, a 28 dias de idade, deverá ser de 150 kg/cm².

O concreto deverá ter consistência suficiente para assegurar as sarjetas um assentamento estável, ainda antes do endurecimento.

O concreto deverá ser contido lateralmente por meio de formas de madeira assentadas em conformidade com os alinhamentos e perfis do projeto.

Depois de umedecido ligeiramente o terreno de fundação, o concreto deverá ser lançado e apiloado convenientemente e de modo a não deixar vazios.

1.11.8.3 Formas

Para fazer face aos esforços laterais, as formas devem ser feitas com pranchas de 3,8 cm (1.1/2 polegadas), mais ou menos, e 3 m de comprimento. Nos trechos em curva, essa espessura poderá ser reduzida.

Essas pranchas deverão ser firmemente fixadas e travadas, de forma a impedir a sua movimentação.

As pranchas deverão ser assentadas em cotas que assegurem a superfície da sarjeta um caimento de 10% (dez por cento).

1.11.8.4 Preparo, Lançamento e Acabamento do Concreto

A resistência mínima do concreto no ensaio a compressão simples, a 28 dias de idade, deverá ser de 250 kg/cm².

O concreto deverá ter plasticidade e umidade tais que possa ser facilmente lançado nas formas, onde, convenientemente apiloado e alisado, deverá constituir uma massa compacta sem buracos ou ninhos.

A mistura deverá ser executada por processos mecânicos.

Antes do lançamento do concreto, devem ser umedecidas a base e as formas.

Nas formas, o concreto deve ser convenientemente apiloado, de modo a bem se adensar sem vazios e falhas. Junto às paredes das formas, deverá ser usada uma ferramenta do tipo de uma colher de pedreiro, com cabo longo, que, ao mesmo tempo em que apiloa, afasta de junto das paredes as pedras maiores, produzindo superfícies uniformes e lisas.

Após o adensamento, a superfície da sarjeta deverá ser modelada com gabarito e acabada com auxílio de desempenadeiras de madeira, até apresentar uma superfície lisa e uniforme.

Quando o pavimento for asfáltico, a aresta da sarjeta deverá ser chanfrada num plano, formando um ângulo de 45° com a superfície.

1.11.8.5 Juntas

As juntas serão do tipo "seção enfraquecida", com espaçamento de 4 a 6 m.

A altura das juntas deverá estar compreendida entre 1/3 e 1/4 da espessura da sarjeta e sua largura não deverá exceder a 1 cm.

Após o endurecimento do concreto, as juntas deverão ser perfeitamente limpas com escova de aço ou jato de ar e enchidas com mistura asfáltica "a quente", composta de cimento asfáltico de penetração 50/60 e cimento Portland, na proporção em peso de 1:1.

1.11.8.6 Controle Tecnológico

Durante a concretagem, deverão ser moldados 2 (dois) corpos para cada 200 (duzentos) metros lineares de sarjeta e ensaiados.

1.11.8.7 Aceitação e Rejeição

Se a resistência for inferior a 250 kg/cm², mas igual ou superior a 220 kg/cm², as sarjetas serão aceitas, porem pagas com desconto.

1.11.9 Construção de Pavimentos Asfálticos

A construção de pavimentos asfálticos deverá ser executada de acordo com as respectivas instruções vigentes na Prefeitura Municipal ou, na falta desta, de acordo com as normas do DER.

BASE DE MACADAME HIDRÁULICO

A) OBJETIVO

O preparo da base de macadame hidráulico consistirá das seguintes operações:

- camada de isolamento;
- esparrame do agregado graúdo;
- compressão da camada de agregado graúdo;
- esparrame, compressão e varredura do material de enchimento;
- irrigação;
- compressão final.

B) CAMADA DE ISOLAMENTO

Sempre que o material do sub-leito tiver mais de 35% em peso passando na peneira nº 200, será executada, imediatamente antes do primeiro espalhamento de agregado graúdo para a base, em toda a largura do leito, uma camada de 3 a 5 cm de espessura após a compressão, com material satisfazendo a uma das faixas granulométricas indicadas no Quadro I, a seguir.

QUADRO I

PENEIRAS		% EM PESO PASSANDO	
POL	mm	A	B
3/4	19,1	100	-
1/2	12,7	80-100	-
3/8	9,5	70-100	-
nº 4	4,8	45-100	100
nº 10	2,0	25-65	55-100
nº 40	0,42	10-30	25-100
nº 200	0,074	0-8	0-12

NOTA: O "Índice de Plasticidade (IP)" da fração que passa na peneira nº 40 deve ser inferior a 2.

O material deverá ser comprimido com rolo de 10 a 12 toneladas e acertado superficialmente, de modo a conformar-se à seção transversal do projeto, antes da distribuição da primeira camada de agregado.

C) ESPARRAME DO AGREGADO GRAÚDO

C.1) CONTENÇÃO LATERAL DA BASE

Quando a execução for feita em meia pista ou não houver contenção lateral, serão usadas formas de madeira (de espessura mínima de 5 cm) ou metálicas, de altura suficiente para a retenção do material solto, assentadas em conformidade com os alinhamentos e perfis de projeto, de forma a não poder deslocar-se.

C.2) ESPARRAME DO AGREGADO GRAÚDO

O agregado graúdo, na quantidade necessária, será esparramado sobre o leito em uma camada de espessura uniforme, que não deverá ser superior a 10 cm, depois de compactada.

O esparrame deverá ser feito de modo que não haja segregação das partículas de agregado por

tamanho.

Os fragmentos alongados, lamelares, ou de tamanho excessivo, visíveis na superfície do agregado esparramado, deverão ser removidos.

Após o esparrame do agregado, será feita a verificação da superfície por meio de cordéis ou gabaritos cujo bordo longitudinal inferior tenha a forma do contorno transversal da base concluída, sendo então executado acerto manual da base, com utilização de garfos e pás, corrigindo-se os pontos com excesso ou deficiência de material. Na correção de depressões de pequena profundidade, é vedada a utilização de brita miúda, devendo ser usado material de granulometria idêntica a da base.

D) COMPRESSÃO DE CAMADA DE AGREGADO GRAÚDO

A compressão inicial deve ser feita em toda a largura da faixa, com rolo de 3 rodas lisas, de 10 a 12 toneladas, em marcha lenta, a velocidade de 30 a 40 m por minuto.

Nos trechos retilíneos, a compressão deve progredir dos bordos para eixo e, nas curvas, do bordo mais baixo para o mais alto, sempre paralelamente ao eixo longitudinal.

Em cada deslocamento do rolo compressor, a faixa anteriormente comprimida deve ser recoberta de, no mínimo, metade da largura da roda traseira do rolo. As manobras do rolo devem ser feitas sempre fora do trecho em compressão.

O rolo deve dar duas passagens preliminares, cobrindo todo o trecho, fazendo-se então nova verificação dos greides longitudinais e transversais e as necessárias correções iniciando-se, então, a partir dos bordos, a compressão propriamente dita.

A operação de compressão deve prosseguir até que se consiga um bom entrosamento do agregado graúdo, que deixa de formar onda diante do rolo.

Nos lugares inacessíveis ao compressor ou onde seu emprego não for recomendável, o agregado deverá ser apiloado por meio de soquetes que produzam compactação equivalente a do compressor.

Quando o agregado for suportado lateralmente por escora de terra, ou por acostamento, a rolagem deverá ser iniciada ao longo das juntas, de modo que a roda traseira cubra porções iguais do acostamento e da base, marchando o compressor para diante e para trás até que o material da base do acostamento se tornem firmemente comprimidos um de encontro ao outro.

Depois da rolagem, a uniformidade da espessura da camada deverá ser verificada pela FISCALIZAÇÃO por meio de tantos furos quantos forem julgados necessários, locados e abertos conforme for determinado.

A abertura e o preenchimento dos furos para a verificação da uniforme da espessura deverão ser feitos pela firma CONTRATADA, a sua custa, e conforme a FISCALIZAÇÃO determinar.

E) ESPARRAME, COMPRESSÃO E VARREDURA DO MATERIAL DE ENCHIMENTO

O material de enchimento deverá, a seguir, ser gradativamente esparramado por meios mecânicos ou manuais em camadas finas e varrido de forma a não impedir o contato do rolo compressor com o agregado graúdo.

É vedada a descarga do material de enchimento em pilhas sobre o agregado graúdo.

O esparrame e varredura por meio de vassouras manuais ou mecânicas do agregado miúdo, acompanhado de rolagem, prosseguirão até que não se consiga, a seco, mais penetração do material de enchimento nos vazios do agregado graúdo.

Para verificar se o enchimento a seco é satisfatório, bate-se na base com um cabo de ferramenta e verifica-se nos interstícios superficiais, entre a brita graúda, antes fechados, se aparecem pequenos orifícios, caso em que deve prosseguir ao enchimento a seco, a não ser que haja esmagamento excessivo.

F) IRRIGAÇÃO

Deverá então ser procedida a irrigação da base, ao mesmo tempo em que se espalha material de enchimento adicional e se continua com as operações de varredura, sucessivamente, até não se conseguir mais penetração do material de enchimento nos vazios do agregado graúdo.

G) COMPRESSÃO FINAL

Terminadas as operações de irrigação, esparrame de material de enchimento e varredura, espera-se que a camada esteja suficientemente seca para evitar aderência de material ao rolo, e inicia-se a compressão final, das bordas para o eixo, da forma anteriormente descrita.

A compressão deve ser suspensa quando desaparecerem as ondulações na frente do rolo e o macadame se encontrar completamente firme.

O resultado do enchimento final poderá ainda ser verificado pela retirada, de uma pedra da base; se a superfície descoberta ficar contínua e definida pela forma da pedra retirada, o enchimento é satisfatório.

H) EXECUÇÃO EM CAMADAS

No caso de a base ser composta por mais de uma camada, conforme o projeto estabeleça, construir-se-á cada uma de acordo com as prescrições da presente instrução.

I) COMPRESSÃO COM VIBRAÇÃO

E permitido o emprego de compressão com vibração, principalmente para facilitar a operação de enchimento, desde que adotadas as precauções devidas.

O material de enchimento deve ser aplicado em quantidade inicial da ordem de 50 a 75% do total, e o restante em uma ou duas aplicações. O número de passagens do rolo vibratório deve ser limitado pelo perigo de deslocar o agregado graúdo já entrosado.

J) RECONSTRUÇÃO DE TRECHOS DEFEITUOSOS

Nos pontos ou trechos onde, a critério da FISCALIZAÇÃO, o serviço se apresentar com defeitos, o material deverá ser removido e a base será reconstruída como se fosse uma base nova.

BASE DE CONCRETO MAGRO

A) OBJETIVO

A presente instrução determina a maneira pela qual deverão ser executadas as bases de concreto magro.

B) MATERIAIS

Todos os materiais componentes do concreto deverão satisfazer às Especificações em vigor.

O concreto deverá ser dosado de modo a garantir:

- resistência à compressão aos 28 dias de idade compreendida entre 120 e 160 Kg/cm²;
- percentagem em peso de agregado miúdo na mistura igual ou inferior a 40%;
- diâmetro máximo do agregado graúdo igual ou inferior a 50 mm;
- trabalhabilidade adequada ao processo construtivo, não devendo segregar no transporte, lançamento ou adensamento.

C) EQUIPAMENTO

O equipamento mínimo para a execução de bases de concreto magro será constituído por:

- dois (2) vibradores de imersão;
- uma (1) placa vibradora;
- uma (1) betoneira, ou conjunto de betoneiras com capacidade mínima de 15 m³/hora
- pequenas ferramentas, tais como, enxadas, pás, garfos, régua etc.

Será dispensada a betoneira sempre que o concreto for do tipo "pré-misturado" e fornecido na obra por caminhão-betoneira, ou basculante (para menos de 30 minutos de transporte).

D) EXECUÇÃO

A base de concreto será executada sobre sub-base de macadame hidráulico com as respectivas espessuras fixadas pelo projeto.

O espalhamento do concreto magro será executado manualmente com ferramentas de mão, tais como, pás, enxadas, etc., evitando-se sempre a segregação dos materiais. O concreto deverá ser distribuído com ligeiro excesso por toda a largura da faixa em execução de modo que após as operações de adensamento, seja obtida em qualquer ponto do pavimento a espessura do projeto.

Antes do lançamento do concreto, a superfície do macadame hidráulico deverá ser umedecida ou impermeabilizante com pintura asfáltica.

Logo após o espalhamento será iniciado o adensamento por meio dos vibradores de imersão.

Uma vez adensada, a superfície deverá ser regularizada, corrigindo-se quaisquer depressões ou deficiências de espessura com concreto recém-misturado.

Concluídas as operações de regularização e comprovada a espessura de projeto em todo o trecho em construção, a superfície será ligeiramente alisada e revibrada com auxílio de placas ou régua vibrantes. Nesta operação poderão ser utilizados rolos lisos.

O tempo decorrido desde o lançamento do concreto até o fim da operação descrita no item anterior, não deverá exceder a 2 (duas) horas.

Terminadas as operações de adensamento, a superfície do concreto deverá ser protegida para a cura adequada do concreto, a fim de evitar a evaporação da água de amassamento. Esta proteção será feita por meio de pintura impermeabilizante com asfaltos diluídos na razão de 0,8 a 1,0 litro por metro quadrado, ou produto químico líquido para formação de película impermeabilizante com

asfaltos diluídos na razão 0,8 a 1,0 litro por metro quadrado, ou produto químico líquido para formação de película impermeabilizante na quantidade especificada pelo fabricante.

Caso não seja executada a proteção e cura por meio de pintura impermeabilizante, a superfície do concreto deverá ser mantida constantemente úmida, por período mínimo de três (3) dias.

Não será permitido o tráfego de veículos antes de findar os três (3) dias de cura. Após a cura, não sendo executado imediatamente o revestimento, o tráfego só será permitido mediante autorização da FISCALIZAÇÃO.

IMPRIMAÇÃO IMPERMEABILIZANTE BETUMINOSA

A) OBJETIVO

A imprimação impermeabilizante betuminosa consistirá na aplicação de material betuminoso de baixa viscosidade, diretamente sobre a superfície previamente preparada de uma sub-base ou base constituída de macadame hidráulico, solo estabilizado, solo melhorado com cimento ou solo-cimento, que irá receber um revestimento betuminoso.

A imprimação deverá obedecer às seguintes operações:

B) DESCRIÇÃO

- varredura e limpeza da superfície;
- secagem da superfície;
- distribuição do material betuminoso;
- repouso da imprimação;
- esparrame de agregado miúdo (quando necessário).

C) MATERIAIS

C.1) MATERIAL BETUMINOSO

O material betuminoso, para efeito da presente instrução, deverá ser, a critério da FISCALIZAÇÃO, asfalto "cut-back" tipos "MC-O" ou MC-1 e emulsões catiônicas.

O material betuminoso referido deverá estar isento de água e obedecer respectivamente às instruções vigentes na Prefeitura Municipal para pavimentação.

C.2) AGREGADO MIÚDO

O agregado miúdo, quando usado, deverá ser pedrisco com 100% de material passando na peneira nº 4 (4,76 mm) e isento de substâncias nocivas e impurezas.

D) EQUIPAMENTO

O equipamento necessário para a execução de imprimação impermeabilizante betuminosa deverá consistir de vassourões manuais ou vassoura mecânica, equipamento para aquecimento de material betuminoso sob pressão e distribuidor manual de material betuminoso.

D.1) VASSOURÕES MANUAIS

Deverão ser número suficiente para o bom andamento dos serviços e ter os fios suficientemente duros para varrer a superfície sem cortá-la.

D.2) VASSOURA MECÂNICA

Deverá ser construída de modo que a vassoura possa ser regulada e fixada em relação à superfície a ser varrida, e possa varrê-la perfeitamente sem cortá-la ou danificá-la de qualquer maneira.

D.3) EQUIPAMENTO PARA AQUECIMENTO DE MATERIAL BETUMINOSO

Deverá ser tal que aqueça e mantenha o material betuminoso de maneira que satisfaça aos requisitos dessa instrução; deverá ser provido de pelo menos um termômetro, sensível a 1°C, para determinação das temperaturas do material betuminoso.

D.4) DISTRIBUIDOR DE MATERIAL BETUMINOSO SOB PRESSÃO

Deverá ser equipado com aros pneumáticos, e ter sido projetado a funcionar de maneira que distribua o material betuminoso em jato uniforme, sem falhas, na quantidade e entre os limites de temperatura estabelecidos pela instrução.

D.5) DISTRIBUIDOR MANUAL DE MATERIAL BETUMINOSO

Será a mangueira apropriada do distribuidor de material betuminoso sob pressão.

E) CONSTRUÇÃO

E.1) VARREDURA E LIMPEZA DA SUPERFÍCIE

A varredura da superfície a ser imprimada deverá ser feita com vassourões manuais ou vassoura mecânica especificada e de modo que remova completamente toda terra, poeira e outros materiais estranhos.

Quando a superfície a ser imprimada for constituída de macadame hidráulico, a varredura deverá prosseguir até que os fragmentos de pedras entrosados, que compõem o macadame, sejam descobertos e limpos, mas não desalojados.

A limpeza deverá ser feita com tempo suficiente para permitir que a superfície seque perfeitamente antes da aplicação do material betuminoso, no caso de serem aplicados MCs.

O material removido pela limpeza terá o destino que a FISCALIZAÇÃO determinar.

E.2) DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL BETUMINOSO

O material betuminoso deverá ser aplicado por um distribuidor, sob pressão, nos limites de temperatura de aplicação especificados nas instruções vigentes na Prefeitura Municipal para pavimentação e na razão de 1 (um) a 1,5 litros por metro quadrado, conforme a FISCALIZAÇÃO determinar.

Deverá ser feita nova aplicação de material betuminoso nos lugares onde, a juízo da FISCALIZAÇÃO, houver deficiência dele.

E.3) REPOUSO DA IMPRIMAÇÃO

Depois de aplicada, a imprimação deverá permanecer em repouso durante o período de 24 horas pelo menos, para o caso dos MCs.

Esse período poderá ser aumentado pela FISCALIZAÇÃO em tempo frio.

A superfície imprimida deverá ser conservada em perfeitas condições até que seja colocado o revestimento.

E.4) ESPARRAME DE AGREGADO MIÚDO

Sobre os lugares onde houver excesso de material betuminoso, deverá ser esparramado agregado miúdo especificado, conforme a FISCALIZAÇÃO determinar, antes de ser colocado o revestimento.

IMPRIMAÇÃO LIGANTE BETUMINOSA

A) OBJETIVO

A imprimação ligante betuminosa consistirá na aplicação de material betuminoso diretamente sobre uma superfície betuminosa ou de concreto já existente, para assegurar sua perfeita ligação com um novo revestimento betuminoso.

B) DESCRIÇÃO

A imprimação ligante deverá obedecer às seguintes operações:

- varredura e limpeza da superfície;
- secagem da superfície;
- distribuição do material betuminoso;
- repouso da imprimação.

C) MATERIAIS

C.1) MATERIAL BETUMINOSO

O material betuminoso, para efeito da presente instrução, deve ser, a critério da FISCALIZAÇÃO, asfalto recortado (cut-back) dos tipos RC-0, RC-1, RC-2, RC-3, RC-4, ou emulsão asfáltica de cura rápida.

O material betuminoso referido deverá estar isento de água e obedecer as instruções da Prefeitura Municipal.

D) EQUIPAMENTOS

A aparelhagem necessária à execução da imprimação ligante betuminosa deverá consistir de vassourões manuais ou vassoura mecânica, equipamento para aquecimento de material betuminoso, distribuidor de material betuminoso sob pressão e distribuidor manual de material betuminoso.

D.1) VASSOURAS MANUAIS

Deverão ser em número suficiente para o bom andamento dos serviços e ter os fios suficientemente duros para varrer a superfície sem cortá-la.

D.2) VASSOURA MECÂNICA

Deverá ser construída de modo que a vassoura possa ser regulada e fixada em relação à superfície será varrida e possa varrê-la perfeitamente, sem cortá-la ou danificá-la de qualquer maneira.

D.3) EQUIPAMENTO PARA AQUECIMENTO DO MATERIAL BETUMINOSO

Deverá ser tal que aqueça e mantenha o material betuminoso de maneira que satisfaça aos requisitos desta instrução. Deverá ser provido de pelo menos um termômetro, sensível a 1°C para determinação das temperaturas do material betuminoso.

D.4) DISTRIBUIDOR DO MATERIAL BETUMINOSO SOB PRESSÃO

Deverá ser equipado com aros pneumáticos e ter sido projetado a funcionar de maneira que distribua o material betuminoso em jato uniforme, sem falhas, na quantidade e entre os limites de temperatura estabelecidos nesta instrução.

D.5) DISTRIBUIDOR MANUAL DE MATERIAL BETUMINOSO

Será a mangueira apropriada do distribuidor de material betuminoso

E) CONSTRUÇÃO**E.1) VARREDURA E LIMPEZA DA SUPERFÍCIE**

A varredura da superfície a ser imprimada deverá ser feita com vassourões manuais ou vassoura mecânica especificadas e, de modo que remova completamente toda a terra, poeira e outros materiais estranhos. O material removido pela limpeza terá o destino que a FISCALIZAÇÃO determinar.

E.2) DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL BETUMINOSO

O material betuminoso deverá ser aplicado por um distribuidor sob pressão, nos limites de temperatura de aplicação especificados nas instruções vigentes na Prefeitura Municipal e na razão de 0,5 a 1,2 litros por metro quadrado, conforme a FISCALIZAÇÃO determinar.

Deverá ser feita nova aplicação de material betuminoso com o distribuidor manual nos lugares onde, a juízo da FISCALIZAÇÃO houver deficiência dele.

E.3) REPOUSO DA IMPRIMAÇÃO

Depois de aplicada, a imprimação deverá permanecer em repouso até que seque e endureça suficientemente para receber o revestimento.

A superfície imprimada deverá ser conservada em perfeitas condições, até que seja colocado o revestimento.

E.4) SECAGEM DA SUPERFÍCIE

Quando o material betuminoso for asfalto recortado, sua aplicação só poderá ser feita quando a superfície a ser imprimada estiver completamente seca.

REVESTIMENTO DE CONCRETO ASFÁLTICO USINADO A QUENTE

A) OBJETIVO

Esta Instrução descreve o processo de execução de camada de concreto asfáltico usinado a quente, empregado exclusivamente como superfície de rolamento.

B) DESCRIÇÃO

O revestimento em concreto asfáltico consistirá de uma camada de mistura íntima, devidamente dosada e usinada a quente, constituída de agregado mineral graduado e material betuminoso, esparramado e comprimido a quente.

O processo de construção obedecerá as seguintes operações:

- preparo dos materiais;
- dosagem da mistura;
- preparo da mistura betuminosa;
- pintura das superfícies de contato;
- transporte da mistura betuminosa;
- esparrame, compressão e acabamento.

C) MATERIAIS

C.1) AGREGADO MINERAL

Para efeito da presente instrução será constituído de uma mistura de pedra britada, pó de pedra, areia e "filler" e deverá apresentar conforme for determinado no projeto a seguinte graduação:

DESIGNAÇÃO DAS PENEIRAS		PORCENTAGEM DO MATERIAL QUE PASSA	
ABERTURA		GRANULOMETRIA	
ASTM	mm	A	B
3/4"	19,1	100	-
1/2"	12,7	95 - 100	100
3/8"	9,52	-	92 - 100
nº 4	4,76	60 - 80	74 - 90
nº 8	2,38	44 - 60	60 - 80
nº 40	0,42	25 - 35	30 - 50
nº 80	0,177	18 - 27	16 - 32
nº 200	0,074	6 - 12	6 - 12

NOTA: Para ambas as graduações, a fração retida entre qualquer par de peneiras não deverá ser inferior a 4% (quatro por cento) do total.

Pelo menos a metade da fração que passa na peneira nº 200 deverá ser constituída de "filler" calcário.

C.1.1) Pedra Britada

A pedra britada deverá consistir de fragmentos angulares, limpos, duros, tenazes e isentos de fragmentos moles ou alterados, de fácil desintegração. Deverá apresentar boa adensividade.

C.1.2) Areia

A areia deverá ser lavada e isenta de substâncias nocivas, tais como: argila, mica, matéria orgânica, etc.

C.1.3) "Filler"

O "filler" deverá ser constituído de pó calcário, cimento "Portland" ou cal hidratada; ao ser empregado deverá estar perfeitamente seco e isento de grumos. Quando analisado granulometricamente, deverá apresentar:

DESIGNAÇÃO DAS PENEIRAS		PORCENTAGEM MÍNIMA DE MATERIAL QUE PASSA
ABERTURA		
ASTM	mm	
nº 30	0,59	100
nº 100	0,149	85
nº 200	0,074	65

C.2) MATERIAL BETUMINOSO

O material betuminoso para efeito da presente instrução deverá ser o cimento asfáltico de penetração 50 - 60 ou 60 - 70 obtido pela refinação do petróleo e deverá obedecer as instruções vigentes na Prefeitura Municipal.

Em casos especiais e a critério do Laboratório - de Assistência e Pesquisa (LAP), poderá ser utilizado ainda o cimento asfáltico de penetração 85 - 100, para tanto, a firma CONTRATADA deverá apresentar ao LAP, anteriormente a usinagem, o novo projeto da mistura, acompanhado da justificativa da mudança do tipo de ligante.

C.3) DOSAGEM DA MISTURA BETUMINOSA E ESTABELECIMENTO DA FORMULA DE TRABALHO

Antes de iniciada a execução dos serviços, a firma CONTRATADA deverá encaminhar para exame e aprovação da FISCALIZAÇÃO o cálculo da mistura betuminosa, indicando o teor ótimo de ligante para a mistura agregados "filler" de acordo com o procedimento indicado pelo Método de Marshall.

D) EQUIPAMENTO

O equipamento para a execução dos serviços de revestimento de concreto asfáltico usado a quente deverá consistir de: usina misturadora, veículos para transporte da mistura, acabadora, rolos compressores, termômetros, soquetes e pequenas ferramentas.

D.1) USINA MISTURADORA

Poderá ser do tipo intermitente ou contínuo.

Deverá conter, além das partes fundamentais, os seguintes implementos:

- Silos frios em número correspondente ao número de agregados a serem empregados no preparo do concreto asfáltico, silo para "filler", dotado de dispositivo que assegure a dosagem correta deste material, depósitos de asfalto em número suficiente ao bom funcionamento da usina, sendo vedada a mistura de tipos de cimentos asfálticos de penetração diferentes.

D.2) VEÍCULOS PARA TRANSPORTE DE MISTURA

Deverão ser caminhões basculantes de caçambas metálicas providos de lona para proteção da mistura.

D.3) ACABADORA

Deverá ser automotora, promover a distribuição de qualquer tipo de mistura betuminosa na espessura e largura desejadas, nivelar e possibilitar uma superfície de rolamento lisa, suave e sem ondulações, com uma densidade uniforme em toda sua extensão.

D.4) ROLOS COMPRESSORES

Deverão ser motores de 2 (duas) rodas lisas em tandem, com peso compreendido entre 5 e 8 toneladas.

Rolos pneumáticos com pressão regulada automaticamente poderão ser empregados.

D.5) SOQUETES

Poderão ser de qualquer tipo aprovado pela FISCALIZAÇÃO.

D.6) PEQUENAS FERRAMENTAS

Pás, enxadas, garfos, ancinhos, etc. deverão ser empregados em quantidade suficiente para o bom andamento dos serviços.

E) CONSTRUÇÃO**E.1) PREPARO DOS MATERIAIS**

As frações do agregado deverão ser reunidas em proporção tal que componham o agregado na graduação especificada.

O agregado antes de ser lançado na mistura deverá ser secado e aquecido até os limites da temperatura de aquecimento prevista para o ligante. Em nenhum caso o agregado será introduzido a uma temperatura de mais de 15°C acima da temperatura do material betuminoso.

O material betuminoso deverá ser uniformemente aquecido à temperatura de 140°C a 160°C.

A mistura deverá deixar a usina à temperatura não inferior a 135°C. A mistura deverá ser espalhada à temperatura não inferior a 120°C.

E.2) COMPOSIÇÃO DA MISTURA

Deverá ser adotado o Método Marshall para verificação das condições de vazios, estabilidade e fluência da mistura betuminosa, que devem satisfazer os valores abaixo:

Pressão interna prevista (Lb/pol ²)	100
Porcentagem de vazios	3 a 5
Estabilidade mínima (1b)	500
Fluência máxima (1/100")	20

E.3) PREPARO DA MISTURA

O agregado mineral e o material betuminoso, nas quantidades e nas temperaturas indicadas, deverão ser misturados pelo misturador durante o tempo necessário para que todas as partículas do agregado fiquem completamente envolvidas pelo aglutinante betuminoso, tempo esse que será no mínimo 30 segundos.

E.4) TRANSPORTE DA MISTURA BETUMINOSA

As misturas preparadas e entregues pela usina deverão ser transportadas para a obra em caminhões apropriados.

As superfícies internas das caixas dos caminhões poderão antes da carga, ser levemente lubrificadas com óleo fino. Não será permitido excesso de lubrificação, nem utilização de querosene, gasolina ou produtos similares.

E.5) PINTURA DAS SUPERFÍCIES DE CONTATO

As superfícies de contato das sarjetas deverão ser pintadas com uma camada delgada de material betuminoso, abaixo especificado, conforme determinação da FISCALIZAÇÃO:

TIPOS	TEMPERATURA DE APLICAÇÃO
1 - Cut-back RC - 1	27°C a 52°C
RC - 2	27°C a 66°C
RC - 3	52°C a 79°C
RC - 4	66°C a 93°C
2 - Emulsão asfáltica de quebra rápida	15°C a 50°C
3 - Cimento asfáltico de penetração 150 - 200	135°C a 176°C

E.6) ESPARRAME, COMPRESSÃO E ACABAMENTO

A mistura betuminosa, somente, poderá ser esparramada depois da base ter sido aceita pela FISCALIZAÇÃO. Esta aceitação, todavia, não implica em eximir a firma CONTRATADA das responsabilidades futuras a qualquer deficiência de execução.

A mistura betuminosa deverá ser esparramada por acabadora de forma tal que permita, posteriormente, a obtenção de uma camada na espessura indicada pelo projeto, sem novas adições.

Após o esparrame da mistura betuminosa e assim que a mesma suporte o peso do rolo, deverá ser iniciada a sua compressão por meio de rolos compressores. Nos casos correntes a rolagem é operada entre 80°C a 120°C.

A compressão deverá começar nas bordas e progredir longitudinalmente para o centro de modo que os rolos cubram uniformemente, em cada passada, pelo menos metade da largura do seu rasto da passagem anterior. Nas curvas a rolagem deverá progredir do lado mais baixo para o mais alto paralelamente ao eixo da via e nas mesmas condições de recobrimento do rasto.

Os compressores deverão operar, nas passagens iniciais, de modo que as faixas das juntas transversais ou longitudinais, na largura de 15 (quinze) centímetros não sejam comprimidas; depois de esparramada a camada adjacente, a compressão da mesma deverá abranger a faixa de 15 cm da camada anterior.

Em seguida, a compressão deverá prosseguir até que a textura e o grau de compressão da camada se tornem uniformes e a sua superfície, perfeitamente comprimida, não apresente mais sinais de rastos dos rolos.

Os compressores deverão operar numa velocidade compreendida entre 3,5 a 5 km/h/ Para impedir adesão do aglutinante betuminoso aos rolos, estes deverão ser molhados, não sendo, no entanto, permitido excesso de água.

Os compressores não poderão fazer manobra sobre as camadas que estejam sofrendo rolagem.

A compressão requerida, nos lugares inacessíveis aos compressores será executada por meio de soquetes manuais.

As depressões ou saliências que apareçam depois da rolagem, deverão ser corrigidas, pelo afrouxamento, regularização e compressão da mistura até que a mesma adquira densidade igual a do material circunjacente.

F) CONTROLES

F.1) CONTROLE TECNOLÓGICO

A firma CONTRATADA deverá manter junto à usina, um laboratório devidamente equipado para a realização de ensaios destinados ao controle da mistura betuminosa produzida. Os resultados deverão ser encaminhados ao Laboratório de Assistência e Pesquisas (LAP).

F.1.1) Controle da Uniformidade de Granulometria

Semanalmente, durante a execução dos serviços, deverá ser feito pelo menos 1 (um) ensaio de granulometria de cada um dos agregados componentes da mistura.

Sempre que a FISCALIZAÇÃO julgar oportuno, serão retiradas amostras do agregado mineral ou material betuminoso para os respectivos ensaios.

F.1.2) Controle da quantidade de ligante

A quantidade de ligante deverá ser controlada periodicamente.

F.1.3) Controle da Graduação da Mistura de Agregados

O controle de graduação da mistura de agregados deverá ser feito por meio de ensaio de granulometria. Este ensaio deverá ser repetido periodicamente, com duas amostras de cada vez, sendo que pelo

menos uma deverá ser recolhida na própria usina, uma descarga sem ligante.

F.1.4) Controle de Temperatura

O controle de temperatura deverá ser feito tanto na usina como na pista.

Na usina deverão ser controladas e anotadas as temperaturas dos agregados, do ligante e da mistura betuminosa enquanto na pista, as temperaturas de espalhamento e do início da rolagem.

F.1.5) Laboratório de Assistência e Pesquisas (LAP)

O Laboratório de Assistência e Pesquisas (LAP), juntamente com a FISCALIZAÇÃO, verificará o fiel cumprimento pelas firmas CONTRATADAS dos controles mencionados nos itens anteriores.

F.2) CONTROLE DE VERIFICAÇÃO

A FISCALIZAÇÃO executará na camada acabada as seguintes verificações:

F.2.1) Controle de Espessura

A uniformidade da espessura deverá ser verificada por meio de tantos furos, quantos forem julgados necessários.

A abertura e o preenchimento dos furos deverão ser feitos pela firma CONTRATADA a suas expensas.

A espessura média de um trecho não deve diferir de mais de 8% da espessura projetada; diferenças locais não devem ser superior a 12%.

F.2.2) Controle da Densidade Aparente

A densidade aparente do material extraído da pista será executada de acordo com instruções da Prefeitura Municipal. A densidade aparente não deverá ser inferior a 95% da densidade aparente do projeto.

F.2.3) Controle do Teor de Ligante

O teor de ligante será determinado de acordo com instruções da Prefeitura Municipal. O teor de ligante não deverá afastar-se mais de 0,5 do teor de projeto.

F.2.4) Granulometria

A granulometria será realizada com os agregados resultantes da determinação do teor de ligante, mencionado no item anterior.

A distribuição granulométrica não deve afastar-se da do projeto mais do que as tolerâncias a seguir indicadas:

- ◆ % passando na peneira 1/4" e maiores ± 7%
- ◆ % passando na peneira nº 4 ± 5%
- ◆ % passando na peneira nº 8 ± 5%

- ♦ % passando na peneira nº 40 ± 5%
- ♦ % passando na peneira nº 80 ± 3%
- ♦ % passando na peneira nº 200 ± 2%

1.12 FECHAMENTO

1.12.1 Alvenarias

O objetivo desta especificação é o de normalizar as operações necessárias à execução das estruturas em alvenaria.

Deverão ser obedecidos as dimensões e alinhamentos determinados em projeto, devendo sempre se obter prumo e alinhamento perfeitos e fiadas niveladas. A espessura das juntas não excedera a 1,5 cm, devendo ser rebaixadas com ponta de colher.

Deverão ser utilizados materiais de acordo com o indicado em projeto, devendo ser de boa qualidade.

Antes de sua colocação, os materiais a serem assentados devem ser abundantemente molhados; as superfícies de concreto que tenham contato com a alvenaria serão previamente chapiscadas com cimento e areia (1:4) para permitir boa aderência entre as partes.

Deverão ser deixados os vãos para portas e janelas em aberto, com a folga necessária para os batentes, deixando-se os tacos para fixação durante o levantamento das paredes. Não será permitida fixação por meio de pregos.

Sobre os vãos de portas e sob os vãos de janelas deverão ser construídas vergas de concreto, tendo altura compatível com os vãos. Quando não houver possibilidade de apoio de verga compatível com as concentrações de carga, por ela originadas, deverão ser executadas coxins de concreto armado.

No fechamento de vãos em estruturas de concreto armado, as alvenarias deverão ser executadas até uma altura que permita seu posterior encunhamento contra a Estrutura. Esses serviços de encunhamento só poderão ser executados decorridos, no mínimo, 3 dias da conclusão do levantamento das alvenarias.

As argamassas de assentamento serão: cimento, cal e areia 1:2:9 para blocos de concreto celular e cimento e areia 1:3, para elementos vazados, utilizando-se sempre cal hidratada e areia do tipo médio.

O amassamento deverá ser mecânico, devendo ser de forma continua e durar pelo menos 90s a contar do momento em que todos os componentes, inclusive a água, tiverem sido misturados. O amassamento manual só poderá ocorrer sob autorização expressa da FISCALIZAÇÃO, quando as condições assim justificarem.

Serão preparadas quantidades de argamassa na medida da necessidade dos serviços, de maneira a ser evitado o início do endurecimento antes do seu emprego. As argamassas devem ser usadas dentro de 2,5 horas (duas horas e meia) a contar do momento da adição do cimento.

Será rejeitada e inutilizada toda a argamassa que apresentar vestígios de endurecimento, sendo expressamente vedado tornar a amassá-la. A argamassa retirada ou caída das alvenarias e revestimentos em execução não poderá ser novamente empregada.

Todas as saliências superiores a 3 cm deverão obedecer aos detalhes do projeto, não se permitindo sua execução exclusivamente com argamassa.

O encontro das alvenarias com as superfícies verticais da estrutura de concreto será executado com argamassa de cimento e areia 1:4.

Quando se tratar de alvenaria com tijolos aparentes, os tijolos devem ser recozidos e objeto de escolha especial, neste caso a argamassa de assentamento será de cimento, cal e areia, no traço 1:2:5;

e a espessura da massa, entre as fiadas e nas juntas, será uniforme de 1 cm, salvo indicação em contrário no Projeto. As juntas deverão ser rebaixadas.

1.12.2 Cobertura, Madeiramento, Condutor, Calhas e Rufos

As coberturas com telhas de barro cerâmico serão executadas com telhas bem cozidas, isentas de defeitos e de coloração uniforme.

As telhas tipo francesa deverão ser colocadas do beiral para a cumeeira, que da mesma forma que os espigões, serão cobertas com capas curvas tipo cumeeira e emboçadas com argamassa de cimento, cal e areia.

As coberturas com telhas de fibrocimento deverão ser executadas de acordo com as recomendações do fabricante, obedecendo às declividades mínimas para cada tipo.

As telhas autoportantes de fibrocimento, do tipo canaleta ou de perfil trapezoidal, serão fixadas com parafusos sobre vigas de madeira, ou berço de madeira sobre vigas de concreto, ou sobre apoio metálico, utilizando-se os elementos de fixação indicados pelo fabricante. Os vãos entre apoio e capa serão fechados com placas trapezoidais do mesmo material.

As estruturas de madeira deverão ser executadas de acordo com o projeto, em madeira-de-lei isenta de nós, brocas, carunchos, fissuras ou fibras inclinadas ou torcidas.

Os frechais, contrafrechais, terças e cumeeiras deverão ser emendados somente sobre os apoios onde as esperas deverão se localizar sem ultrapassar o comprimento máximo igual à altura da peça emendada.

As emendas e ligações das pernas, pendurais, escoras e tirantes das tesouras deverão, obrigatoriamente, ser feitas com estribos, braçadeiras e chapas de aço, cujos parafusos deverão ser reapertados periodicamente até a paralisação do afrouxamento decorrente do trabalho e da secagem da madeira.

As ripas deverão ser pregadas nos caibros espaçados de acordo com o tipo de telha a ser empregado, não sendo aceitas ripas rachadas, lascadas ou com nós e falhas. Não poderá ser utilizada madeira "verde".

Todo madeiramento, quando indicado pela FISCALIZAÇÃO, deveser tratado com produtos anticupim, antibrocas; e repelentes de água.

As calhas de beiral poderão ser em chapa galvanizada, moldurada ou de PVC e serão fixadas com escapulas de ferro galvanizado ou suporte de PVC, com espaçamento suficiente para suportar as calhas quando carregadas, devendo ser executadas com declividade suficiente para o perfeito escoamento das águas.

As calhas de platibanda terão uma borda fixada por parafusos no madeiramento do telhado e sob as telhas de forma a captar toda a água escoada. As telhas deverão avançar para dentro da calha, formando pingadeira, a fim de evitar retorno da água para o forro. A outra borda da calha será encostada na platibanda e recoberta com rufos chumbados na alvenaria, com vedação suficiente para impedir qualquer vazamento. Em platibandas; baixas, o rufo deverá recobrir com uma única peça o topo da parede e a calha.

Os rincões, que são calhas de chapa galvanizada em forma de "V" fixadas no madeiramento com pregos em ambos os lados, serão colocados nas águas furtadas dos telhados, ou seja, nas interseções côncavas dos planos dos telhados.

Os condutores serão do tipo indicado no projeto. Em trechos horizontais, deverão apresentar inclinação mínima de 5%. Quando houver desvios na vertical, deverá ser provido de visitas para limpeza. A conexão dos condutores com as calhas será feita nos bocais de forma flexível, não sendo permitido o uso de conexões com ângulo reto. A fixação na vertical deverá ser feita com braçadeiras.

A extremidade inferior do condutor deverá ser curva e estar sempre acima do nível de coleta das caixas ou sarjetas de captação, para queda livre da água, evitando afogamento.

As saídas de calhas internas de beirais de concreto, sem uso de condutores, deverão ser de buzinotes chumbados na laje e com comprimento suficiente para evitar retorno de água.

1.12.3 Esquadrias de Madeira

Deverão ser de madeira de primeira qualidade com sambladuras tipo macho e fêmea.

Os batentes serão parafusados em tacos de madeira previamente chumbados nas paredes, em número mínimo de três de cada lado, que serão chumbados na alvenaria com chumbadores de ferro (grapas). Os parafusos serão de fenda, devendo ficar com a cabeça embutida de forma a permitir acabamento com tarugos de madeira ou com massa. Quando não especificado, deverão ser de latão.

As guarnições deverão ser da mesma madeira da esquadria, parafusadas com buchas na alvenaria das paredes. Quando os alizaris forem tipo caixão e batentes comuns, serão pregados no próprio batente. O arremate das guarnições com o rodapé deverá ser executado de forma a dar um acabamento perfeito.

As portas deverão ser de madeira bruta ou de chapas tipo compensado. As externas serão de madeira maciça, espessura mínima de 3,5 cm, de tipo almofadado ou de calha ou com frisos macho e fêmea tipo lambril. Os montantes e travessas serão com sulcos de profundidade até 1,2 cm para embutimento das almofadas ou calhas. O número de travessas ou pinázios deverá ser, no mínimo de três para cada folha.

Os caixilhos de madeira para vidraças deverão ser montados com baguetes e massas calafetantes para assegurar aderência do vidro com a madeira e vedação perfeita. Poderá ser usada também gaxeta de compressão em perfil rígido de elastômero com tiras de enchimento. Após o envidraçamento, os caixilhos deverão ser submetidos a testes com jatos d'água para verificar a vedação.

1.12.4 Esquadrias Metálicas

As esquadrias de ferro serão executadas em perfis-cantoneira para os pequenos vãos e em chapa dobrada com baguetes de ferro ou alumínio para os grandes vãos, obedecendo rigorosamente às indicações do projeto.

As esquadrias somente serão assentadas depois de aceitas pela Fiscalização, que verificará se a execução e acabamento estão de acordo com o projeto.

Todas as unidades, depois de armadas, deverão ser marcadas; de forma a facilitar a identificação com o vão correspondente.

Os contramarcos e marcos deverão ser chumbados e selados de forma que a esquadria fique prumada e nivelada.

Não serão aceitas rebarbas nem saliências de soldas nos quadros. Todos os furos para rebites e parafusos deverão ser escareados e as saliências limadas.

As junções por justaposição serão feitas com parafusos, rebites ou pontos de solda espaçados entre si em, no máximo, 8 cm.

As peças de aço desmontáveis serão fixadas com parafusos de latão, cromados ou niquelados, de acordo com o acabamento das peças.

Os chumbadores das esquadrias terão as extremidades em forma de cauda andorinha e serão fixados com argamassa de cimento e areia distanciados entre si em no máximo, 60 cm e em número mínimo de duas unidades de cada lado.

Os rebaixos; e encaixes para dobradiças, fechaduras, trincos e fechos deverão ter o formato justo da peça, não sendo permitido emassamento e encunhamento das folgas nos desbastes para ajustamento.

As partes móveis das esquadrias; verticais ou horizontais serão providas de pingadeiras para evitar infiltrações. As janelas serão dotadas de soleiras com acabamento inclinado para a face externa, a fim de permitir o escoamento das águas. As esquadrias; de grandes dimensões expostas ao tempo deverão ser providas de juntas de dilatação. Quando a menor dimensão de uma esquadria for maior que 2 m, os quadros, marcos e contramarcos deverão ser reforçados. Os caixilhos para vidros deverão ser submetidos a provas de estanqueidade.

As portas de correr serão montadas sobre trilhos que servirão de guias e suportes das roldanas, cuja localização será a definida no projeto.

As portas de abrir serão montadas em quadros tipo batentes fixados nas paredes.

As portas de enrolar abrirão no sentido vertical correndo em guias laterais de aço, chumbadas no prumo das paredes. O dispositivo de enrolamento será montado na parte superior, nivelado em conjunto com as guias, de forma a permitir que se abra sem esforço.

Todas as esquadrias metálicas deverão ser fornecidas completas e com pintura antiferrugem.

1.12.5 Esquadrias de Alumínio

Serão executadas e montadas de acordo com o projeto. Não será admitido o contato direto de metais pesados com o alumínio. O isolamento deverá ser feito com pintura de cromato de zinco, borracha clorada ou outro produto similar.

Os parafusos e rebites para emenda das peças serão de aço zincado e os furos escareados para acabamento sem folgas ou saliências.

A anodização deverá conter acetato de níquel e, quando não for especificado a parte ou indicado no projeto, o recobrimento mínimo permitido será de vinte micra de espessura.

As peças não-anodizadas serão protegidas com filme de macropolímero olefúrico tipo "polaray" C.

As esquadrias serão fixadas com contramarcos chumbados previamente nas paredes, com vedação perfeita de forma a evitar qualquer infiltração. As janelas deverão ter soleiras e as peças móveis verticais e horizontais serão protegidas com pingadeiras.

Não serão aceitos caixilhos com rebaixo aberto. Os vidros serão protegidos com baguetes do mesmo material, associados com material de calafetação à base de elastômero de silicone. Também poderão ser utilizadas gaxetas de pressão em perfil rígido de elastômero de neoprene com tiras de enchimento.

As portas terão os perfis das folhas unidos com cantilhões de alumínio estruturado e parafusados; no quadro do chassi, a união será feita com parafusos auto-atarrachantes; as dobradiças serão de alumínio especial e os puxadores de alumínio anodizado.

1.12.6 Vidros

Os vidros serão do tipo e formato definidos pelo projeto, cuja espessura será função da área do corte, vibração e pressão de ventos. Não serão aceitos vidros defeituosos, com bolhas, lentes, ondulações, ranhuras e desbitolados. Deverão ser fornecidos cortados nas dimensões previstas, evitando-se sempre o corte na obra. As bordas dos cortes deverão ser esmerilhadas de forma a se apresentarem lisas, regulares e isentas de lascas.

Os vidros temperados deverão ser entregues com a respectiva ferragem e obedecer a todas as prescrições. Os detalhes de furação serão definidos no projeto. O diâmetro dos furos deverá, no

mínimo, ser igual à espessura da chapa. A distância entre as bordas de dois furos ou entre a borda de um furo e a aresta da chapa deverá ser, no mínimo, igual a três vezes a espessura do vidro.

As esquadrias, antes de receberem os vidros, deverão estar preparadas e limpas e os caixilhos de ferro pintados com tinta antioxidante.

No assentamento de vidros com grampos ou prendedores não será admitido o contato direto do elemento metálico com o vidro, devendo ser interposto calço especial. Em caixilhos, será obrigatório o uso de gaxetas ou baguetes para apoio dos vidros, facilitando os deslocamentos consequentes de dilatação. Em nenhuma hipótese o vidro deverá ser apoiado diretamente sobre elementos de sustentação; o repouso de placas no leito deverá ser somente sobre dois calços distanciados a um terço das extremidades das chapas; entre o vidro e a esquadria deverão ser previstas folgas de 3 mm a 5 mm para absorver a dilatação.

A CONTRATANTE não pagará vidros que forem quebrados durante a colocação, nem os que forem substituídos em decorrência de defeitos e rejeição.

1.13 REVESTIMENTO E TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE

Os revestimentos de paredes, forros e os tratamentos deverão ser executados somente após o término e testes das instalações, bem como após a conclusão da cobertura.

Todos os materiais utilizados e sua metodologia de aplicação deverão atender ao prescrito, nesta especificação, nas normas pertinentes, as quais acham-se listadas ao final deste capítulo e aprovados pela FISCALIZAÇÃO.

Os pisos só poderão ser executados após estarem concluídas todas as canalizações embutidas, bem como os revestimentos de paredes e tetos.

As superfícies a serem revestidas deverão ser limpas e lavadas a fim de evitar gorduras, vestígios orgânicos e outras impurezas que possam acarretar destacamentos futuros.

1.13.1 Chapisco

Chapisco é uma argamassa aplicada de forma irregular nas superfícies de alvenaria ou de concreto das paredes, tetos, beirais, vigas e pilares.

O chapisco deverá ser utilizado no máximo em duas horas a partir do primeiro contato da mistura com a água e desde que não apresente quaisquer vestígios de endurecimento.

O excedente de argamassa, que não aderir à superfície, não poderá ser reutilizado, sendo expressamente vedado reamassá-la.

O chapisco fino, composto de cimento e areia média no traço 1:3 em volume, deverá ser sempre aplicado antes da execução do emboço para aumentar a aderência nas superfícies.

O chapisco grosso, composto de cimento e areia grossa ou pedrisco, com traço 1:3 em volume e granulometria média de 6 mm, deverá ser utilizado como acabamento de revestimento.

Quando for específico ou exigido pela FISCALIZAÇÃO a aplicação de chapisco com impermeabilizante hidrófugo, a argamassa deverá ser de cimento e areia no traço 1:2 em volume.

1.13.2 Emboço

Emboço é a camada de revestimento aplicada diretamente sobre superfícies previamente chapiscadas e destina-se a receber o acabamento com reboco e outros produtos industrializados.

O emboço deverá ser feito com argamassa de cimento, cal e areia no traço 1:2:6 em volume.

Para facilitar a aderência do emboço, as superfícies deverão ser umedecidas durante a execução dos serviços.

A aplicação do emboço somente será a permitida após a cura (endurecimento) completa do chapisco e do embutimento de toda tubulação, conduítes e caixas, previstos para instalações de água, esgoto, luz, telefone e gás.

Antes da aplicação do emboço deverão ser executadas guias-mestras de argamassa de forma a permitir que a superfície emboçada fique totalmente plana e regular com espessura máxima de 20 mm.

A areia a ser utilizada nas argamassas para emboço deverá ser de granulometria média, com diâmetro máximo de 2,4 mm, conforme as especificações da NBR-7211.

Quando a argamassa for preparada com cal virgem, esta deverá ser aplicada somente após a decorrência de, no mínimo, três dias de hidratação de cal.

1.13.3 Reboco

Reboco é a camada com espessura máxima de 5,0 mm, que dá o acabamento dos emboços das paredes, tetos e beirais. Será executado com argamassa de cal e areia fina no traço 1:4 em volume, ou com produtos industrializados.

A superfície deverá ser molhada, antes da execução do reboco.

Os materiais da mescla deverão ser dosados a seco deverá ser executada a quantidade de mescla conforme as etapas de aplicação fim de se evitar o início de seu endurecimento antes de seu emprego. O excedente de argamassa, que não aderir à superfície, não poderá ser reutilizado.

As peças serão aplicadas com argamassa mista preparada na obra (observando-se consumo de 100 kg de cimento por m³ de argamassa), ou argamassas industrializadas.

No caso de aplicação feita através de argamassas industrializadas, as peças não deverão estar molhadas, exceto quando a aplicação for feita em época de alta temperatura ambiente.

A argamassa deverá ser aplicada com desempenadeira de aço, formando-se sulcos e cordões finos (7 mm) e paralelos, para melhor aderência.

As peças deverão ser pressionadas adequadamente para total aderência.

Quanto às juntas, deverão ser observadas as distâncias recomendadas pelo fabricante. O rejuntamento só poderá ser efetuado 05 (cinco) dias após o assentamento.

1.13.4 Revestimento de Piso

a) Contra Pisos

Serão aplicados como base de proteção para os pisos internos e externos em contato com o solo.

O terreno deverá ser molhado previamente, de maneira abundante, porém sem deixar água livre na superfície.

O concreto deverá ser lançado, espalhado e não desempenado sobre o solo, nivelado e compactado, depois de concluídas as canalizações de que deverão ficar embutidas no piso.

A superfície do contra piso deverá ser plana, porém rugosa, nivelada ou em declive, conforme indicação de projeto.

Quando não houver indicação no projeto, deverá ser adotada espessura mínima de 60 mm, com consumo mínimo de cimento de 210 kg/m³, adicionando-se impermeabilizante, conforme prescrição do fabricante e orientação da FISCALIZAÇÃO.

b) Piso Cimentado Liso

Deverá ser executado com espessura mínima de 20 mm e com cimento de fabricação recente, água isenta de óleos, ácidos etc. e areia média com diâmetro máximo de 2,4 mm, isenta de argila, gravetos e impurezas orgânicas e, quando necessário, adicionar impermeabilizante.

A superfície deverá ser raspada de todo material resultante de queda e aderência quando da execução de revestimentos de paredes e tetos.

A superfície de base deverá ser limpa por varredura e lavada, no caso do capeamento ser executado sobre base já endurecida (laje de concreto).

A superfície deverá ser dividida em painéis, com juntas plásticas alinhadas, colocadas juntamente com a execução do revestimento e espaçadas conforme projeto arquitetônico.

Deverá ser usado gabarito para garantir a linearidade das juntas.

A argamassa deverá ser lançada sobre lastro ou base previamente saturados, porém sem água livre na superfície.

A superfície final deverá ser desempenada e alisada a colher, após o polvilhamento com cimento, misturado ou não com corante, de acordo com indicação da FISCALIZAÇÃO.

As juntas deverão ficar aparentes, lixando quaisquer irregularidades.

Desníveis de até 20 mm entre duas superfícies contíguas, deverão ter arestas boleadas, evitando-se cantos vivos.

A cura deve ser feita, conservando-se a superfície constantemente úmida durante sete dias.

c) Piso Cerâmico

Serão de primeira qualidade, com dimensões, tipo e cor definidos no projeto, ou, na inexistência deste, a critério da FISCALIZAÇÃO.

Os ladrilhos deverão ser selecionados e descartadas as peças defeituosas. As peças a serem utilizadas num mesmo ambiente deverão ser do mesmo lote.

Antes da aplicação, os ladrilhos deverão ser deixados imersos em água limpa por período mínimo de vinte e quatro horas.

As juntas deverão ser perfeitamente alinhadas, com largura máxima de 1,2 mm para ladrilhos de dimensões inferiores a 0,20 x 0,30 m e de 2 mm para os de dimensões superiores.

O rejuntamento será feito com aplicação de cimento, na cor determinada em projeto, no mínimo, setenta e duas horas após o término do assentamento.

A limpeza da superfície ladrilhada deverá ser feita com a aplicação de pó de serra e antes da secagem completa das juntas.

A perfeita fixação dos ladrilhos após a pega da argamassa deverá ser verificada por meio de percussão, devendo ser substituídas as peças que não estiverem perfeitamente aderidas ou com defeito.

Será proibida a passagem sobre os pisos recém colocados, durante, no mínimo, dois dias, ainda que seja sobre as tábuas.

1.13.5 Impermeabilização e Proteção Térmica

Tem por objetivo a estanqueidade da obra, de forma a mantê-la protegida contra qualquer tipo de infiltração de água. A estanqueidade estará assegurada quando forem utilizados materiais impermeáveis adequados e de permanência definitiva.

A impermeabilização deverá ser aplicada apenas em superfícies resistentes, uniformes e perfeitamente secas, sendo obrigatório um mínimo de cinco dias de sol antes do início de seus serviços. Os tipos de impermeabilização são determinados em função da forma de penetração de Para efeito desta determinação, deverá ser considerada a penetração de água devido à pressão, percolação e umidade de solo; os tipos de impermeabilização decorrentes poderão ser de concretos e argamassas impermeáveis, membranas asfálticas ou poliméricas, revestimentos e pinturas impermeabilizantes.

A aplicação dos materiais impermeabilizantes, indicados no projeto, deverá seguir as recomendações dos fabricantes e ser feita por pessoal habilitado, tomando-se todas as precauções contra intoxicações e infiltração de gases.

Antes do início do trabalho de aplicação da impermeabilização, a superfície deverá estar convenientemente tratada, ou seja:

- as trincas e fissuras deverão ser identificadas e calafetadas com mástique elástico apropriado, mediante a abertura de canaleta em “U” ao longo da trinca ou fissura, nas dimensões de 10 mm de profundidade por 20 mm de largura, exceto s trincas localizadas internamente em estruturas hidráulicas;
- cantos e arestas deverão estar devidamente arredondados, conforme normalização própria;
- passagens de emergentes e tubulações através da peça a impermeabilizar deverão estar devidamente tratadas por meio de abertura de canaleta em “U” nas dimensões de 10 mm de profundidade por 20 mm de largura que será aberta ao longo do perímetro do emergente ou tubulação. Esta canaleta será preenchida com mástique elástico apropriado;
- não será permitida a execução de arremates de sistemas impermeabilizantes em platibandas e/ou outros elementos perimetrais construídos com blocos de concreto ou tijolos furados;
- deverão ser retirados todos os corpos contundentes salientes do concreto;
- a peça deverá estar totalmente limpa, seca e isenta de óleos e graxas.

Todos os materiais a serem utilizados deverão ter prévia autorização

1.13.5.1 Impermeabilização Rígida com Argamassa

Não poderá ser utilizada para impermeabilização interna de reservatórios decantadores ou peças destinadas ao armazenamento de água sob pressão.

A estrutura não poderá apresentar trincas e as existentes deverão ser tratadas; a superfície deverá apresentar-se limpa, isenta de corpos estranhos, com cantos arredondados e caimento mínimo de 1% em direção aos coletores, quando se tratar de lajes ou viga-calha.

A argamassa deverá ser confeccionada com aditivo impermeabilizante dissolvido na água, cimento e areia média.

A aderência da argamassa ao substrato deverá ser garantida através de chapisco.

O traço da argamassa deverá ser de cimento e areia na proporção 1:3 em volume; a quantidade de

aditivo deverá seguir as recomendações do fabricante.

A aplicação deverá ser feita em três camadas de 10 mm cada, acabada com desempenadeira de madeira.

A cura de argamassa deverá ser constante através de molhagem, e por, no mínimo, três dias.

1.13.5.2 Impermeabilização Betuminosa

A aplicação e o consumo deverão seguir as recomendações do fabricante.

Quando for usado asfalto "in-natura", este deverá ser do tipo oxidado, aquecido com temperatura não inferior a 180°C e não superior a 220°C, aplicado em, no mínimo, três camadas.

A película final resultante deverá ter consumo mínimo de 2 kg/m².

Ocorrendo chuvas entre a aplicação de camadas sucessivas, o serviço deverá ser paralisado.

O reinício se dará somente quando a superfície estiver completamente isenta de umidade.

1.13.5.3 Impermeabilização Composta por Pasta de Cimento e Polímeros

Este sistema impermeabilizante, quando especificado, serão obrigatoriamente aplicados nas faces internas das estruturas hidráulicas.

a) Preparo da superfície

- Regularizar a superfície, tampando os buracos maiores (profundidade maior que 5 mm), preparando-a para receber a impermeabilização, com uma mistura de cimento e areia fina na proporção de 1:2 em volume, aplicada com esponja;
- Os poros menores (profundidade menor que 5 mm) deverão ser corrigidos com o próprio produto em consistência de pasta e aplicado com desempenadeira de aço. Os cantos vivos devem ser arredondados;
- Materiais aderidos ao concreto (nata, argamassa, etc.) deverão ser removidos.
- As trincas devem ser tratadas;
- As superfícies lisas deverão ser lixadas (lixa grossa ou escovas de aço) e aplicada uma pintura adesiva composta por cimento, areia fina, água e adesivo (componente líquido), precedendo à impermeabilização, na proporção:
- Cimento: Areia - 4:4 Água: Adesivo - 1:1
- Molhar a superfície do concreto até a saturação.

b) Preparo e aplicação da impermeabilização

- Proceder à mistura do produto, obedecendo ao proporcionamento indicado pelo fabricante, até total homogeneidade do material.
- Aplicar três demãos cruzadas, utilizando brocha, tomando-se os cuidados a seguir:
- Aplicar nova demão cruzada, assim que a brocha não arranque (risque) a demão anterior. Caso contrário, se não houver tempo, curar a demão aplicada, borrifando água, assim que se note o endurecimento superficial da pintura, por um período de doze horas; em seguida encharcar a superfície e aplicar a nova demão cruzada.

- Curar a última demão durante doze horas de sua aplicação, molhar o revestimento abundantemente com água por um período de sete dias, e colocar a estrutura em carga.

Obs.: O consumo mínimo de cimento impermeabilizante deverá ser 1 kg/m²/demão e do componente líquido de 0,1 kg/m²/demão.

1.14 PINTURAS

As superfícies destinadas a receber pintura serão rigorosamente preparadas com a remoção de todos os resíduos, serão emassadas, regularizadas, lixadas, limpas e secas. Este preparo também deverá ser feito quando as superfícies forem totalmente emassadas e aparelhadas com massa corrida, antes do recebimento da pintura.

A pintura deverá ser feita somente após secagem completa da superfície. Todos os elementos que não receberem pintura deverão estar protegidos de quaisquer respingos de tinta. Antes do início de qualquer pintura, o local de trabalho deverá estar limpo e livre de resíduos decorrentes do preparo das superfícies, não sendo permitida a execução simultânea de preparo de superfície e pintura.

O acabamento final da pintura deverá apresentar tonalidade uniforme, devendo aplicar-se tantas demãos quantas necessárias. As tintas deverão ser de primeira linha e estarem condicionadas em embalagens originais dos fabricantes, as cores serão as previstas no projeto. As pinturas de superfície externas não serão permitidas com tempo chuvoso e úmido. Após ocorrência de chuvas dever-se-á esperar que a superfície esteja totalmente seca para que sejam reiniciados os serviços. Todos os respingos de tintas deverão ser removidos no instante da ocorrência a fim de facilitar a limpeza final da obra.

As pinturas e dissoluções de tintas na obra deverão obedecer às especificações dos fabricantes e sua aplicação dar-se-á somente após a liberação da Fiscalização.

1.14.1 Pintura a Cal

São aplicáveis em superfícies internas e externas devidamente preparadas. As demãos deverão ser executadas em direções cruzadas; nos tetos, a última demão deverá, sempre, ser perpendicular aos vãos de luz.

Para as superfícies excessivamente absorventes, a primeira demão deverá conter óleo de linhaça.

1.14.2 Pintura Látex a Base de PVA ou Acrílica

Deverá ser aplicada massa de PVA ou acrílica (massa corrida), para o mesmo tipo de tinta.

Aplicar líquido selador, misturado com um pouco de tinta de acabamento ou corante concentrado.

No caso de pintura exterior, verificar se o produto é o indicado para esse fim.

Após secagem do fundo, aplicar às superfícies tantas demãos quantas necessárias para um perfeito acabamento, sendo que a Fiscalização deverá exigir, no mínimo, duas demãos de látex espaçadas de pelo menos três horas.

A aplicação deverá ser com trincha ou rolo, conforme instruções do fabricante.

1.14.3 Pintura a Óleo e Esmalte

A superfície deve ser preparada e receber uma demão primária seladora de acordo com o material a ser utilizado.

Após secagem de base, deverão ser aplicadas duas a três demãos de tinta a óleo, com espaçamento mínimo de vinte e quatro horas cada uma.

A superfície já pintada deverá ser lixada levemente com lixa d'água e seca antes da nova demão.

A aplicação deverá ser com trincha, rolo ou revólver, conforme instruções do fabricante.

1.14.4 Pintura a Verniz

Aplicada para proteção de superfícies de madeira, em uso interno ou externo.

Sobre a superfície previamente preparada será aplicada a primeira demão de verniz com o uso de "bonecos" de tecido de algodão.

Os orifícios deverão ser obturados com massa constituída de verniz, gesso, óleo de linhaça e corante, procurando, na dosagem, obter coloração próxima à da madeira natural.

Após a completa secagem, deverá ser feita um lixamento até a obtenção de uma superfície totalmente lisa. Aplicam-se mais duas demãos de verniz, aguardando-se os intervalos de total secagem, conforme instruções do fabricante.

1.14.5 Pintura Grafite

Aplica-se para proteção de peças metálicas, estruturas, postes de iluminação, caixilhos etc.

A superfície deverá ser preparada tomando-se cuidado especial na remoção de ferrugem. Em seguida deverá ser aplicada 1 (uma) demão de fundo anticorrosivo. Após secagem do fundo, deverão ser aplicadas duas a três demãos de grafite, com espaçamento mínimo de vinte e quatro horas entre cada uma.

A aplicação deverá ser por trincha, conforme instruções do fabricante.

1.14.6 Pintura a Base de Silicose

Esta pintura deverá ser aplicada para repelir a água em superfícies de alvenaria, concreto, argamassa e outros materiais que contenham silicatos.

A aplicação deverá ser efetuada somente em superfícies secas; revestimentos novos deverão secar durante 2 duas semanas; não deverá ser aplicado em dia chuvoso, aguardando-se pelo menos três dias após a última chuva.

Deverá ser aplicada uma demão abundante de modo que chegue a escorrer, ensopando a superfície.

Em paredes destinadas a receber pintura à base de cal ou cimento, a pintura deverá ser executada antes da aplicação do silicone.

A aplicação deveser por brocha ou revólver, que deverá ter bico largo e pressão baixa para evitar a pulverização, conforme as instruções do fabricante.

1.14.7 Pintura Alumínio

Recomendada para estruturas e perfis metálicos.

A superfície deverá ser preparada, dando-se especial atenção à eliminação de ferrugem. Deverá ser aplicada demão primária, seladora, de acordo com o material a ser utilizado. Após secagem da base, deverão ser aplicadas de duas a três demãos de tinta alumínio, com espaçamento mínimo de vinte e quatro horas entre cada uma.

A aplicação deverá ser com trincha ou revólver seguindo as instruções do fabricante.

1.14.8 Pintura Antiferruginosa ou Primer

Será aplicável em superfícies metálicas previamente lixadas, livres de ferrugens e rebarbas de soldas.

O lixamento deverá ser feito com lixa de ferro umedecida em querosene para facilitar a remoção da ferrugem. A pintura deverá ser feita imediatamente após a limpeza.

A pintura antiferruginosa deverá receber as correções e retoques que forem necessários, antes da pintura definitiva de acabamento.

As superfícies zincadas ou galvanizadas, como calhas, rufos, condutores etc.; deverão ser pintadas com "primer" à base de cromato de zinco, antes de receberem a pintura de acabamento, óleo, esmalte etc.

OBS.: A pintura de tubulações e acessórios nas estações de tratamento, de recalque e reservatórios, além da proteção anticorrosiva, deves atender a estética e padronização de cores, conforme normas em vigor.

1.15 URBANIZAÇÃO

1.15.1 Cercas de Tela Tipo Alambrado

A vedação será com tela de arame ou tela de arame revestido de PVC, com malha de no máximo 5 x 5 cm, do início da mureta até o início da deflexão do mourão, completada com fios de arame farpado. Os mourões serão de aço galvanizado, conforme descrito no projeto.

A fixação da tela na parte inferior será chumbada com grampos de arame galvanizado na mureta, constituída de duas fileiras de blocos de concreto ou de tijolos comuns, na altura definida no projeto.

Nos pontos de mudança de direção, interrupção e intermediários de trechos longos, os mourões deverão ser escorados com escoras colocadas com inclinação de 45º, em vãos máximos de 25 m de extensão. A pintura de acabamento será tinta esmalte.

1.15.2 Plantio de Grama em Placas

Deve-se proceder à limpeza, regularização e preparo da superfície com revolvimento do solo para se obter uma camada de até 0,20 m com granulação homogênea. Deixar o solo descansar durante trinta dias; verificar o pH do solo e, caso necessário, fazer as correções devidas. Fazer plantação de grama isenta de vegetação parasitária; adubação orgânica, natural ou química; cobertura com terra vegetal peneirada.

As placas deverão receber uma compactação dosada para que as raízes da grama tenham contato mais íntimo com o solo. Fazer eventual cravação de piquetes em taludes; proteção; remoção do material excedente e manutenção por um prazo de sessenta dias; inclusive, a primeira poda da grama só deverá ser feita depois que o gramado tenha "fechado"; rega constante até que as placas fiquem homoganeamente arraigadas ao terreno.

1.15.3 Plantio de Arbustos e Árvores

Preparo das covas (tamanho mínimo de 0,40 x 0,40 x 0,40 m); a terra do plantio deverá estar livre de ervas daninhas, apresentando boa estrutura granulométrica; deverá ser incorporado esterco de curral

bem curtido, ou similar, na proporção de 100 l/m³ de terra.

Quando necessário, corrigir o pH do solo e após quinze dias aplicar uma adubação com NPK de 10:10:10, na base de 500 g/m³ de terra. Após a colocação da muda no centro da cova, completar o vão formado com a terra adequada, compactando-a ao redor do torrão da planta.

Fazer irrigação logo após o plantio; todas as mudas isoladas deverão ser amparadas por meio de leitores que não deverão injuriar as raízes; dar proteção e manutenção até à pega final.

1.15.4 Guarda-Corpo

Será empregado guarda corpo segundo o padrão estabelecido pela PROLAGOS, utilizando-se tubos de aço galvanizado, Ø 50 mm, pintados na cor amarela. Todos os guarda-corpos deverão estar devidamente aterrados.

A altura do guarda corpo deverá ser de 1,20 m e espaçamento das barras intermediárias no esquema 2x0,50 m + 1x0,20 m. O comprimento máximo deverá ser 2,50 m. A fixação será feita por chumbadores de expansão diâmetro mínimo 10 mm.

A superfície do guarda-corpo deverá ser limpa com solventes e receber uma demão de primer zarcão. A pintura de acabamento deverá ser com duas demãos de esmalte sintético.

Todo guarda-corpo deverá ser aterrado conforme normas da ABNT.

1.15.5 Grade de Piso

a) Moldadas

Deverá ser empregada grade de piso em fibra de vidro, fabricadas com perfis pultrudados no formato "I", com percentual de fibra de vidro de 65%, o que confere uma maior resistência mecânica em relação as que são produzidas por outros processos.

A distancias entres os apoios não deverão ser maior que 1,00 m, e a largura e comprimento recomendados para o painel é de 1200mm x 2000mm. A altura mínima deverá ser de 38 mm. A superfície deverá ser antiderrapante e a resina deverá ser aditivada com retardante a chamas e com inibidor de raios ultravioleta.

As garantias deverão cobrir quaisquer deficiências do produto, fabricação ou desempenho.

b) Injetadas

Deverá ser empregada grade de piso em fibra de vidro, injetadas, leves e de fácil corte que permitam rápida e eficiente montagem no local da obra. As grades deverão ser construídas com 60% de resina e 40% de fibra de vidro com superfície antiderrapante. A resina deverá ser aditivada com retardante a chamas e com inibidor de raios ultravioleta.

são ideais contra a corrosão.

As grades injetadas em moldes fechados, devem possuir excelente resistência mecânica e são indicadas para a aplicação em ambientes quimicamente agressivos.

A largura e comprimento recomendados para o painel é de 2000mm x 1000mm.

As garantias deverão cobrir quaisquer deficiências do produto, fabricação ou desempenho.

1.15.6 Escada Tipo Marinheiro

As escadas tipo marinheiro com guarda corpo e patamar para descanso montados com grade de piso e apoiado sobre mão francesa com guarda corpo em todo perímetro.

Deverá ser fabricada pelo processo de pultrusão, em resina isoftálica reforçada com fibra de vidro e acabamento com véu de superfície. A superfície deverá ser antiderrapante e a resina deverá ser aditivada com retardante a chamas e com inibidor de raios ultravioleta.

A altura do guarda corpo deverá ser de 1,10 m e a distância recomendada entre os montantes deverá ser de 1,00 m (máxima 1,20 m), a fixação será feita por pequenas sapatas (perfil pultrudado). A cor do guarda corpo deverá ser amarela e a da escada de marinheiro para a estrutura e grade de piso.

As garantias deverão cobrir quaisquer deficiências do produto, fabricação ou desempenho.

1.16 SERVIÇOS ESPECIAIS

1.16.1 Implantação de Tubulação por Método Não-Destrutivo

Independentemente do processo empregado, a implantação de tubulações por método não destrutivo deverá contemplar os seguintes pontos, no mínimo, mas sem se limitar aos mesmos:

- Fidelidade dimensional do diâmetro interno útil e do alinhamento longitudinal das paredes internas da tubulação;
- Obediência às declividades longitudinais, ao caminhamento em planta e ao espaçamento entre poços de visita estabelecidos em projeto;
- Acabamento interno liso e livre de arestas, rebarbas e quaisquer irregularidades de superfície;
- Revestimento interno e/ou material empregado compatível para aplicação em esgotos sanitários, em contato com solo e ambientes agressivos;
- Estabilidade estrutural da tubulação;
- Não deverá permitir a ocorrência de recalques no terreno e adjacências, nem causar danos a edificações e instalações circunvizinhas;
- A tubulação deverá ser estanque (de fora para dentro e vice-versa), incluindo-se as interfaces com poços de visita;
- Poços de visita deverão ser estanques (de fora para dentro e vice-versa) e deverão estar incluídos nos serviços de implantação das tubulações;
- Obediências às normas de segurança de forma análoga ao preconizado para as obras de vala a céu aberto, incluindo-se sinalizações e proteções para trânsito e veículos, operários e transeuntes.

A adoção de um determinado processo deverá ser previamente aprovada pela PROLAGOS e pela Fiscalização.

Não controlada

10.4 Anexo IV – Especificações Técnicas de Materiais e Equipamentos

Não controlado

Não controlada

Não controlado

Sistema de Esgotamento Sanitário de
Iguaba Grande – RJ

PROJETO BÁSICO

Especificações Técnicas de Materiais e Equipamentos

Novembro/2017

Não controlada

SUMÁRIO

1	ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS HIDRÁULICOS	5
1.1	TUBOS E CONEXÕES	5
1.1.1	Tubos	5
1.1.2	Conexões de Ferro Fundido	6
1.1.3	Conexões de Aço	6
1.1.3.1	Características Normativas e Construtivas.....	6
1.1.3.2	Material Construtivo	6
1.1.3.3	Revestimento	6
1.1.3.4	Peças de Parede	8
1.1.3.5	Juntas Flangeadas.....	8
1.1.3.6	Parafusos	8
1.1.3.7	Transporte	8
1.1.3.8	Testes e Inspeções.....	8
1.1.3.9	Garantia do Produto - Marcação.....	9
1.2	TAMPÃO DE FERRO FUNDIDO.....	9
1.3	MEDIDOR DE VAZÃO ELETROMAGNETICO	9
1.3.1	Descrição do Equipamento	9
1.4	CONJUNTOS ELEVATÓRIOS	10
1.4.1	Generalidades	10
1.4.2	Condições de Operação.....	10
1.4.3	Requisitos de Projeto	11
1.4.3.1	Tipo de Bomba	11
1.4.3.2	Construção da Bomba	11
1.4.3.3	Sistema de Refrigeração.....	11
1.4.3.4	Selagem da Entrada do Cabo	11
1.4.3.5	Motor	12
1.4.3.6	Rolamentos	12
1.4.3.7	Selo Mecânico	12
1.4.3.8	Óleo	13
1.4.3.9	Eixo da Bomba.....	13
1.4.3.10	Impulsor	13
1.4.3.11	Anéis de Desgaste	13
1.4.3.12	Voluta	13

1.4.3.13	Proteção	13
1.4.4	Testes, Inspeções e Ensaios de Recebimento	14
1.4.4.1	Testes e Inspeções da Fábrica	14
1.4.4.2	Testes e Inspeções no Campo	14
1.4.4.3	Ensaios de Recebimento	15
1.4.5	Peças Sobressalentes.....	15
1.4.6	Garantias	15
1.5	VÁLVULAS, EQUIPAMENTOS E ACESSÓRIOS	15
1.5.1	Válvula de Retenção.....	15
1.5.2	Registro de Gaveta	16
1.5.3	Ventosa de Tríplice Função para Esgoto.....	16
1.6	MONOVIA RETA COM TALHA MANUAL	16

1 ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS HIDRÁULICOS

A seguir, são apresentadas as especificações dos principais materiais e equipamentos previstos na implantação da obra.

1.1 TUBOS E CONEXÕES

1.1.1 Tubos

Tubos Corrugados em PVC Rígido

Os tubos para a rede coletora serão em PVC Rígido, cor ocre, no diâmetro de 150 mm, serão fornecidos em barras de 6 metros. O acoplamento entre os tubos será em ponta e bolsa com junta elástica, com anel de borracha, tipo perfilado, específico para tubos corrugados.

A temperatura máxima para condução dos esgotos é de 40º C. Os tubos deverão ser fabricados conforme NBR 7362-1 de 2005 e NBR 7362-3 de 2005 com dupla parede, ou seja, parede corrugada externamente e lisa internamente. De acordo com a Norma NBR 7362-3 a classe de rigidez dos tubos deverá atingir 5000 Pa.

R-PVC

Os tubos RPVC apresentam estrutura monolítica composta de um tubo de PVC extrudado reforçado externamente com resina poliéster e fibra de vidro.

Os tubos e conexões RPVC além de possuírem dois tipos de juntas, elástica e rígida, permitem diversas formas de união o que propicia aos projetistas e usuários a especificação mais adequada para cada caso. O diâmetro externo das pontas da linha RPVC/JE possibilita acoplamento direto às bolsas das linhas PRFV/JE, PVC DeFoFo e de ferro fundido. As tubulações de R PVC deverão estar de acordo com as normas da ABNT.

PVC PBS

Os tubos PVC PBS são desenvolvidos para condução de água em temperatura ambiente (20°C), para aplicação em instalações industriais, piscinas e grandes obras verticais, visto as opções de classes de pressão e diâmetros disponíveis, além dos flanges para uso em redes que necessitam de desmontagem para manutenção. Os tubos e conexões são fabricados em PVC, na cor marrom. A Linha oferece a junta com flanges. Em relação às furações, os flanges da Linha PSB são fabricados de acordo com a NBR 7669 da ABNT.

Tubos de PVC Rígido DEFoFo

As tubulações para o emissário deverão ser em PVC rígido DEFoFo, com junta elástica para aplicação em esgotos sanitários e deverão estar de acordo com a Norma NBR-7362 (EB 644 da ABNT), NBR-5647, NBR-7665 e NBR-9650.

As tubulações de PVC rígido, com junta elástica, para aplicação em águas pluviais, deverão estar de acordo com as normas da ABNT.

Tubulações de Ferro Fundido

As tubulações de ferro fundido com flanges serão de classe PN-10, para aplicação em esgotos sanitários. As tubulações com bolsas, também para aplicação em esgotos sanitários, serão de classe K-7.

Os tubos de ferro fundido deverão ser revestidos internamente com argamassa de cimento aluminoso por centrifugação e externamente com zinco metálico e pintura betuminosa.

As tubulações de ferro fundido deverão estar de acordo com as normas NBR-7663, NBR-11827, NBR-13747, Projeto de Norma CE-02:143.25-011 e demais normas pertinentes da ABNT.

As juntas deverão obedecer à norma NBR-13747 e demais normas pertinentes da ABNT.

Todos os tubos deverão ser fornecidos com as seguintes identificações: diâmetro nominal, marca, ano de fabricação, material e classe.

1.1.2 Conexões de Ferro Fundido

As conexões de ferro fundido com flanges e com bolsas deverão ser compatíveis com tubos de pressão da classe PN-10 e K-7, respectivamente. Deverão, ainda, obedecer às normas NBR-7674, NBR-7675, NBR-7676 da ABNT, ISO 2531 e demais normas pertinentes da ABNT.

As conexões, para aplicação em esgotos sanitários, deverão ser revestidas interna e externamente com pintura betuminosa anticorrosão.

As conexões deverão ser fornecidas completas com anéis de borracha e outros materiais necessários a sua instalação e com as seguintes identificações: diâmetro nominal, marca, e ano de fabricação.

1.1.3 Conexões de Aço

Esta especificação aplica-se a todas as conexões de aço que forem empregadas na obra.

1.1.3.1 Características Normativas e Construtivas

As conexões devem atender a todos os requisitos da norma AWWA C-208-59 para fabricação. Serão fabricadas pelo corte e soldagem de seções de tubos de aço fabricados de acordo com a norma AWWA C-201.

As conexões terão as extremidades com flanges, classe PN 10.

1.1.3.2 Material Construtivo

Chapa de aço ASTM-283-68-GrC

1.1.3.3 Revestimento

a) Jateamento

De acordo com a norma AWWA C-203-66, as peças serão jateadas com granalha de aço ou areia nas superfícies interna e externa, de tal modo que toda ferrugem, casca de laminação e outras impurezas sejam removidas.

b) Revestimento Interno e Externo

O material a ser empregado, espessura da película, tolerância e métodos de aplicação deverão obedecer rigorosamente às especificações AWWA C-203.

Após o jateamento será aplicada uma demão de "primer" em toda extensão das peças, interna e

externamente.

O "primer" será do tipo B (secagem rápida) consistindo de plastificantes sintéticos de borracha clorada e solvente, combinados adequadamente, que produzem um revestimento externo líquido com aplicação instantânea a frio por meio de "spray", o qual produz uma liga eficiente entre o metal e o revestimento subsequente de esmalte COAL-TARENAMEL.

c) Revestimento Interno

Uma vez seco o primer, aplicar o esmalte de coal-tar-enamel, de modo que a superfície interna fique lisa, brilhante, de espessura uniforme, sem rugas, escorrimentos, bolhas ou depressões. A espessura do esmalte será de $3/32''$ + ou - $1/32''$.

d) Revestimento Externo (Pecas Enterradas)

- uma demão de primer idêntica à primeira;
- uma camada de coal-tar-enamel aplicada a quente por processo mecânico com espessura $3/32$ + ou - $1/32''$;
- uma camada de lã de vidro (impregnada até a saturação por coal-tar) aplicado em espiral, espessura $0,018''$;
- uma camada de esmalte coal-tar-enamel aplicado a quente por processo mecânico com espessura mínima de $1/32''$;
- uma camada de feltro de celulose de 15 lb por 100 pés;
- uma demão de cal preparada ou papel KRAFT.

Obs: o revestimento se estenderá até 7" de cada extremidade.

e) Revestimento Externo (Peça Aérea)

Após o jateamento de areia, no local de fabricação, será aplicada:

- uma camada de proteção de tinta na base de cromato de zinco veículo na base de epóxi;
- duas demãos de Friazinc, com espessura total mínima de 90 micra.

Terminada a montagem de tubulação, as partes afetadas desta pintura serão limpas com escovas rotativas de aço e recompostas. Em seguida uma pintura de acabamento, sendo:

- para tubulações aéreas dentro de edificações - tinta na base de epóxi;
- para tubulações aéreas externas a edificações - tinta na base de alumínio, com o propósito adicional de refletir o calor.

f) Revestimento para as Juntas de Campo

O processo de revestimento das juntas soldadas no campo consistirá na limpeza prévia da superfície soldada, aplicação de tinta primária, do esmalte e do material de revestimento especificados; conforme AWWAC-203.

Serão fornecidos os materiais para o revestimento de campo de conformidade com a quantidade exigida para as juntas.

1.1.3.4 Peças de Parede

As peças a serem embutidas nas paredes de concreto, terão as dimensões indicadas nos desenhos anexos correspondentes, com espessura imediatamente superior aos tubos que correspondem.

Levarão acabamento somente na parte interna com "coal-tar-enamel". A parte externa, embutida no concreto, não levará acabamento algum, e nem levará qualquer tipo de tinta ou proteção.

1.1.3.5 Juntas Flangeadas

As juntas terão o anel de vedação de borracha sintética com espessura mínima de 3 mm. O seu diâmetro interno pelos parafusos do flange.

1.1.3.6 Parafusos

Parafusos de aço ASTM A-307 Gr.B, com cabeça sextavada tipo regular, acompanhado de um porca sextavada do tipo pesado (Hexagon Heavy Séries), dimensões de acordo com a norma de tolerância 2 A para o parafuso e 2 b para porca.

Os parafusos e porcas deverão estar completamente isentos de rebarbas, totalmente limpos e receber uma película protetora de óleo que seja solúvel em gasolina.

As porcas deverão ser montadas nos parafusos.

Os parafusos deverão ser embalados em recipientes adequados (caixotes) e acondicionados de modo que roscas fiquem protegidas durante o transporte armazenamento. Cada caixote deverá conter, além da marca normalmente exigida, dimensões e quantidade dos mesmos.

1.1.3.7 Transporte

Para as diversas etapas da carga, transporte e descarga, serão tomados cuidados compatíveis com as recomendações da norma AWWA.

1.1.3.8 Testes e Inspeções

Ensaio não destrutivos:

- Raio x;
- Fluoroscopia contínua;
- Ultrassom;
- Exames com partículas magnéticas;
- Exame com líquido penetrante;
- Teste hidrostático - os tubos são testados hidrosticamente a pressão adequada conforme especificado pela norma.

Ensaio destrutivos:

- Tração e dobramento de corpos de prova soldados segundo a P-NB-262;
- Tração e dobramento de chapas segundo a P-EB-255

Testes químicos:

Para análise quantitativa de materiais metálicos e ensaios de materiais de revestimento.

Inspeção: os tubos deverão ser inspecionados quanto ao estado de revestimentos, regularidade da seção ovalização e acabamento dos biseis das juntas não revestidas.

Os flanges soldados aos tubos deverão ter a solda testada por intermédio de ultra-som e verificados visualmente.

Verificar também com uma régua metálica o empenamento e repuchamento (verificação de esquadro).

1.1.3.9 Garantia do Produto - Marcação

As peças deverão ser fornecidas devidamente "marcadas" com os seguintes informes:

- nome;
- norma;
- diâmetro;
- espessura;
- comprimento;
- peso.

1.2 TAMPÃO DE FERRO FUNDIDO

Os tampões serão do tipo circular, de ferro fundido, classe 300 (300 kN), diâmetro 600 e 900 mm, com inscrição do tipo de emprego (esgoto), nome e logotipo do cliente.

Os tampões deverão apresentar, ainda, sistema de travamento que evite a saída dos mesmos em caso de transbordamento e deverão atender às especificações da Norma NBR-10160 da ABNT.

Em cada conjunto (tampão e telar) deverá ser verificado o perfeito assentamento entre ambos, a fim de que o tampão não fique apoiado em pontos isolados do telar.

1.3 MEDIDOR DE VAZÃO ELETROMAGNETICO**1.3.1 Descrição do Equipamento**

Deverá ser fornecido medidor eletromagnético de vazão desenvolvido para aplicação em tubulações fechadas sem que seja necessária a inserção de qualquer parte mecânica no interior do tubo (sem nenhum contato físico com o líquido). A configuração deverá ser efetuada de modo simples e rápido, auxiliada por menus onde são inseridos os dados do processo como dimensão do tubo, material e temperatura.

Deverá permitir instalação rápida e de baixo custo, não exigindo qualquer tipo de serviço na tubulação.

O medidor de vazão eletromagnético será do tipo carretel entre flanges, no diâmetro da tubulação que for aplicado, com revestimento interno em neoprene, flanges conforme ABNT NBR 7675 PN 10, eletrodos de medição e aterramento, conversor de sinal com indicação da vazão instantânea e acumulada, saída analógica de corrente e saída de pulsos.

Dados técnicos

- **Medidor/Sensor**
 - Faixa de velocidade – 0,3 a 12 m/s;
 - Flanges em aço carbono e acessórios em aço inoxidável AISI 304;
 - Material do tubo - aço inoxidável AISI 304;
 - Revestimento em borracha;
 - Eletrodo em aço inoxidável AISI 316L ou AISI 316 Ti, removível;
 - Invólucro em aço carbono e opcionais em aço inox AISI 304;
 - Temperatura de operação: -5º C a 70º C;
 - Pintura - Primer epoxy, acabamento em poliuretano - RAL 9006;
 - Grau de proteção IP68 – Resinado em fábrica;
 - Conexões elétricas - 2 x 1/2" NPT-F ,com prensa cabo.
- **Conversor Eletrônico**
 - Tipo IFC -010 microprocessado;
 - Invólucro – Base em alumínio e tampa em policarbonato;
 - Classe de proteção - IP 65;
 - Indicação digital – display LCD iluminado;
 - Montagem: remota em parede;
 - Alimentação: 24 VCC / 60 Hz;
 - Saída 4 a 20 mA + Pulsos + Status;
 - Precisão: ± 0,5% do valor medido;
 - Conexões elétricas- 4 x 1/2" NPT-F com prensa cabo;
 - Acessórios
 - Manual de Instruções;
 - Etiqueta de Identificação;

1.4 CONJUNTOS ELEVATÓRIOS**1.4.1 Generalidades**

Para o bombeamento dos esgotos é prevista a instalação, de 2 conjuntos motor- bomba, do tipo submersível.

1.4.2 Condições de Operação

- Regime de operação: contínuo;
- Líquido a recalcar: esgoto sanitário
- Tipo de bomba: centrífuga submersível;

- Corrente elétrica alternada: trifásica, 60 Hz;
- Tensão: conforme estabelecido pelo SEMAE;
- Tipo de operação: manual e com comando remoto a partir de quadro de comando local ou central de operação e automático com chave de bóia;

1.4.3 Requisitos de Projeto

1.4.3.1 Tipo de Bomba

Bomba centrífuga, com rotor tipo aberto, para operar totalmente submersa. A bomba deve ser equipada com cabo para trabalho submerso. O cabo de força deve ter suas medidas de acordo com os padrões IEC.

1.4.3.2 Construção da Bomba

A maior parte dos componentes da bomba deve ser de ferro fundido cinzento, ASTM A-48 Classe 35B, BS 1452 Grade 260 ou DIN 1691 GG25 com superfícies polidas sem falhas de fundição ou outras irregularidades. Todas as porcas, parafusos e arruelas expostos devem ser de Aço Inoxidável AISI 304 ou superior. Todas as partes metálicas em contato com o líquido bombeado, tanto de aço inoxidável como de Ferro

Fundido, devem ser protegidas com uma cobertura aplicada por spray de substância alquídica (alquida) e com acabamento de pintura com oxirane no exterior da bomba.

A selagem da maior parte dos componentes da bomba deve incorporar contatos metal com metal entre superfícies usinadas. Superfícies conjugadas críticas, onde é necessária uma selagem impermeável, devem ser usinadas e munidas de anéis-"O" de borracha nitrílica ou Viton.

O ajuste se dará com a compressão dos anéis-"O" em dois planos e contato dos anéis-"O" de quatro lados sem a necessidade de um limite específico de torque.

Arruelas retangulares seccionadas que requerem torque específico e combinações de selos não devem ser considerados como equivalentes.

1.4.3.3 Sistema de Refrigeração

Cada unidade deve ser provida de um sistema de refrigeração adequadamente projetado, tais como aletas ou camisa de refrigeração. O sistema de refrigeração deve proporcionar condições para operação de bombeamento contínuo de líquido com temperatura de até 40º C.

1.4.3.4 Selagem da Entrada do Cabo

A selagem da entrada do cabo deve impedir a necessidade de um torque específico para garantir impermeabilidade e selagem submersível. A entrada do cabo deve consistir de um único anel cilíndrico de borracha, flanqueado por arruelas, todas tendo uma pequena tolerância de ajuste entre o diâmetro externo do cabo e o diâmetro interno de entrada e comprimido pelo corpo contendo uma função de aliviador de tensões, separadamente da função de selagem do cabo. A câmara de junção da entrada do cabo e motor devem ser separados por uma caixa de ligações, a qual deve isolar o interior de material estranho que ganhe acesso através da cabeça da bomba. Substâncias do tipo epóxi, silicone, vedantes químicos ou outros sistemas de selagem secundários não serão aceitos.

1.4.3.5 Motor

O motor da bomba deve ser de indução, de gaiola ou em curto-circuito alojado em uma câmara de ar impermeável. Os enrolamentos e as ligações do estator devem receber isolamento classe F para 155 °C. O estator deve ser mergulhado três vezes em um verniz classe F e deve ser aquecido para ser encaixado na câmara do estator. O motor deve ser projetado para trabalho contínuo com um líquido bombeado a 40 °C e capaz de até 15 partidas por hora.

Chaves térmicas, programadas para abrir em 125 °C e fechar em um mínimo de 70°C, devem ser encaixadas nas bobinas do estator para monitorar a temperatura de cada fase do enrolamento. Estas chaves térmicas devem ser utilizadas em conjunto ou de uma forma suplementar para proteção de sobrecarga do motor externo e devem ser conectadas ao painel de controle. A câmara de junção contendo a caixa de ligações deve ser hermeticamente selada, separada do motor por um anel O.

Conexões entre os condutores do cabo e as ligações do estator devem ser feitas com compressão dos cabos por parafusos em uma placa permanentemente afixada à caixa de ligações. Porcas de ferro ou outros tipos de conexão não serão aceitáveis.

O motor e a bomba devem ser desenvolvidos e montados pelo mesmo fabricante. O fator de serviço associado (efeito associado de tensão, frequência, e peso específico) deve ser no mínimo 1.15. O motor deve ter uma tolerância de tensão de mais ou menos 10%. O motor deve ser projetado para operação até 40 °C de temperatura ambiente e com um aumento de temperatura que não exceda 85 °C.

Um gráfico de performance do motor deve ser fornecido, mostrando curvas para torque, corrente, fator de potência, potência de entrada e saída e eficiência. Este gráfico deve incluir ainda dados da partida da bomba e características para o trabalho da bomba sem carga.

O motor e o cabo devem ser capazes de trabalhar em contínua submersão em água sem perda da integridade da impermeabilidade de acordo com a proteção classe IP68 (20m). A potência nominal deve ser adequada para que a bomba não sofra sobrecarga em nenhum ponto da curva de performance.

O cabo de força deve incluir dois condutores de 1.5 mm² para o monitoramento das chaves térmicas e dos sensores de proteção opcionais.

1.4.3.6 Rolamentos

O eixo do motor/bomba deve girar apoiado em dois rolamentos permanentes lubrificados à graxa. O rolamento superior deverá ser de rolos de fila única. O rolamento inferior deverá ser de esferas de contato angular para compensar esforços axiais e radiais.

1.4.3.7 Selo Mecânico

Cada bomba deve ser munida de um sistema de selos mecânicos do eixo acoplado que consiste de duas montagens de selos independentes. Os selos devem operar num reservatório de óleo que lubrifica hidrodinamicamente as faces do selo em uma taxa constante. A unidade de selo primária inferior, localizada entre a câmara da hidráulica e a câmara de óleo deve conter um anel de carbeto de tungstênio à prova de corrosão (WCCR) estacionário e um girando positivamente. A unidade de selo superior secundária localizada entre a câmara de óleo e a câmara do motor também deve possuir um anel de carbeto de tungstênio à prova de corrosão (WCCR) estacionário e um girando positivamente.

Cada interface do selo deve ser mantida em contato pelo seu próprio sistema de molas. Os selos não devem requerer manutenção ou ajustes e nem depender da direção de rotação da selagem. Para aplicações especiais outros materiais para o selo devem estar disponíveis.

As bombas deverão possuir um dispositivo que permitam a sua lavagem.

Outros tipos de selos, tais como "Lip seal" ou gaxetas, não serão aceitos. Cada bomba deve ser munida de uma câmara de óleo para o sistema de selagem do eixo, o dreno e o plug de inspeção, para o óleo, devem ser acessíveis do exterior.

1.4.3.8 Óleo

A câmara de óleo deverá ser preenchida com óleo parafínico, não agressivo ao meio-ambiente. O óleo deverá ser livre de hidrocarbonetos aromáticos e aprovado de acordo com a FDA 172.878.

1.4.3.9 Eixo da Bomba

Bomba e eixo do motor devem ser uma única unidade. O eixo da bomba é uma extensão do eixo do motor. Acoplamentos não serão aceitos. O material do eixo deve ser aço inoxidável AISI tipo 431. O uso de juntas de aço inoxidável não será considerado equivalente a eixos de aço inoxidável.

1.4.3.10 Impulsor

O impulsor deve ser de ferro fundido cinzento (ASTM A-48 Classe 35B), hidrodinamicamente balanceado, desenho duplo fechado antientupimento tendo uma grande descarga sem curvas agudas.

O impulsor deve ser capaz de lidar com sólidos, materiais fibrosos, lama pesada e outros materiais encontrados normalmente em águas servidas. Um impulsor tipo de vórtice, com aletas, também pode ser utilizado. O impulsor deve ser chavetado no eixo, fixado por um parafuso Allen e deve permitir uma grande passagem de sólidos. Todos os impulsores devem receber a cobertura de uma resina alquídica. O momento de inércia deve ser fornecido pela fábrica da bomba sob pedido.

1.4.3.11 Anéis de Desgaste

Um sistema de anéis de desgaste, um rotativo e outro estacionário, deve ser usado para promover uma selagem eficiente entre a voluta e admissão do impulsor.

O anel de desgaste deve ser estacionário e feito de metal ou borracha galvanizada em um anel de aço, o qual é encaixado na entrada da voluta. As bombas também devem ter também um anel de desgaste do impulsor de aço inoxidável encaixado após aquecimento na entrada da sucção do impulsor para encaixar o anel de desgaste estacionário.

1.4.3.12 Voluta

A voluta da bomba deve ser uma única peça de ferro fundido cinzento (ASTM A-48 Classe 35B) desenho não concêntrico com passagens largas o suficiente para permitir a passagem de quaisquer sólidos que possivelmente entrem no impulsor.

Admissão mínima e tamanho da conexão de descarga como especificados.

1.4.3.13 Proteção

Todos os motores devem incorporar chaves térmicas em cada fase do enrolamento, conectadas em série. As chaves térmicas devem abrir à temperatura de 125 °C, parar o motor e ativar um alarme.

Opção que deve estar disponível: Sensor de vazamento (FLS), para detectar água na câmara do estator.

Quando ativado, o FLS para o motor e ativa um alarme. Ao usar monitoramento opcional, o fabricante deve fornecer um relé de supervisão para ser montado em qualquer painel de controle.

1.4.4 Testes, Inspeções e Ensaios de Recebimento

1.4.4.1 Testes e Inspeções da Fábrica

A PROLAGOS se reserva o direito de inspecionar as instalações de testes do Fabricante e de manter um inspetor qualificado, se julgar necessário, para acompanhar a fabricação e a realização dos testes.

O Fabricante deverá notificar a data de realização dos testes com pelo menos 15 (quinze) dias de antecedência. Se durante os testes o equipamento não atender aos requisitos especificados e propostos, o Fabricante deverá providenciar as alterações sem qualquer ônus adicional para a PROLAGOS.

Os testes deverão ser refeitos até que os equipamentos tenham funcionamento satisfatório.

As carcaças das bombas deverão ser testadas hidrosticamente à pressão de no mínimo igual a 1,5 vezes a pressão de "shut-off", indicada na curva característica, mantendo-se a pressão de teste durante o tempo necessário, não inferior a dez minutos.

Antes do embarque dos equipamentos, o Fabricante da bomba, deverá executar em sua fábrica, teste de funcionamento e aceitação, com elaboração de curvas, certificados e relatórios correspondentes, os quais deverão ser submetidos à PROLAGOS para aprovação.

As bombas deverão ser testadas de acordo com a norma DIN 1944 classe II, com levantamento de pelo menos seis pontos dispostos ao longo da curva da bomba. Para os pontos levantados deverão ser medidos e garantidos dentro das tolerâncias da norma, as grandezas Q, H, N, NPSH incipiente e BHP.

As informações dos testes deverão incluir vazões, alturas manométricas totais, potência consumida pelo motor, rendimento, rotação e NPSH requerido.

1.4.4.2 Testes e Inspeções no Campo

Após as instalações terem sido completadas e o equipamento interligado ao sistema, deverá ser efetuado o teste de campo do conjunto em data previamente aprovada pela PROLAGOS.

O teste deverá ser testemunhado pela PROLAGOS e pelo Fabricante e serão verificados os seguintes itens:

- Teste de Vibração: os equipamentos serão submetidos a testes de vibração de acordo com a norma VDI e os níveis de vibração deverão situar-se nos limites estabelecidos pela VDI-2056 entre os valores considerados "BONS";
- Temperatura dos Mancais: deverão ser verificados os níveis de temperatura dos mancais com os conjuntos em operação de regime;
- Testes dos Materiais: as peças fundidas serão submetidas a testes conforme DIN. As carcaças estarão sujeitas à análise química, ensaios mecânicos e metalográficos;

A aceitação final do equipamento ficará condicionada aos resultados obtidos nos testes de campo acima mencionados.

Os motores estarão sujeitos a análise química, ensaios mecânicos e ultrassom.

O Fabricante deverá entregar os certificados de matéria-prima da carcaça, rotor, eixos e anéis de desgaste.

1.4.4.3 Ensaios de Recebimento

Se o fornecedor não for capaz de demonstrar à Fiscalização que os equipamentos desempenharão satisfatoriamente o serviço para o qual foram projetados, estes equipamentos poderão ser rejeitados e o Fornecedor deverá então desmontar e retirar os equipamentos, às suas próprias custas e reparar ou substituir os componentes defeituosos.

Após os reparos, os mesmos serão remontados e nova série de ensaios será executada, até que os equipamentos estejam em condições de serem aceitos.

Após o início das operações normais, o Fornecedor deverá supervisionar os ensaios de operação em condições reais de funcionamento. Quaisquer deficiências então observadas deverão ser por ele reparadas e os equipamentos só serão considerados como recebidos para operação quando a mesma for inteiramente satisfatória e de acordo com os termos desta especificação.

Os ensaios de recebimento definitivos deverão ser realizados quando o prazo de garantia estiver preste a se esgotar. Esses ensaios deverão comprovar de forma definitiva a qualidade e desempenho dos equipamentos fornecidos.

Estes serão considerados como recebidos definitivamente quando aprovados pelos ensaios definitivos.

1.4.5 Peças Sobressalentes

As peças sobressalentes previstas para um período de dois anos são as seguintes:

- Anéis de desgastes;
- “KIT” de vedação (anel “O” de vários tamanhos);
- Selo mecânico;
- Rolamentos.

1.4.6 Garantias

Os equipamentos, seus componentes e auxiliares deverão ser garantidos pelo Fabricante durante um período de 18 (dezoito) meses, após a data de emissão de certificados de recebimento para operação ou 24 (vinte e quatro) meses da data de entrega final dos equipamentos, prevalecendo o que ocorrer por último, sem ônus adicional para a PROLAGOS.

As garantias deverão cobrir quaisquer deficiências de projeto, fabricação ou desempenho dos equipamentos.

1.5 VÁLVULAS, EQUIPAMENTOS E ACESSÓRIOS

1.5.1 Válvula de Retenção

Características Normativas e Construtivas

As válvulas serão do tipo portinhola única. Deverão obedecer a todos os requisitos da norma API 594-91, classe PN10.

As extremidades serão flangeadas com faceamento e furação segundo ABNT - NBR-7675(ISO-2531).

Na superfície externa do corpo, em relevo de fundição, deverão constar a identificação do fabricante, a pressão nominal, o diâmetro e uma seta indicativa da direção do fluxo.

A seção interna do corpo da válvula deverá ser maior que a seção nominal, evitando assim qualquer estrangulamento do fluxo com portinhola levantada.

Materiais Construtivos:

- Corpo e portinholas - Ferro fundido dúctil NBR 6916 – classe 42012;
- Eixo limitador, eixo das portinholas e mola - Aço Inoxidável AISI 304;
- Vedação - Borracha sintética tipo Buna N;

Pressões de Serviço e Teste

As válvulas deverão ser fabricadas para a pressão de serviço máxima aproximadamente igual a 1 MPa.

1.5.2 Registro de Gaveta

Os registros de gaveta serão em ferro fundido, de haste ascendente em aço inoxidável ASTM-A-276 tipo 304 equipados com volante para acionamento manual, com flanges para classe de pressão PN-10. Deverão atender à norma NBR-6916 e demais normas pertinentes da ABNT.

Os flanges obedecerão à norma NBR-7675 da ABNT.

1.5.3 Ventosa de Tríplice Função para Esgoto

As ventosas de tríplice função para esgoto deverão apresentar corpo e flanges constituídos por ferro nodular e flutuador em forma cilíndrica de aço inox. Os flanges devem estar de acordo com a Norma NBR 7675 para a classe de pressão PN 10 e diâmetro de 50 mm.

1.6 MONOVIA RETA COM TALHA MANUAL

A monovia a ser instalada nas Casas dos Geradores das elevatórias deverá ser projetada para capacidade de 1,0 tonelada. Será constituída de uma viga em perfil “I”, de aço estrutural ASTM - A36, fixada nas vigas de concreto da cobertura por meio de tirantes igualmente em aço. Será equipada com talha manual com as seguintes características:

- Capacidade de levantamento: 1,0 tonelada;
- Altura de elevação: 4,30 m;

O fornecedor deverá preencher folha de dados indicando todas as características do equipamento.

A superfície da chapa de aço deverá ser preparada ao metal quase branco. Entretanto, a mesma deverá receber pintura: epóxi poliamida, sendo que as espessuras de filme seco do “primer” e acabamento deverão ser mencionadas na proposta técnica.

Deverá fazer parte do escopo do fornecimento, o transporte dos equipamentos até o local da obra, bem como o fornecimento dos seguintes documentos:

- uma via do manual de instalação, operação e manutenção em português;
- desenho esquemático, com os cortes necessários;
- lista de peças e materiais.

O fabricante deverá apresentar na proposta, as seguintes informações técnicas:

- Descrição técnica do equipamento e de suas características construtivas e operacionais que

permita o confronto da proposta com o solicitado nesta especificação;

- Uma via do desenho esquemático do equipamento completo a ser fornecido, com cortes e dimensões indicadas;
- Lista de materiais empregados na construção dos principais componentes;
- Cronograma de fabricação, indicando todas as fases de fornecimento, incluindo inspeções e testes;
- Catálogos e desenhos que auxiliem o perfeito entendimento dos equipamentos;